



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

BENILDE SILVA PORTUGUEZ

**TRANÇANDO (ESCRE)VIVÊNCIAS:
SIGNIFICADOS DO CABELO NA CONSTRUÇÃO DA NEGRITUDE**

FLORIANÓPOLIS

2024

BENILDE SILVA PORTUGUEZ

**TRANÇANDO (ESCRE)VIVÊNCIAS:
SIGNIFICADOS DO CABELO NA CONSTRUÇÃO DA NEGRITUDE**

Dissertação de Mestrado apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia no programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lia Vainer Schucman

FLORIANÓPOLIS

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Portuguez, Benilde Silva

Trançando (Escre)Vivências : Significados do Cabelo na
Construção da Negritude / Benilde Silva Portuguez ;
orientadora, Lia Vainer Schucman, 2024.
113 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Raça. 3. Racismo Capilar. 4.
Psicologia Social. 5. Enegrecer. I. Schucman, Lia Vainer.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Psicologia. III. Título.

Benilde Silva Portuguez

**TRANÇANDO (ESCRE)VIVÊNCIAS:
SIGNIFICADOS DO CABELO NA CONSTRUÇÃO DA NEGRITUDE**

O presente trabalho em nível de Dissertação de Mestrado foi apresentado, avaliado e aprovado, no dia 16 de fevereiro de 2024, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia no programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Composta pela banca examinadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Silvia Costa – UFBA Membro externa;
Prof^a. Dr^a. Kátia Maheirie – UFRN/UFSC Membro interna.

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Coordenação do Programa de Pós-graduação

Prof^a. Dr^a. Lia Vainer Schucman

Orientadora

FLORIANÓPOLIS

2024

Aos meus pais, Zilene Silva e Belarmino Portuguez.

AGRADECIMENTOS

Ao ‘Universo’, por conduzir, guiar e cuidar de mim durante toda essa travessia.

Aos baianos mais queridos deste mundo: minha mãe Zilene de Sousa Silva, que com toda sua paciência e sabedoria acreditou e me apoiou sempre; mamãe é sinônimo de cuidado. É a cuidadora que cuida de mim desde o seu ventre. Com muita calma, me mostra cotidianamente que a vida pode ser vivida com leveza, sem pressa e com muita confiança. Mamis cuidou de quatro filhos; só depois que estávamos quase adultos ela concluiu o ensino médio, depois que “tomamos rumo” ela foi cuidar de outras pessoas nos hospitais de Goiânia, é técnica de enfermagem e, desde sempre, provou que força, coragem e ação não têm idade. Obrigada por ser espelho, Dona Rainha! Obrigada por acreditar e se orgulhar de mim! Recordo-me sempre que ela vive cantando “debaixo dos caracóis dos seus cabelos¹...”

E, meu pai Belarmino Portuguez de Souza, que colaborou e sonhou junto toda minha formação. Meu pai foi o primeiro mestre que tive contato na minha vida. Um mestre que a universidade não reconhece, um mestre que não tem Lattes, mas que sabe construir casas. Meu pai é mestre de obras! Além de fazer moradias, ele é mestre da vida. Com muita sabedoria, soube ser mestre de quatro filhos. Me ensinou sempre a colocar a mão na massa e alicerçar sonhos, compreender projetos e executar bem nossas obras. Orgulhoso, diz que tem uma filha psicóloga, custou entender o que era o tal do mestrado, “pra que isso?”, mas sempre me apoiou. Obrigada por tudo, meu ilustríssimo mestre!

Aos meus três maravilhosos irmãos: Epaminondas Silva Portuguez, que tem o melhor abraço do mundo. Ao Zander Silva Portuguez, meu confidente e ao Heverilson Silva Portuguez, o caçula que sempre me salva com as tecnologias. Manos, vocês me motivam e, consequentemente, me energizam desde a infância até a conclusão deste mestrado; aprendo com vocês cotidianamente e carrego comigo todos os ensinamentos e trocas. Tem muito de vocês aqui neste trabalho, obrigada!

À Nut, a calopsita mais fofa do universo, que me acompanha desde a graduação. Minha companheira de penas, de escrita, leituras, choros e risadas.

Gostaria de agradecer figuras importantíssimas que, desde a minha infância, colaboraram, mesmo que sem saber, para me tornar psicóloga e pesquisadora:

¹ Canção – Debaixo dos caracóis dos seus cabelos de Roberto Carlos

À minha avó materna, Minelvina Cortes – *in memoriam* – que amava passear e sempre que dava me levava junto; ganhou fama de quem “comeu pé de cachorro” por andar demais, e, hoje, sou eu quem carrego essa fama, adoro sair por aí para passear e visitar pessoas queridas.

Ao meu avô paterno, Oliveiro Portuguez – *in memoriam* – que sempre dizia: “devemos morrer de atrevido e não de esmorecido”, vovô partiu aos 96 anos, e eu nunca soube de um dia que ele estivesse esmorecido, essa frase me impulsionou a mudar de estado para fazer o mestrado.

À minha avó materna, Rosalina de Sousa, que além de fazer a melhor tapioca com coco ralado do mundo, demonstra cotidianamente que simplicidade e humildade são características pelas quais devemos nos orgulhar.

Ao meu avô Sérgio Rodrigues – *in memoriam* – que todas as vezes que vou comer peixe, lembro que era seu prato favorito, e que coincidentemente ou não, também é o meu.

Ao seu Pititico (Divino) – *in memoriam* –, um vizinho muito querido, que todas as vezes que nos encontrávamos na rua (eu ainda criança), me contava inúmeras histórias, mas ao final delas sempre dizia “podem roubar tudo de você, menos os estudos”.

Ao meu tio Valdemar – *in memoriam* – que todas as vezes que nos víamos me perguntava como estavam os estudos e, me mostrou que resistir é um ato de coragem.

À madrinha Arnalda, por toda força, orações e bençãos que mesmo de longe, faz questão de me enviar.

Aos meus afilhades Evellyn e Pedro, que mesmo de longe me energizam.

À queridíssima Lia Schucman, que provou que afeto e aprendizado podem sim caminhar juntos, que pesquisa tem que fazer sentido para a(o) pesquisadora(o) e que, além de excelente orientadora acadêmica, que confiou na temática que propus pesquisar, foi amiga e me recebeu em Florianópolis com muito samba e comida boa.

À Eliane Silvia, por ter aceito os convites para compor as bancas de qualificação e defesa, por todas as contribuições, trocas, por ter me potencializado e ressaltado a importância desta pesquisa, e por colaborar tanto com a co-construção, execução e “finalização” desta dissertação de mestrado.

À Marivete Gesser, por ter aceito o convite para compor a banca de qualificação, por todas as contribuições, por possibilitar reflexões acerca da temática que propus inicialmente pesquisar.

À Kátia Maheirie, por aceitar o convite para compor a banca de defesa desta dissertação de mestrado, por todo aprendizado desde os semestres iniciais na disciplina de epistemologia.

A todos as (os) professoras (es) que passaram pela minha vida, desde a tia Lourdes – a professora do jardim de infância – até os professores da universidade.

A todas as trançistas, que com mãos mágicas fazem artes lindas, em especial à Cristé (Azmera tranças), que foi quem estava fazendo arte em meus cabelos no momento que tive o *insight* de pesquisar essa temática.

Aos amigos de vida: Keyllyane, Beatriz, Izzadora, Breno Matheus, Jordean, Murillo, Anna Lídia, Juciele, Jéssica, Matheus Luz, Nathan, Jocilene (*in memoriam*), Flávia, Márcia e Daiane que acompanham meu caminho e, mesmo de longe, se fazem presentes;

Aos amigos: Rogério, Eduarda e Renata, que se prontificaram em ler e me ajudar na construção do pré-projeto para o processo seletivo do mestrado.

Meus amigos que a pós presenteou: o querido alagoano Wagner, que, além de a amizade, me ofereceu também irmandade, companhia, acolhimento, cuidado, escuta e inúmeras outras trocas capazes de fazer sentir calor quando fazia muito frio no Sul do Brasil.

À maravilhosa Thaís, a melhor companhia de cafés, que com muito axé me lembrou que eu não estava sozinha.

Ao nobre baiano Robson, que com muito tempero e dendê proporcionou vivências que levarei para toda vida.

À Lari (gira-girar), ilustre historiadora que em inúmeras conversas foi apoio e foi parceira de muitas giras dialógicas neste tempo que estou em Santa Catarina.

À Ingrid, pelo aquilombamento, afeto e (re)encontros no cotidiano, para além de os muros da UFSC.

A todas as pessoas negras que toparam participar desta pesquisa e falar sobre os significados e sentidos dos seus cabelos, muito obrigada! Este resultado só foi possível graças às contribuições de vocês. O relato de vocês me impulsiona ainda mais a querer pensar, pesquisar e falar sobre negritude.

Ao projeto escuta preta, em especial a: Letícia Lima, Letícia Duarte e Leoni Vitória, que permitiram experienciar as primeiras supervisões que colaborei após ‘estar’ psicóloga.

Ao Núcleo de Pesquisa em Práticas Sociais Estética e Política (NUPRA) e aos professores e colegas de orientação que compõem o Núcleo e colaboraram no meu aprendizado dos últimos anos, e, conseqüentemente, na construção desta dissertação.

Ao Instituto Amma Psique e Negritude, por ter possibilitado encontros riquíssimos recheados de aprendizado e trocas que levarei para todo sempre.

Não poderia deixar de agradecer à dança, em especial ao forró, que foi primordial para conseguir viver no frio. Aquecer-me dançando tornou-se combustível para seguir escrevendo.

Ao Leandro Nunes, pela revisão e formatação textual.

À CAPES, pelo incentivo financeiro.

RESUMO

Na história de muitos brasileiros, o cabelo é parte corporal alvo de diferentes experiências e sensações; marca os sujeitos em sua história de vida, isto porque vivemos em uma sociedade racista atravessada pelo ideal de embranquecimento físico e cultural. O que o cabelo nos diz sobre nossa sociedade? Em que momento o cabelo se tornou uma marca tão poderosa a ponto de causar em pessoas negras efeitos psicossociais que podem durar uma vida? Quais os sentidos de cabelos para pessoas negras? Essas perguntas surgiram da minha própria experiência e da vida de outras pessoas negras, gerando a inquietação que orienta esta pesquisa. Tais indagações nos ajudarão a pensar que, a partir do cabelo dentro de uma sociedade estruturada pelo racismo e o sexismo, se definem lugares dentro do ordenamento social. Ou seja, são produzidos estereótipos racistas e sexistas como: a aparência de suspeito ou de confiável, o feio e o belo, o másculo ou o feminino, o exótico e o civilizado, o elegante ou o desleixado, o recatado ou o sensual, o higiênico/limpo ou o desleixado/sujo, o organizado/centrado ou o desorganizado/desatento etc. Conforme vamos separando as mechas para compor o penteado que faremos ao final, percebemos que o cabelo é político. Esta pesquisa é uma pesquisa qualitativa feita por muitas mãos. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas, ou seja, essa pesquisa conta com 13 histórias da relação entre cabelo e vida de sujeitos com idade média de 30 anos, que receberam nomes fictícios de origem africana. Esses nomes não tiveram escolha aleatória, foram cuidadosamente pensados e têm relação com a história narrada pelos participantes, sejam de vida, ou de alguma característica que eles disseram que gostam ou até mesmo relacionada às suas profissões. Os objetivos específicos foram a compreensão de quais são os sentidos que o cabelo emerge no processo do tornar-se negro; considerando os atravessamentos sociais como: as instituições de educação, de família e de trabalho e, a partir das histórias capilares das(os)(es) participantes, compreender como o racismo capilar opera, inclusive, nestes espaços. Analisou-se, por meio da análise temática, por embasamento da teoria crítica de raça, como o cabelo contribui e pode ser uma via para a construção e manutenção da negritude/beleza negra em sujeitos negros. Por fim, escreveu-se sobre os significados singulares dos cabelos para as pessoas que foram entrevistadas. Consideramos, então, que nossos cabelos podem servir de veículos para a construção e afirmação de nossas negritudes, principalmente de forma positivada, capaz de fortalecer e estruturar as pessoas negras para resistir às violências do racismo.

Palavras-chave: Psicologia Social; Raça; Enegrecer; Racismo Capilar; Pessoas Negras.

ABSTRACT

In the history of many Brazilians, hair is a bodily part that is the target of different experiences and sensations; it marks the subjects in their life history, because we live in a racist society crossed by the ideal of physical and cultural whitening. What does hair tell us about our society? When did hair become such a powerful mark that it has psychosocial effects on black people that can last a lifetime? What are the meanings of hair for black people? These questions arose from my own experience and the lives of other black people, generating the restlessness that guides this research. These questions will help us to think that, within a society structured by racism and sexism, hair defines places within the social order. In other words, racist and sexist stereotypes are produced, such as: the appearance of being suspicious or trustworthy, ugly or beautiful, masculine or feminine, exotic or civilised, elegant or sloppy, modest or sensual, hygienic/clean or sloppy/dirty, organised/centred or disorganised/unattentive, etc. As we separate the strands to make up the hairstyle we'll do at the end, we realise that hair is political. This research is a qualitative study carried out by many hands. Semi-structured interviews were carried out, i.e. this research has 13 stories about the relationship between hair and life from subjects with an average age of 30, who were given fictitious names of African origin. These names were not chosen at random, but were carefully thought out and related to the story told by the participants, whether it was their life story, a characteristic they said they liked or even related to their professions. The specific objectives were to understand the meanings that hair emerges in the process of becoming black; considering the social crossings such as: educational, family and work institutions and, based on the hair stories of the participants, to understand how hair racism operates, even in these spaces. Through thematic analysis, based on critical race theory, we analysed how hair contributes to and can be a way of constructing and maintaining blackness/black beauty in black subjects. Finally, we wrote about the unique meanings of hair for the people who were interviewed. We therefore consider that our hair can serve as a vehicle for the construction and affirmation of our blackness, especially in a positive way, capable of strengthening and structuring black people to resist the violence of racism.

Keywords: Social Psychology; Race; Blackness; Hair Racism; Black People.

GLOSSÁRIO

Alisamento: é um procedimento que consiste no uso de cosméticos químicos, que podem ser classificados em alcalinos ou ácidos, e modificam a estrutura dos cabelos de cacheados ou crespos para lisos ou ondulados, mantendo esse efeito após o enxágue. Fonte: <https://sbdjrj.org.br/>

Big Chop: também chamado pelas siglas iniciais, BC, significa "grande corte"; geralmente realizado quando se decide iniciar a transição capilar, retirando-se assim todo o comprimento do cabelo que tenha algum tipo de química.

Chapinha/prancha/piastra: alisadora de cabelo elétrica que emite alta temperatura, podendo chegar a 200°C, que tem por finalidade modificar a textura capilar a partir da retirada da umidade dos fios, deixando-os com aparência lisa. O material interno, que esquenta, é de ferro, e a parte externa é de material resistente, tipo plástico, que pode ser tocado durante manuseio. (Ver Foto 7 – Anexo A).

Fitagem/finalização: técnica feita com os cabelos umedecidos e creme de pentear ou gelatina de modelar, ou seja, que não necessita de enxágue após aplicação. Muito utilizada por quem decide parar de alisar o cabelo ou por quem tem cabelos cacheados ou crespos e quer que os fios apresentem maior definição.

Progressiva: é um procedimento que usa *shampoo* antirresíduo e, em sequência, um produto desenvolvido para modificar a estrutura do fio. É um processo muito recorrente nos salões de cabeleireiro e que alisa por um longo prazo ou definitivamente. Após aplicado o produto, os fios não voltam mais à textura anterior, pois ocorre uma alteração química.

Relaxamento: uma técnica de mudança da estrutura dos fios, criada nos Estados Unidos em meados de 1950, com o uso de produto químico que semi alisa o cabelo e tem duração de três a quatro semanas.

Tranças: há diferentes tipos de tranças, que podem ser feitas com os próprios fios do cabelo ou adicionando material sintético para colorir e/ou aumentar o comprimento do cabelo. Os tipos mais conhecidos são as tranças africanas (conhecidas também como nagô) e as jamaicanas (tranças longas e finas, conhecidas também como *box braids*).

Trança box braids: box braids ou tranças jamaicanas ou tranças Kanekalon ou tranças sintéticas – são um estilo de tranças finas feitas nos fios naturais com a adição de material sintético para o alongamento do cabelo, é possível deixar do tamanho que quiser, inclusive bem longas. Braids se traduz como tranças, e box significa “caixa”. Então, o nome do penteado se dá porque as tranças são feitas com o cabelo dividido em mechas “quadradas”, ou seja, cada trança fica “em uma caixa”. Fonte: <https://cabeloafro.com.br/>

Touca de Cetim: é uma touca feita com o tecido cetim, muito usada para proteger a definição dos cachos e, também para evitar frizz (uma aparência de arrepiado) em cabelos crespos ou quando se está com tranças.

Transição capilar: consiste em deixar de passar nos fios do cabelo qualquer produto químico que seja para modificar a estrutura dos fios, geralmente produtos que alisam ou que relaxam. É quando as pessoas resolvem “assumir as suas raízes”. (ver Foto 2 – Anexo A).

SUMÁRIO

1 SOLTANDO AS AMARRAS E INTRODUZINDO A TEMÁTICA.....	11
1.1 RELAÇÃO DESTA PESQUISA COM A MINHA TRANSIÇÃO CAPILAR	15
2 OBJETIVOS	19
2.1 DESEMBARAÇANDO O OBJETIVO.....	19
2.2 SEPARANDO AS MECHAS ESPECÍFICAS DA PESQUISA	19
3 COLORINDO A CABELEIRA: A NEGRITUDE COMO UMA QUESTÃO TEÓRICO-CONCEITUAL	20
3.1 CABELO COMO VIA PARA A CONSTRUÇÃO, MANUTENÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA NEGRITUDE E IDENTIDADE NEGRA POSITIVADA	22
3.2 DA RELEVÂNCIA TEMÁTICA: RAÇA E RACISMO NO CAMPO DA PSICOLOGIA BRASILEIRA	25
4 TRANÇANDO O MÉTODO DA PESQUISA	29
4.1 SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	31
4.2 O ENCONTRO COM CADA FIO	32
5 HORA DE NUTRIR, HIDRATAR E REPARAR OS FIOS: ANÁLISES E DISCUSSÕES DE HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS CAPILARES.....	34
5.1 CABELO COMO MARCADOR DA DIFERENÇA E MEIO DE DENÚNCIA INQUESTIONÁVEL	34
5.2 SOBRE O OLHAR DO OUTRO	40
5.3 TRANSIÇÃO CAPILAR: AS DIFERENTES TEXTURAS DO CABELO E DO RACISMO	47
5.4 QUAL É O PENTE QUE TE PENTEIA? DO PENTE QUENTE AO PENTE GARFO .	51
5.5 CABELO PARA TRABALHAR E BOA APARÊNCIA PARA O MERCADO DE TRABALHO	60
5.6 NEGA DO CABELO BOM OU NEGA DO CABELO RUIM?.....	66
5.7 NÃO É PORQUE MEU CABELO ESTÁ “PRESO” OU “ARMADO” QUE ELE É BANDIDO!	72
5.8 DEIXOU DE SER EXÓTICA, AGORA É NEGRA MESMO!	75
5.9 NEM LISO, NEM CACHEADO, ERA UM CABELO BAGUNÇADO!.....	79
5.10 SIGNIFICADOS DOS CABELOS	84
5.11 MEU CABELO, HOJE, SIGNIFICA SAÚDE!	85
5.12 OS MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS DAS CABELEIRAS.....	88

6 FORMANDO UM PENTEADO: CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
7 REFERÊNCIAS	98
8 ANEXOS	104
8.1 Anexo 1 – Fotografias	104
9 APÊNDICES	107
9.1 Apêndice 1 – Roteiro de entrevista.....	107
9.2 Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	108
9.3 Apêndice 3 – Significados dos nomes fictícios escolhidos para cada participante	109

1 SOLTANDO AS AMARRAS E INTRODUZINDO A TEMÁTICA

*A vida é capim, mato, lixo, é pele e cabelo. É e não é.
Olhos d'água – Conceição Evaristo*

A palavra *Cabelo* parece nos falar de uma simples característica física entre a diversidade humana. No entanto, na história de muitos brasileiros, o cabelo é parte corporal alvo de diferentes experiências e sensações; marca os sujeitos em sua história de vida, isso porque vivemos em uma sociedade racista atravessada pelo ideal de embranquecimento físico e cultural. Dessa forma, vale dizer que não são poucos os relatos de pessoas negras que vivem uma vida tentando esconder as ondas, os cachos, o crespo que carregam nas raízes de seus cabelos para se sentirem pertencentes a um suposto ideal de humanidade. Uma fantasia de civilidade mais avançada, de uma suposta superioridade associada à brancura em nosso país.

A partir disso, lançamos os seguintes questionamentos: *O que o cabelo nos diz sobre nossa sociedade? Em que momento o cabelo se tornou uma marca tão poderosa a ponto de causar em pessoas negras efeitos psicossociais que podem durar uma vida? Quais os sentidos de cabelos para pessoas negras?* Essas perguntas orientam aquilo que pretendi investigar. A partir dessas perguntas na minha vida e na vida de pessoas negras próximas que surgiu a preocupação para compor esta pesquisa.

Assim, *cabelos* é o tema central desta dissertação. A primeira vez que essa temática veio à minha cabeça foi em um momento muito especial para mim. Isso ocorreu quando eu recebia, com muito cuidado e zelo, tranças em meu cabelo por meio das mãos de uma trancista negra de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Dias antes – na verdade, um mês e quinze dias, para ser mais precisa –, numa conversa com a professora Lia Schucman, ao pensarmos sobre o desafio de decidir qual seria a minha pergunta de pesquisa e no ensejo de orientar os meus passos futuros, a professora Lia disse: “a sua pergunta de pesquisa tem que ser algo que te faça brilhar os olhos”. Fui para casa com aquele pensamento. Na época, meu projeto estava intitulado “A cor da solidão: o solitário mundo das mulheres negras”. Foi aí que pensei que teria que mudar de projeto, pois não era aquilo que fazia os meus olhos brilharem e não me motivava tanto se compararmos ao tema que surgiu posteriormente.

Voltemos ao momento das tranças. Havia escolhido o modelo *box braids*² longas, cuja aplicação demora muitas horas. Como eu estava fazendo as tranças na minha casa, resolvi ler e o livro que se encontrava ao meu alcance era o *Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor*,

² Consultar glossário.

livro de autoria da própria Lia Schucman. Lendo alguns trechos do exemplar em voz alta, com foco no capítulo intitulado “Da química ao crespo” tive um *insight*: pesquisar cabelo, tranças, transição capilar, *Big Chop*³... Rascunhei à mão numa folha que estava na mesa à minha frente e cheguei na semana seguinte com a ideia para pensar e dialogar novamente com minha orientadora.

A partir daí, um novo projeto de pesquisa se iniciou. Contudo, tive muitas surpresas nesse caminho durante a construção, pois me deparei, incontáveis vezes, com o quanto esse tema me atravessa. Esse tema retrata os cabelos e dialoga com as vivências da minha mãe, dos meus irmãos, das minhas tias, das minhas primas, de amigas e amigos de infância e de amigos que conheci tanto no percurso da graduação, em Goiás, quanto na pós-graduação, em Santa Catarina. Além do mais, esse tema diz de mim e da minha experiência capilar.

Por isso, me coloco aqui como uma pesquisadora negra encrespada e, por essa razão, também participante da pesquisa, uma vez que em muitos momentos me deparei tentando (re)formular ou responder às questões do roteiro de entrevista (Apêndice A). Tal movimento me provocava rememorar episódios, na maioria das vezes tristes e dolorosos que hoje consigo identificar/nomear, e que estão diretamente relacionados a falas racistas antinegras ouvidas desde o período da infância até os dias atuais.

Portanto, anuncio a aparição e participação de várias “Benildes” neste trabalho: mulher, negra, brasileira, afro-latinoamericana, criada num bairro periférico de Goiás, filha de baianos que não tiveram a oportunidade de estudar em instituições de ensino superior, irmã de três homens negros, primeira graduada da família em uma universidade federal, psicóloga, pesquisadora, militante e tantos outros lugares que ocupo socialmente, os quais respingam e refletem tanto na minha análise quanto na minha escrita.

Dessa forma, esta pesquisa parte do pressuposto de que todo pesquisador fala de um lugar, que forma seu lócus de anunciação (Anzaldúa, 1987) e, portanto, há uma implicação pessoal nesta escrita. Ou, como afirmam Martins Filho e Narvai (2013) e Merhy (2004), os sujeitos que produzem conhecimento científico são motivados por algo que os mobiliza, o que, no meu caso, é o cabelo.

Com isso, ao me distanciar das noções de neutralidade e imparcialidade, afirmo o meu lugar de implicação enquanto pesquisadora na produção de conhecimento, pois entendo que a escolha do tema de pesquisa está diretamente relacionada à minha história de vida. Este tema

³ Big Chop ou BC significa “Grande Corte” – consultar glossário.

me atravessa, aparece e surge constantemente no meu dia a dia, ele está, literalmente, na minha cabeça.

Ao adotar cabelo como tema de estudo, me proponho a produzir um saber parcial e situado, como sugere Haraway (1995). Isto é, não tenho a pretensão de produzir análises neutras ou universalistas, mas busco demarcar o meu lugar de enunciação e me colocar aberta a contestações. Já que falo de um lugar específico, enquanto sujeito-mulher-negra, como nomeia Evaristo (2020), demando aqui:

[...] uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e realidades – não há discursos neutros. Quando acadêmicas[os] brancas/os afirmam ter um discurso neutro e objetivo, não estão reconhecendo o fato de que elas e eles também escrevem de um lugar específico que, naturalmente, não é neutro nem objetivo ou universal, mas dominante. É um lugar de poder. (Kilomba, 2019, p. 58)

Produzo, assim, uma escrita viva, uma escrita de dentro que diz da minha vivência – uma escrevivência, nas palavras da linguista e escritora Conceição Evaristo (2020), que cunhou o termo “escrevivência”, cuja junção advém de *escrever* e *vivência*. Tal escrita é pessoal, mas, como me ensinam as feministas negras, o pessoal é político e o político é pessoal (Collins & Bilge, 2020; Gomes, 2009; Gonzalez, 1984; hooks, 2019; Kilomba, 2019). Nós, pessoas negras, nos tornamos sujeitos quando ousamos falar por conta própria, contar nossas histórias e escrever ou falar sobre nossas vivências, pois isso nos retira do lugar de objetificação/coisificação (Gonzalez, 1984). Ainda de acordo com Gonzalez (1984, p. 225, grifo nosso):

Ora, **na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira**, pois assim o determina a lógica da dominação [...] assumimos aqui [o] ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, **o lixo vai falar, e numa boa**.

Sendo assim, é importante ressaltar que falar não é um ato simples para sujeitos negros, pois romper o silêncio evoca ter que lidar com dores profundas acometidas pelas violências racistas sofridas. Já na introdução da sua obra *A cor do inconsciente: Significações do Corpo Negro*, Isildinha Baptista Nogueira (2021) infere sobre os sentidos que acompanham o racismo e faz considerações referentes à atual situação ao afirmar que “o negro pode ser consciente de sua condição e das implicações histórico-políticas do racismo, mas isso não impede que ele seja afetado pelas marcas que a realidade sociocultural do racismo deixou inscritas em sua psique” (Nogueira, 2021, p. 34).

Entretanto, a nossa fala “é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos [...]. Sendo assim, é um ato de coragem” (hooks, 2019, p. 36). Para a bell hooks, erguer a voz é:

[...] um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta. (hooks, 2019, p. 39)

A partir das reflexões trazidas, concebo meu processo de escrita como uma estratégia científica capaz de denunciar os efeitos do racismo na estética negra, bem como apta para refletir sobre as estratégias de resistência (geralmente coletivas) para as pessoas negras. Sendo assim, como uma pesquisadora engajada, busco produzir uma “ciência-ativista” (Collins & Bilge, 2020) que atua politicamente no enfrentamento do racismo, pois como nos orienta Evaristo (2007, p. 16): “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”.

Em tempo, afirmo que o fato de minha escrita ser pessoal, não quer dizer que ela seja individual. Como diz Sued Nunes em sua canção: “eu sou uma, mas não sou só”⁴. Em outras palavras, a minha escrita é povoada por muitas vozes, é uma escrita feita a muitos fios, fios de diferentes texturas, cores e volumes. Assim, me coloco no desafio de *pentear com palavras* a partir da tentativa de trançar vivências plurais, na verdade resolvi escrever a fala de meu povo, como bem coloca Conceição “Um dia, ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos.” (Evaristo, 2017, p.177). Trançar uma dissertação é/foi uma tarefa coletiva! A nossa escrevivência não é uma escrita voltada para a história de um sujeito, mas sim, para a história e a experiência de uma coletividade negra (Evaristo, 2020).

Portanto, neste trabalho anuncio não apenas o meu cabelo, mas os cabelos de muitas pessoas, em especial, de pessoas negras. Tento descrever e escrever, transformar as falas relatadas das pessoas em escritos, pretendo trançar esses relatos no texto. No decorrer deste trabalho, percebo-me “contaminada” por vários fatores que motivam a minha escrita: teatro (Anexo A - Foto 1), música, arte, a estética dos penteados, me permitindo mudar o cabelo várias vezes nesse percurso. “Nossa escrevivência traz a experiência” (Evaristo, 2020, p. 30).

⁴ Música “povoada” de Sued Nunes.

1.1 RELAÇÃO DESTA PESQUISA COM A MINHA TRANSIÇÃO CAPILAR

“Soltei meus cabelos, deixei de cortar minhas raízes para cortar as raízes do seu racismo”. –
Silva – *Deixei de cortar minhas raízes*⁵

Esta pesquisa faz muito sentido para mim, pois passei recentemente pela transição capilar (ver Anexo A - Foto 2: Linha do tempo – Fases da transição capilar), ao iniciar o processo em 01 de maio de 2020. No final de março de 2020, quando os salões de cabeleireiro estavam fechados em razão da pandemia da covid-19, resolvi comprar os materiais para fazer alisamento⁶ capilar (progressiva⁷) em casa. Sem os salões para me atender, fiz sozinha o procedimento e durante a realização – que não foi diferente das outras vezes que havia feito –, meus olhos começaram a arder ao ponto de lacrimejarem e não se manterem abertos; fiquei me perguntando o porquê de estar fazendo aquilo. Tempos depois, considerei como uma ação violenta, já que o uso desses produtos prejudica a saúde externa (do couro cabeludo, do cabelo em si, da pele...) e interna (dos órgãos – principalmente do pulmão) ao inspirarmos o vapor que sai do secador ao ser utilizado nos fios com a química que ali se encontra.

Resolvi, então, que aquele seria o último dia que eu usaria produtos químicos para alisar o meu cabelo. Foi a partir daí (em julho do mesmo ano) que fiz tranças pela primeira vez (ver A 1ª trança na Linha do tempo – Fases da transição capilar – Anexo A – Foto 2), junho de 2020 – no estilo *box braids* longas – do tipo trança jamaicana, e desde então passei a assumir esse cabelo. Nascida e criada em Goiás, considerada “morena” na maioria dos lugares em que frequentava (no âmbito do trabalho, da família, da instituição de ensino superior...), comecei a me deparar com falas racistas com bastante frequência e, em sua maioria, senão em todas elas, o alvo e o pontapé inicial para tal ação eram “comentários” sobre o meu cabelo.

Foi a partir daí que o racismo ficou ainda mais explícito. Na compra do material para trançar (no caso, linha sintética), o dono de uma loja de aviamentos (estabelecimento comercial que vende predominantemente produtos para produção de artesanatos) me disse: “você não vai colocar isso no seu cabelo, não, né?! Ele fica mais bonito assim do jeito que tá”. Também as idas ao *shopping* eram recheadas de falas e comentários preconceituosos, com indagações do

⁵ Citação do poema “Deixei de cortar minhas raízes”, de Jânio Silva – poeta capixaba.

⁶ Consultar glossário.

⁷ Consultar glossário.

tipo “como você lava o seu cabelo?” e perseguição do segurança da adega de um hipermercado no mesmo *shopping*. Havia também “convites” para deixar minha bolsa pessoal no guarda-volumes de um supermercado em que eu já estava habituada a ir...

Após constantes episódios racistas como esses, percebi que algo estava diferente, algo havia mudado. Comecei a alisar o cabelo aos 11 anos de idade, com o uso de relaxamento e, quando abandonei esse procedimento, houve um estranhamento de minha parte após a ocorrência frequente de situações como estas aqui citadas. A psicóloga Grada Kilomba (2019) faz a metáfora do racismo cotidiano como um ato de colonização e aponta que o racismo humilha pessoas negras e tenta colocá-las novamente em uma cena semelhante e tão invasiva quanto a colonial.

A contar desses momentos cotidianos, ainda no estado de Goiás, comecei a ler obras como: *Tornar-se negro*, de Neuza Santos; *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon; *Racismo estrutural*, de Silvio de Almeida, dentre outras, e, foram essas leituras que me ajudaram a nomear o que estava se passando comigo. Os racismos estrutural, institucional e interpessoal não somente explicavam como também justificavam muito bem o que estava acontecendo no meu dia a dia, numa latência e numa magnitude explicitamente maior após ter decidido assumir as minhas raízes.

Meu interesse pelo tema e objeto científico de investigação perpassa e cruza com os fatos de eu ser uma mulher negra que passou por transição capilar recentemente e encontrou nas tranças uma via de auxílio durante todo o processo da transição do cabelo; bem como ter sido atravessada, durante a trajetória particular, pelo racismo presente em nossa cultura e sociedade brasileira. Ser psicóloga e ter experienciado nos níveis de educação básica e superior na qualidade de educanda negra diferentes vivências e acontecimentos decorrentes das desigualdades intervenientes de marcadores étnico-raciais. Além disso, dialogar com transistas negras sobre a arte e o trabalho que elas produzem potencializou o interesse em pesquisar essa experiência em outras pessoas negras.

Como justificativa, o presente trabalho possui importância social e relevância para a psicologia, no que tange ao campo do conhecimento sobre a relação de pessoas negras e cabelo, na sua dimensão política. A realidade vivenciada por mulheres negras e homens negros em sua relação com o cabelo perpassa fatores capazes de discussão e reflexões que são de interesse à psicologia, já que considero que o cabelo é uma via de produção de subjetividade e de resgate e manutenção de negritude numa sociedade de racismo antinegro.

Entretanto, este assunto, como tema central, pode sofrer fortes resistências no campo da pesquisa, inclusive no âmbito da psicologia. Essa afirmativa se valida se considerarmos que a

estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas é pautada no racismo/sexismo epistêmico (Grosfoguel, 2016). Bem como, a própria formação em psicologia no Brasil tem demonstrado fragilidades no que diz respeito a pensar os impactos do racismo nas subjetividades negras dado a sua centralidade em epistemologias brancas-elitistas-masculinistas-eurocêntricas (Veiga, 2019). Dessa forma, adotar este tema de investigação pode suscitar aquilo que a pedagoga Nilma Lino Gomes (2002), referência histórica e nacional na temática, especialmente com sua tese de doutorado intitulada *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*, ressalta que quando investigamos a questão racial, devemos considerar que ser negro no mundo está diretamente relacionado a uma dimensão estética, que envolve um corpo com uma aparência que pode ou não resgatar de forma positiva as nossas raízes ancestrais africanas, recriadas no Brasil.

A academia é um espaço que permite levantar e debater temas como este. A Psicologia Social é a área que mais aciona conteúdos muitas vezes deixados de lado, mas plenamente passíveis de discussões. Como expõe bell hooks⁸, devemos encarar “o desafio de falar sobre aquilo que não foi falado” (hooks, 2019). Por isso, vislumbro aqui uma abertura para compreender esta temática, que pode contribuir academicamente e socialmente em razão de que esta pesquisa possui relevância teórica, pois o assunto aqui apresentado, mesmo que seja um conteúdo muito recorrente nas redes sociais, em algumas instituições, e até mesmo na “indústria da beleza”, ainda é uma temática que carece e necessita de discussões.

Ainda no que diz respeito à relevância social, este trabalho fomenta pensar a negritude – tendo como vias principais o corpo e o cabelo –, o que pode favorecer pensar o processo de “tornar-se negro”, que segundo a premissa de Neusa Souza, coloca a afirmação da negritude em um sentido político. No tocante, esta pesquisa pode ser um meio que corrobora para a discussão e manutenção da autoestima de pessoas negras, pois o fenótipo é um fator fundamental para a identificação racial das pessoas em nosso país. Por isso, raça enquanto categoria não tem como ser discutida sem o fator estético das pessoas, e o cabelo é um significante extremamente importante nessa análise. Em suma, discutiremos a racialização do cabelo e como isso atravessa subjetividades.

Gostaria de explicitar que este trabalho não diz respeito a uma crítica e/ou qualquer tipo de julgamento às pessoas negras que possuem cabelos não lisos, e preferem utilizar produtos que alisam os fios. Entendemos que a forma como a pessoa deixa, trata e prefere usar o seu cabelo não está diretamente relacionada à constituição da negritude. O fato é que se tornar negro

⁸ Gloria Watkins utiliza o nome bell hooks, escrito em letras minúsculas, para definir a sua voz de escritora (hooks, 2019).

não tem como pré-requisito ter cabelos cacheados, ondulados ou crespos. Até porque pessoas negras que possuem cabelos lisos, naturalmente ou não, também podem ter concebidas em si uma negritude fortemente positivada.

Penso ser importante ressaltar também que *cabelo* é apenas a ponta do iceberg. O cabelo pode ser um “disparador” para a violência racial. Durante a minha vida e no trajeto da realização desta pesquisa, escutei várias formas distintas de nomear os tipos de cabelos, sobretudo de pessoas negras, ouvi: encrespada, crespo, crespinha, sarará, ondulado, cacheado, ruim, bom, pixaim, *black*, juba, sapecado, vassoura, ressecado, juba-de-leão, volumoso, rebelde, duro, toin-oin-oin, de parafuso, mola, encaracolado, de bombril, palha de aço, assolan, dentre outros. A partir de tudo isso, compreendemos que tem muita coisa amarrada no cabelo.

Por isso, convido vocês a soltar suas madeixas e perceber, junto comigo, as inúmeras possibilidades que podemos fazer com os fios de cabelo. Podemos: trançar, amarrar, cortar, repicar, rapar, pintar, hidratar, ou quem sabe, para hoje, um cafuné ou uma boa massagem no couro cabeludo. Vamos lá?

2 OBJETIVOS

2.1 DESEMBARAÇANDO O OBJETIVO

As perguntas que me guiaram nesta pesquisa foram: *O que o cabelo nos diz sobre nossa sociedade? Em que momento o cabelo se tornou uma marca tão poderosa a ponto de causar em pessoas negras efeitos psicossociais que podem durar uma vida? Quais os sentidos dos cabelos para as pessoas negras?* Para compreender o lugar do cabelo na vida de pessoas negras e responder estas indagações, construí meu objetivo de pesquisa: *Investigar os sentidos e o lugar que o cabelo ocupa na construção da negritude destes sujeitos.*

2.2 SEPARANDO AS MECHAS ESPECÍFICAS DA PESQUISA

Como objetivos específicos pretendo:

- i. Compreender quais são os sentidos que o cabelo emerge no processo do tornar-se negro;
- ii. Pensar sobre as instituições: de educação, de família e de trabalho e, a partir das histórias capilares das(os)(es) participantes, compreender como o racismo capilar opera, inclusive, nesses espaços.
- iii. Analisar como o cabelo contribui e pode ser uma via para a construção e manutenção da negritude/beleza negra em sujeitos negros.

3 COLORINDO A CABELEIRA: A NEGRITUDE COMO UMA QUESTÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

O martinicano Aimé Césaire, o senegalês Léopold Sédar Senghor e Léon-Gotran da Guiana Francesa foram os criadores do conceito de “negritude”. No Brasil, foram Lélia Gonzalez e Abdias Nascimento – que inclusive estavam presentes representando o país no discurso sobre negritude feito por Aimé Césaire em fevereiro de 1987, em Miami. Anos depois, Kabengele Munanga, Petrônio Domingues e, recentemente, Érico Andrade voltaram a discutir este conceito.

No discurso citado acima, Aimé Césaire revela explicitamente que:

A Negritude não é uma pretensiosa concepção do universo. É uma maneira de **viver a história dentro da história**; a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular, com suas deportações de populações, seus deslocamentos de homens [e de mulheres] de um continente a outro, **suas lembranças distantes, seus restos de culturas assassinadas**. (Césaire, 1987, p. 109, grifo nosso)

Nesta dissertação, proponho pensar a negritude / identidade negra – tendo como vias principais o corpo e o cabelo –, o que pode favorecer a compreensão do processo de “tornar-se negro”, que segundo Neusa Souza, envolve entender que a afirmação da negritude é uma ação política (Souza, 1983). Como já dito, esta pesquisa corrobora para a discussão da aquisição e manutenção de autoestima em pessoas negras, afinal, o fenótipo é imprescindível para a identificação racial das pessoas em nosso país. Por isso, raça enquanto categoria não tem como ser discutida sem o fator estético das pessoas, o corpo e o cabelo são significantes extremamente importantes para as categorias de análises que discutiremos neste trabalho.

Munanga, em sua obra intitulada *Negritude: usos e sentidos* reforça que a negritude, mesmo tendo sua origem na cor da pele negra, não é de ordem biológica. Logo, a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de melanina entre brancos e negros. A negritude e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos negros, e cabelo e corpo podem ser importantes vias para essa conexão. Pois, é através da aceitação das características físicas de sua negritude que ocorre a recuperação dessa identidade, porque o corpo é a sede material dos aspectos identitários. Por isso, essa aceitação precisa ocorrer antes de atingir os demais atributos, como por exemplo: mentais, culturais, intelectuais, psicológicos e morais.

Um fator comum dos corpos negros consiste no fato de que são um território de memória de opressão, um território que é vítima de racialização contínua (Andrade, 2023). As pessoas

negras são frequentemente reportadas aos seus corpos para serem identificadas como inferiores, imorais, feias, desinteressantes, exóticas, irracionais, etc. Isildinha Nogueira ressalta a importância de nos atentarmos para os corpos negros, visto que pessoas negras têm marcas no psiquismo que pessoas brancas jamais compreenderão; são marcas criadas e deixadas pelo racismo (Nogueira, 2021).

Fanon, atrela a concepção de negritude a um discurso contra-hegemônico, que se opõe à hegemonia sedimentada, que diz respeito ao discurso dominante, que é o racismo, que coloca, nós pessoas negras, numa situação que aprisiona. “O racismo colonial não difere dos outros racismos” (Fanon, 2008, p. 87). Esta condição de raça já está dada pelo ocidente, ela respingará na produção da subjetividade das pessoas negras; logo, um sujeito negro ao nascer nessa situação – no mundo dos brancos, onde são os brancos quem detêm o poder, que possuem privilégios, são eles a norma – cujo negro terá que produzir sua própria subjetividade. Essa situação traz a ideia de humilhação, pois a referência de humanidade está no branco (Fanon, 2008).

Na sequência, Fanon assevera: “Se o branco contesta minha humanidade, eu mostrarei, fazendo pesar sobre sua vida todo o meu peso de homem, que não sou esse y’a bon banania⁹ que ele insiste em imaginar.” (Fanon, 2008, p. 189, nota minha) Ou seja, segundo Fanon, a saída seria o humanismo radical, em que o branco teria que se desprender da superioridade e o negro da inferioridade. Pois, ao se criar dois ideais – o ideal de branco e ideal de negro – não há identificação inteira por algo; então, a ideia de que há um negro realmente negro também é uma armadilha ocidental. Portanto, só é possível se tornar novo humano se quebrar os dois ideais, porque ambos produzem sofrimento psicossocial.

“Se historicamente a negritude é, sem dúvida, uma reação racial negra a uma agressão racial branca, não poderíamos entendê-la sem cercá-la sem aproximá-la do racismo do qual é consequência e resultado.” (Munanga, 2020, p. 15) A partir do que Munanga discute em *Negritude: usos e sentidos*; observamos que muito se tem discutido sobre branquitude, inclusive em espaços onde a negritude também deveria ser debatida, isso nos remete a concluir que é ainda o branco hegemônico quem tem espaço para ser pauta; quando o assunto é referente às

⁹ A expressão y’a bon banania remete a rótulos e cartazes publicitários criados em 1915 pelo pintor De Andreis, para uma farinha de banana açucarada instantânea a ser usada “por estômagos delicados” no café da manhã. O produto era caracterizado pela figura de um tirailleur sénégalais (soldado de infantaria senegalês usando armas de fogo), com seu filá vermelho e seu pompom marrom, característicos daquele batalhão colonial. O “riso banania” foi denunciado pelo senegalês Léopold Sedar Senghor em 1940, no prefácio ao poema “Hóstias negras”, por ser um sorriso estereotipado e um tanto quanto abestalhado, reforço ao racismo difuso dominante. Em 1957 o publicitário Hervé Morvan criou uma versão mais gráfica, mais modernizada, do “sorriso banania”, permanecendo sua estilização em uso nas caixas do produto até o início da década de 1980. Informações na página 47 – Livro Pele negra, máscaras brancas.

peessoas negras, existe lugar somente se a temática for atrelada à violência, à morte (genocídio da população negra, por exemplo).

Mas estamos cansadas(os)(es) deste tipo de discussão; queremos falar sobre as nossas belezas e co-construir uma negritude positivada, tendo, assim, a possibilidade de resgatar o que nos é negado há séculos neste país. Nilma Lino Gomes ressalta que foi justamente por causa do racismo que pessoas negras tiveram que politizar a beleza negra, valorizando, dessa forma, o cabelo crespo (Gomes, 2020). Por isso, o cabelo é político e pode ser uma via para a construção e manutenção de uma negritude positivada.

3.1 CABELO COMO VIA PARA A CONSTRUÇÃO, MANUTENÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA NEGRITUDE E IDENTIDADE NEGRA POSITIVADA

*Orgulho preto, manas e manos
Garfo no crespo, tamo se armando*

*De turbante ou bombeta
Vamo jogar, ganhar de lambreta
Problema deles, não se intrometa
Olha a coisa tá ficando preta*

...

*Se eu te falar que a coisa tá preta
A coisa tá boa, pode acreditar
Seu preconceito vai arrumar treta
Sai dessa garoa que é pra não molhar*

A Coisa Tá Preta - Canção de Rincon Sapiência¹⁰

O cabelo pode ser considerado um instrumento de constituição de negritude, pois os penteados, tamanhos, formatos, cores e modelos podem ser um meio de autoidentificação, bem como de identificação de terceiros “os grupos sociais se reconhecem a si mesmos e aos outros” (Gomes, 2020, p. 139). Por esse motivo, para além de “tornar-se negro” da forma como Neuza Souza¹¹ apresenta, é primordial – e não menos importante – saber-se negro, isto é, reconhecer-

¹⁰ Rincon Sapiência é um *rapper*, negro, paulista, que lançou um clipe e uma música intitulada *A coisa tá preta* propositalmente na data de 13 de maio de 2016, dia da abolição da escravatura no Brasil. A faixa compõe seu disco chamado *Galanga Livre*, o álbum recebe esse nome em homenagem ao rei do Congo que veio para o Brasil como escravo; existe uma lenda chamada Chico-Rei que conta a história deste rei, cujo nome verdadeiro era Galanga (Redação Hypeness, 2020).

¹¹ Em sua obra de 1983, intitulada *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, Neuza Santos Souza ressalta que “ser negro não é uma condição dada, *a priori*. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.” (p.77) (grifo nosso).

se como negro, como Nilma Lino Gomes revela. Porquanto, “a contradição rejeitar-se e aceitar-se como negro e, mais ainda, rejeitar-se como negro para ser aceito socialmente, constitui a vivência cotidiana desses sujeitos (...) da relação do negro com o corpo e com o cabelo, num intenso e denso processo de tornar-se negro” (Gomes, 2020, p. 151).

A *constituição de sujeito* será uma categoria adotada por meio da perspectiva da abordagem sócio-histórica que tem por pressuposto “a origem e a natureza social e histórica do sujeito” (Molon, 2011, p. 615). Ao qual argumenta, a partir das contribuições do psicólogo russo Vygotsky, que o sujeito é constituído pelo outro e pela linguagem (Vygotsky, 1987; 2001).

No decorrer da pesquisa, foi percebido em muitos relatos, tanto nas entrevistas quanto em conversas informais, que o assunto cabelos surgia em algum momento, e que a percepção que as pessoas possuem tanto sobre sua raça quanto pelo seu cabelo é por meio do outro. Através de *feedbacks*, ‘pedidos’, ‘convites’, tratamentos diferentes, e até relatos de episódios de racismo, percebeu-se que a compreensão vem de fora para dentro. É por intermédio de algumas introjeções, ditas e experienciadas por meio do contato com o outro que o sujeito vai se constituindo e se percebendo no mundo.

Com relação a isso, Molon (2011, p. 617) retoma o trabalho de Vygotsky para explicar como esses processos ocorrem no momento em que ela diz:

Vygotsky busca compreender o vivido por “dentro” que veio de “fora”, mas que não se cristaliza, não se torna estático ou estável, porém não é inefável nem indolor, pelo contrário, é significativamente sentido e vivido nas experiências, nas pausas, nas (in)determinações das in(ter)venções e nas situações em que o sujeito se posiciona. Coloca-se, então, o problema do outro: qual o alcance do outro, o que o outro capta, qual é o alcance de cada um, o que cada um capta. O olhar do outro sempre será diferente, mas precisa-se dele para se enxergar de forma diferente. Nessa perspectiva, o sujeito é uma unidade múltipla que se realiza na relação Eu-outro; ou seja, é na relação com os outros e por ela, é na linguagem e por ela que alguém se constitui sujeito e é constituinte de outros sujeitos. (Molon, 2011, p. 617)

Ao abordarmos a questão da negritude, estamos nos referindo principalmente a uma dimensão política, ideológica e cultural, como afirma Petrônio José Domingues:

No terreno político, negritude serve de subsídio para a ação do movimento negro organizado. No campo ideológico, negritude pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana. (Domingues, 2005, p. 194)

O fato de pessoas negras frequentarem salões e fazerem procedimentos que remetem à cultura afro pode ser uma prova de que o cabelo intensifica a passagem por esse processo; “o

movimento da negritude, cumpriu um papel revolucionário, rompendo com os valores da cultura eurocêntrica” (Domingues, 2005, p. 194). A negritude se coloca numa perspectiva teórico-prática em face da valorização da cultura e da identidade racial negra, sendo contraproducente à opressão colonial. Inclusive, essa ação pode potencializar o “resgate da autoestima, o interesse pela sua própria raça” (Gomes, 2020, p. 136).

Sancionado como “o pai simbólico do movimento de tomada de consciência de ser negro” (Domingues, 2005, p. 195), e que “merece também o nome de Pai da Negritude” (Munanga, 2020, p.44), além de ser pioneiro do movimento nomeado como pan-africanismo, W. E. B. Du Bois¹² foi um dos intelectuais mais significativos para chegarmos na definição de negritude. No entanto, as discussões envolvendo a valorização da identidade negra iniciou antes mesmo da formulação da palavra negritude que atualmente encontra diferentes usos e sentidos. Segundo Domingues (2005, p. 194), a negritude “passou a ser um conceito dinâmico”, ou seja, a “negritude é um conceito multifacetado, e para ser compreendida precisa estar sob a luz dos contextos históricos distintos a qual se embasa.

O antropólogo e professor Kabengele Munanga (2020, p. 19) nos lembra ainda que:

É importante frisar que a *negritude*, embora tenha sua origem na cor da pele negra, não é essencialmente de ordem biológica. De outro modo, a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos. A *negritude* e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. A *negritude* não se refere somente à cultura dos povos portadores da pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é como parece indicar, o termo Negritude à cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas. (Munanga, 2020, p.19)

O cabelo é político. Os estudos contracoloniais¹³ apontam que não existe modernidade sem colonialidade, e raça é uma categoria colonial (Fanon, 2008; Grosfoguel, 2016; Kilomba, 2019; Lugones, 2020; Quijano, 2005), que foi criada para justificar a opressão e a colonização do povo das Américas e do povo negro, e para legitimar a colonização. A colonialidade persiste ainda hoje, a branquitude é prova disso (Bento, 2022). Então, podemos pensar na transição

¹² William Edward Burghardt Du Bois foi um dos maiores intelectuais do movimento negro. Sociólogo foi o primeiro homem negro a receber um Ph.D. da Universidade Harvard, foi precursor dos estudos sobre branquitude e escolheu Acra, a capital do Gana, na costa atlântica da África Ocidental, para viver o fim da sua vida e também como o local para ser sepultado após sua morte.

¹³ Contracolonial é um termo adotado pelo intelectual Nego Bispo. Para o mestre, é uma forma de defender territórios tradicionais, símbolos, significações e modos de vida.

capilar como um ato político de resgate da ancestralidade, por isso esse pode ser considerado um ato contracolonial e antirracista (um movimento de afirmação de uma identidade negra positivada).

Mesmo que, “o cabelo do negro pode ser visto como símbolo de beleza e, incoerentemente, de inferioridade racial” (Gomes, 2020, p.355). Historicamente, as concepções de beleza, moral e inteligência foram atribuídas aos brancos como falsa condição de superioridade que o racismo lhes confere (Carone & Bento, 2002; Schucman, 2012). Aos sujeitos negros, o racismo forjou um lugar de inferioridade e subalternidade. Conforme Costa (1983), essa seria uma forma de violência racista com o objetivo de destruir as identidades negras. É em razão disso que podemos concordar com Gomes (2020, p. 145) quando a intelectual afirma que “para o negro, o estético é indissociável do político”. E, a mesma autora acrescenta que:

A beleza negra nos leva ao enraizamento dos negros no seu grupo social e racial. Ela coloca o negro e a negra no mesmo território do branco e da branca, a saber, o da existência humana. A produção de um sentimento diante de objetos que tocam a nossa sensibilidade faz parte da história de todos os grupos étnico/raciais e, por isso, a busca da beleza e o sentimento do belo podem ser considerados como dados universais do humano. (Gomes, 2020, p. 145)

A negritude possibilita a produção de outros modos de subjetivação aos sujeitos negros e contribui para pensar a positivação das identidades negras. Dito de outro modo, fazer uso do dito “beleza negra” é ter o cabelo como instrumento que permite a produção de negritude; mediante a construção de uma identidade negra positiva, contribui para que muitos negros e negras tenham a possibilidade de serem vistos e considerados belos, uma reivindicação importante para um grupo que teve esse direito historicamente negado.

3.2 DA RELEVÂNCIA TEMÁTICA: RAÇA E RACISMO NO CAMPO DA PSICOLOGIA BRASILEIRA

“O racismo é uma experiência visceral, que desaloja cérebros, bloqueia linhas aéreas, esgarça músculos, extrai órgãos, fratura ossos, quebra dentes. Você não pode deixar de olhar para isso, jamais. Deve sempre se lembrar de que a sociologia, a história, a economia, os gráficos, as tabelas, as regressões, tudo isso acabará atingindo, com grande violência, o corpo.” Ta-Nehisi Coates - Entre o mundo e eu - (p.21).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população brasileira é composta majoritariamente por pessoas que se autodeclaram negras (55,5%). O último censo,

1983). Raça não é um termo estático, fixo e material, é uma categoria relacional e histórica (Almeida, 2018; Santos & Schucman, 2015).

Faço uma metáfora, no que diz respeito às “raízes” do racismo com as raízes do cabelo. Porque no Brasil, existem os racismos estrutural, institucional, interpessoal (ou inter-subjetivo) e social. Esses racismos se penteiam, se hidratam, se embaraçam e se desembaraçam ao ponto de estruturar as relações e colaborar fielmente para a manutenção do sistema econômico que vigora no país desde o século XIX – o capitalismo.

O racismo é um componente estrutural da sociedade, e nasce no pensamento europeu juntamente com a ideia de ciência moderna e de humanidade, surgindo no século XVII e consolidando-se no século XIX. O racismo compõe a estrutura de nossa sociedade, é um processo histórico que nunca se ausentou da modernidade há uma estrutura social que hierarquiza supostas raças distintas (Almeida, 2018, Sovik, 2004), e que, além disso, legitima a “ideia de superioridade de um grupo sobre o outro e, conseqüentemente, as desigualdades, a apropriação indébita de bens concretos e simbólicos, e a manutenção de privilégios” (Carone & Bento, 2002, p. 32).

Tudo isso se confirma na obra *O Movimento Negro educador*, ao qual Nilma Lino Gomes debate sobre o fenótipo e a categoria raça ao afirmar que:

A ideologia da raça biológica encontra nos sinais diacríticos “cor da pele”, “tipo de cabelo”, “formato do nariz”, “formato do corpo” o seu argumento central para inferiorizar os negros, transformando-os (sobretudo a cor da pele) nos principais ícones classificatórios dos negros e brancos no Brasil. (Gomes, 2017, p. 98-99)

A condição de aceitabilidade do massacre e do homicídio é o racismo: “o racismo é indispensável para poder condenar à morte, para fazer morrer alguém” (Foucault, 1998, p. 207). Ao conceituar a biopolítica como sendo a tomada dos sujeitos enquanto corpo-espécie e a normalização dos processos biológicos da população (nascimentos, mortes, adoecimentos etc.), o autor aponta, no livro, *Genealogia del Racismo*, traduzido para o português como *Em defesa da sociedade*, que não apenas o fazer-viver, mas também o fazer-morrer integram o sistema voltado à proteção de um dito corpo social saudável em detrimento daquilo que representa para ele um risco.

Dáí o racismo como ferramenta de separação, categorização e eliminação ser congruente com esta nova forma de governo. Sendo assim, o poder que consente e aprova viver alguns, é o mesmo que autoriza a morte de vários outros. A legitimação de tais ações se dá por meio do modo como o Estado opera, é a partir do biopoder que isso ocorre; na mesma obra, Foucault

afirma que “a função homicida do próprio Estado só pode ser assegurada por causa do racismo” (Foucault, 1998, p. 207).

Portanto, se a estrutura é racista, ela igualmente constitui pessoas e, conseqüentemente, instituições racistas que, por sua vez, reforçam e perpetuam essa mesma forma social. Não estamos isentos de algo que perpassa a todos, de um fator que é estrutural (Almeida, 2018). Lima (2019) ressalta que o racismo precisa ser tratado no plural – racismos – frente aos variados modos que ele se manifesta. Dessa maneira, o racismo ultrapassa as demonstrações interpessoais, ele se revela nas instituições, nas políticas públicas etc. E, conseqüentemente, a manutenção dos privilégios que o grupo social branco possui sobre os demais é combustível para a discriminação racial (Almeida, 2018, Carone & Bento, 2002).

A psicóloga e pesquisadora Lia Schucman (2012) afirma que a formação de psicólogos ainda está centrada nos pressupostos de um desenvolvimento igual do psiquismo, na ideia de humanidade universal, não se levando em conta os diferentes pertencimentos raciais dos indivíduos. A Psicologia enquanto ciência e profissão tem compromisso ético, social e político com a superação da discriminação racial, embora suas ações nessa direção sejam tímidas, por meio de resoluções, como é o caso da resolução 18/2002 que “estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial”, e os cadernos temáticos produzidos institucionalmente (Conselho Federal de Psicologia e alguns conselhos regionais de Psicologia)¹⁶. No âmbito da pesquisa, há reduzida produção científica, ainda que a produção existente seja relevante para a compreensão das relações étnico-raciais do país, como concluem Martins et al. (2013).

Por sua vez, Masiero (2005) entende que as ciências (incluindo a psicologia), por meio do racismo científico, tiveram papel central na construção histórica de preconceitos e discriminações contra grupos étnico-raciais socialmente excluídos no Brasil. Tal questão aponta para uma responsabilidade histórica da psicologia e de outros segmentos científicos (das humanas, sociais e da saúde) em ter que reparar esse dano, o qual impossibilitou a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

¹⁶ CFP material produzido pelo Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), 2017. CRP/SP – Caderno Temático 1: Psicologia e preconceito racial (2007); Caderno Temático 1: Contra o genocídio da população negra: subsídios técnicos e teóricos para a Psicologia (2014).

4 TRANÇANDO O MÉTODO DA PESQUISA

A temática central escolhida nesta pesquisa científica esteve presente em vários momentos em meu cotidiano. A impressão que eu tinha é que se falava sobre “cabelos” em todos os lugares que frequentava: nos churrascos em casas de amigos, durante o almoço no restaurante universitário, no samba, no centro de Florianópolis, na praia e na academia que frequento para fazer atividade física. Mesmo sem sair de casa, este assunto chegava até mim por meio do curso *online* que decidi fazer, das mensagens que recebia de amigos e conhecidos nas redes sociais sobre o assunto, entre outros meios. Nessa perspectiva, embaso a minha dissertação nos trabalhos da psicóloga e professora, Mary Jane P. Spink e do professor e psicólogo inglês radicado no Brasil, Peter Kevin Spink.

Em 2003, no texto *Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista*, Peter Spink, após inúmeras discussões referentes à pesquisa de campo, propôs aos pesquisadores de psicologia social que sempre existem possibilidades de explorar nosso tema em qualquer meio que estivermos, pois o meio também pode transmitir uma mensagem.

A partir dos estudos das contribuições teóricas e metodológicas de investigação de Kurt Lewin – que incluem o pesquisador em seu campo de pesquisa e nomeiam essa inclusão do pesquisador como pesquisa-ação –, Spink investigou temas referentes ao seu cotidiano. Spink (2003, p. 22) afirma que “contar histórias faz parte do processo de pesquisa”. A partir dessa proposição, o campo deixa de ser um lugar com especificidades e passa a ser a processualidade de temas situados. Dito de outro modo, a proposta refere-se a(o) pesquisador(a) tomar uma postura ativa, nomeada como “investigação em ação” ao passo que “campo é o campo do tema, o campo-tema; não é o lugar onde o tema pode ser visto, mas são redes de causalidade intersubjetiva que se interconectam” (Spink, 2003, p. 36). Essa interconectividade diz respeito a distintos locais, vozes e momentos que não são necessariamente conhecidos uns pelos outros.

Intitulado “Pesquisando *no* cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em psicologia social”, Mary Spink discute a importância de pesquisarmos no cotidiano e alega:

Se pesquisarmos *o* cotidiano, estabeleceremos a clássica separação entre pesquisador e seu objeto de pesquisa. Mas, se pesquisarmos *no* cotidiano, seremos partícipes dessas ações que se desenrolam em espaços de convivência mais ou menos públicos. Fazemos parte do fluxo de ações; somos parte dessa comunidade e compartilhamos de normas e expectativas que nos permitem pressupor uma compreensão compartilhada dessas interações. (Spink, 2008, p. 7)

No artigo *O pesquisador conversador no cotidiano*, Spink (2008) parte da proposta de que o cotidiano é uma ferramenta valiosa que temos à nossa disposição em tempo integral.

Portanto, essa forma de pesquisar é uma oportunidade para o reposicionamento do pesquisador no cotidiano. Logo, o pesquisador em psicologia social deve usufruir dos micro-lugares, que designa em:

[...] chamar atenção para a importância do acaso diário, dos encontros e desencontros, do falado e do ouvido em filas, bares, salas de espera, corredores, escadas, elevadores, estacionamentos, bancos de jardins, feiras, praias, banheiros e outros lugares de breves encontros e de passagem. Com a expressão “micro-lugares”, busca-se recuperar a noção da psicologia social como prática social, de conversa e de debate, de uma inserção horizontal do pesquisador nos encontros diários. (Spink, 2008, p. 70)

Como me considero uma pessoa comunicativa e que adora conversar e dialogar com as pessoas que encontro no meu cotidiano, penso que essa metodologia foi a melhor a ser adotada nesta dissertação. Já que, a partir do campo-tema, não há regionalidade, mas sim micro-lugares, como os que mencionei no início deste tópico – que foram e são os locais que frequentei e convivo cotidianamente –, que permitiram desfrutar e pesquisar o tema central desta dissertação: cabelos.

Assim, uso para análise e compreensão dos significados sociais atribuídos ao cabelo diferentes formas de dados, conversas informais, relatos cotidianos em que eu escutei, depoimentos em redes sociais, aulas que fui convidada a dar e projetos que me chamaram para participar, cujo tema esteve presente, tudo isso fez parte do meu olhar para os significados do cabelo na construção da identidade racial negra.

Ainda, para complementar um aprofundamento dos sentidos produzidos pelos sujeitos, escolhi realizar algumas entrevistas com pessoas negras. A escolha das entrevistas como instrumento se dá pelo fato de que estas, ao privilegiar as falas dos “atores sociais, permitem atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo.” (Fraser & Guedes Gondim, 2004).

A pesquisa qualitativa é o método que surgiu como a melhor alternativa para a compreensão desses relatos, visto que possibilita refletir sobre questões muito particulares, mas que são plurais ao mesmo tempo. Como afirma Conceição Evaristo ao unir “escrever” e “vivências” e isso resultar em “escrevivências”.

4.1 SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

“Eu era a caçula e tinha um cabelo bem rentinho [...]Eu nunca tive vergonha de ser preta ou de ter cabelo João; o que me envergonha, isso sim, é saber que a gente vive numa situação de impotência diante da realidade, diante do mundo; por isso eu continuo batalhando, lutando, acreditando nos valores que aprendi desde pequena.” – Beatriz Nascimento – O negro visto por ele mesmo (pp. 136-137).

As entrevistas tiveram como participantes 13 pessoas negras (consultar Quadro 1) – que se autodeclararam pardas ou pretas –, cis gênero ou transgênero, maiores de 18 anos, que se dispuseram a participar das entrevistas, após eu dizer com qual temática trabalho. Para o aprofundamento dos sentidos atribuídos ao lugar do cabelo na construção de negritude, construí um roteiro de entrevista semiestruturada (Apêndice A) que abarcou os temas: a) transição capilar, b) Big Chop, c) tranças e, principalmente, d) história e o significado dos cabelos para essas pessoas, hoje.

O modelo de entrevista semiestruturada foi escolhido por ser uma chave fundamental na investigação efetivada no campo interativo formado por entrevistador e entrevistado, o qual adota por referência os objetivos implícitos nas hipóteses levantadas pelo pesquisador/entrevistador (Bleger, 1998).

Houve um convite prévio para aquelas pessoas que se encaixaram nos critérios de inclusão: ser uma pessoa negra, com idade maior ou igual a 18 anos. Foram realizadas as entrevistas pessoalmente, as(os) participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – ver Apêndice B. Os dados pessoais das participantes da pesquisa foram mantidos em sigilo visando atender aos princípios éticos em pesquisa científica e, nomes de origem africana, em sua maioria da língua Iorubá, fictícios foram escolhidos para esses participantes. Os nomes não tiveram escolha aleatória, foram cuidadosamente pensados e estes têm relação com a história narrada pelos participantes, sejam de vida, ou de alguma característica que eles disseram que gostam ou até mesmo relacionada às suas profissões. (Ver Apêndice C).

Após o contato e aceitação dos participantes, realizaram-se as entrevistas semiestruturadas; em seguida, foram transcritas e, com muito zelo e carinho, analisadas – a partir da análise temática – relacionando o material das entrevistas com o que se tem publicado em bases de dados digitais (livros, revistas e outras) e, principalmente livros impressos. Posteriormente à análise dos dados, foram constituídos dois trabalhos finais: um artigo, publicado na Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), cujo título é

Cabelo como denúncia e via para a construção da negritude; e o segundo produto, que é esta dissertação. Todos os sujeitos participantes da pesquisa tiveram um retorno sobre as análises feitas, e só estão aqui após comum acordo de todos.

Quadro 1 – Perfil dos sujeitos participantes

Nome Fictício	Idade	Auto declaração Racial	Gênero	Cidade de origem	Cidade onde aconteceu a entrevista	Profissão
Akin	36	negro	Homem-cis	Salvador-BA	Florianópolis-SC	Professor
Alika	28	preta	Mulher-cis	Gurupi-TO	Aparecida de Goiânia-GO	Assessora de noivas
Bintu	28	negra	Mulher-cis	Tucumã-PA	Florianópolis-SC	Gerente comercial
Dayo	26	prete	Não-binário	Marília-SP	Florianópolis-SC	Publicitário
Erasto	35	negro	Homem-cis	Fortaleza-CE	Florianópolis-SC	Professor
Gasira	28	negra	Mulher-cis	Jaraguá - GO	Aparecida de Goiânia-GO	Sublimadora
Janna	22	negra	Mulher-cis	São Simão - GO	Goiânia-GO	Crocheteira
Kaneel	22	preta	Mulher-cis	Itaporanga-GO	Goiânia-GO	Estudante
Kayin	31	preto	Homem-cis	Uberlândia-MG	Florianópolis-SC	Físico
Luena	46	negra	Mulher-cis	São Paulo-SP	Florianópolis-SC	Auxiliar de cozinha
Palesa	37	preta	Mulher-cis	Criciúma-SC	Florianópolis-SC	Vendedora
Sanaa	23	preto	Homem-cis	Jataí-GO	Goiânia-GO	Artista
Zuri	36	negra	Mulher-cis	Palhoça-SC	Florianópolis-SC	Luthier

Fonte: A autora, 2023.

4.2 O ENCONTRO COM CADA FIO

Aproveitei algumas viagens que eu fiz, para Goiás, para realizar algumas entrevistas, todas elas foram feitas presenciais e após a entrevista eu perguntei a todas(os) (es) participantes como eles se sentiam. Várias pessoas disseram que estavam se sentindo bem e que nunca haviam refletido sobre a temática daquela forma; relataram também ter resgatado histórias que nem achavam que lembravam mais, e, o que eu mais gostei foi receber mensagens, tempos depois, sobre alguns que falaram sobre seus cabelos com a família, o cabelo foi uma via para resgatar vínculos familiares. Não vou conseguir relatar tudo que senti aqui. Durante os procedimentos da realização desta pesquisa, acessei muita coisa da minha infância e do meu ingresso no mercado de trabalho. Além disso, fiz novos amigos; alguns participantes quiseram me seguir nas redes sociais e me convidaram para sambas. Em muitos momentos, esta pesquisa aqueceu meu coração, e, reforçou o fato de eu querer ser, ainda mais, uma pesquisadora implicada.

O método escolhido para tratar os dados desta pesquisa foi a análise temática do tipo reflexiva, que permite uma análise com codificação fluída e flexível, e cujo “ponto principal não é alcançar acurácia, mas imersão e profundo engajamento com os dados” (Souza, 2019, p. 53). Esse formato analisa as temáticas seguindo seis passos, a saber: familiarização com os dados, geração de códigos, busca de temas, revisão de temas, definição e nomeação dos temas (Braun & Clarke, 2006). Essas fases da análise temática permitem ao(à) pesquisador(a) chegar a uma análise seguindo um trajeto que não tenha padrões rígidos e tão estabelecidos previamente. As categorias de análise são criadas ao longo dos encontros em campo. As análises produzidas terão por embasamento a teoria crítica de raça, a partir das produções de autoras e autores como bell hooks, Carlos Hasenbalg, Cida Bento, Conceição Evaristo, Érico Andrade, Frantz Fanon, Grada Kilomba, Isildinha Nogueira, Lélia Gonzalez, Lia Schucman, Neusa Santos, Nilma Gomes, Patricia H. Collins etc.

Devido à pesquisa ter como principal objetivo ter buscado trabalhar com a relação da pessoa com a negritude, em participantes que são seres humanos, poderia incorrer em possíveis riscos. No caso das entrevistas, e principalmente devido ao tema que possui cunho considerado delicado, poderia despertar sentimentos complexos que pudessem fazer com que as pessoas acessassem determinadas memórias que as deixassem emocionalmente fragilizadas. Uma das formas de lidar com esse risco foi acolher os participantes de modo que eles se sentissem confortáveis para discorrer sobre a temática. Portanto, a intenção desta pesquisa não é abrir demandas nas(os) participantes. Então, antes da coleta de dados, as pessoas foram informadas acerca do tema que seria tratado, bem como caso houvesse necessidade, elas seriam encaminhadas à psicoterapia com amparo institucional e das responsáveis pela pesquisa.

A participação nesta pesquisa foi voluntária e as(os) participantes estavam cientes que poderiam desistir ou retirar seus consentimentos a qualquer momento, sem penalização alguma ou prejuízo de qualquer natureza. Caso em algum momento a(o) participante se sentisse constrangida(o) em responder qualquer pergunta, estava assegurado o direito de se recusar em respondê-la, ou escolher outro momento para continuar. Os nomes das participantes foram protegidos, não identificados na divulgação dos resultados, o que garante o anonimato. Tratei da preservação da identidade seguindo uma ética e os padrões profissionais de sigilo, e todas as informações serviram apenas para fins de pesquisa.

5 HORA DE NUTRIR, HIDRATAR E REPARAR OS FIOS: ANÁLISES E DISCUSSÕES DE HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS CAPILARES

Daqui pra frente, iremos acessar histórias capilares que são recheadas de relatos vivenciados por várias pessoas negras, tanto pelas pessoas que participaram desta pesquisa, por mim, a pesquisadora, e por algumas pessoas que escreveram sobre suas vivências capilares e resolveram publicá-las, como: Luana Tolentino, Djaimilia Pereira, o caso de Mariana (publicado por Lia Schucman), dentre outros. Estimo que todas essas vivências confluem e é, por esse simples e, ao mesmo tempo, incrível motivo que escrevo sobre elas. A seguir, as escrevivências que (re)uni com a intenção de formar um penteado.

5.1 CABELO COMO MARCADOR DA DIFERENÇA E MEIO DE DENÚNCIA INQUESTIONÁVEL

*Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte (...)
Canção – Um corpo no mundo – Luedji Luna¹⁷*

Ao comentar a relação entre corpo e raça, o antropólogo e sociólogo Le Breton (2007, p. 73) diz que “o homem nada mais é que um artefato da aparência física, do corpo imaginário ao qual a raça dá nome. Cartesiano na ruptura, não é mais ao espírito que o racismo dá importância, mas ao corpo”. Cita como exemplo que é por meio da imposição do uso obrigatório da estrela de seis pontas sobre fundo amarelo que os nazistas decretaram aos judeus para que eles fossem com facilidade diferenciados das demais pessoas, visto que, “uma marca exterior os denunciaria de maneira inquestionável” (Le Breton, 2007, p. 73), já que os médicos não encontraram sinais corporais nos judeus capazes de diferenciá-los fenotipicamente das demais pessoas.

No tocante, podemos alegar que o cabelo é uma maneira de denúncia inquestionável, pois o cabelo é um marcador social da diferença. Neste trabalho, consideramos como “marcador social da diferença” aquilo que o antropólogo, desenhista e pesquisador Marcio Zamboni (2014, p. 13) define como:

¹⁷ Canção – *Um corpo no mundo* de Luedji Luna – cantora e compositora de Salvador – BA.

Sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais. Em termos de raça, por exemplo, os indivíduos podem ser classificados como negros ou brancos, morenos ou mulatos, asiáticos ou indígenas. Cada uma dessas categorias de classificação está associada a uma determinada posição social, possui uma história e atribui certas características em comum aos indivíduos nela agrupados. (Zamboni, 2014, p. 13)

Cabelo é uma marca exterior que em conjunto, principalmente com a cor da pele, nariz e lábios, é capaz de distinguir racialmente os sujeitos. É possível fazer essa separação das pessoas através dos fenótipos. E, a esse conjunto foram atreladas características que não deveriam estar diretamente relacionadas, tais como moral, civilidade, higiene, inteligência, competência, confiança e periculosidade. Como argumenta Antônio Sérgio Guimarães: olha-se o fenótipo e atribui características positivas ou não (Guimarães, 2003).

Bintu relata perceber que *quando alguém a chama de “crespinha” é para frisar que “eu sou diferente deles”*. Pergunto então:

Benilde: *Quando você fala que “eu sou diferente deles”, você acha que o cabelo é um marcador da diferença?*

Bintu: *Eu acredito que sim. Que é através do cabelo que eles me identificam e acho que também dos traços no rosto, por exemplo, nariz mais largo, né? Esses traços sim, mas acredito que o principal é o cabelo.*

Já Luena infere que as pessoas a identificam como morena, ao invés de negra, e afirma que o cabelo é o principal fator para tal:

Luena: *A primeira coisa quando eles olham pra mim e vê meu cabelo liso, me identificam como uma mulher morena e não como uma mulher negra. Aí quando eu falo não, que eu sou uma mulher negra e digo: “olha os meus traços, meu pai é negro, meus irmãos são negros, eu sou negra, independente do cabelo!”. Aí eles dizem: “não, não, mas você não é tão preta preta assim” eles acham que ser retinto pra eles significa muito também eles identificam a raça por isso também.*

Benilde: *Você acha que eles não te veem como negra por que você tem um cabelo liso?*

Luena: *Exatamente por causa do cabelo! O cabelo pra eles diz muito.*

Benilde: *Você acha que o cabelo é um marcador da diferença?*

Luena: *Com certeza! Eu acredito que sim, porque até em entrevista de emprego já me questionaram quando eu coloco mulher negra, já me questionaram se eu tinha colocado*

certo eu fiquei super constrangida porque eu fui ver o que era achando que era uma outra coisa e tava lá a moça me apontando que eu tinha colocado negra.

Benilde: *Então você percebeu que eles não estavam te lendo como uma pessoa negra?*

Luena: *Não, eles não me enxergam como uma mulher negra. É morena!*

Abrirei um parêntese aqui no caso de Luena, quando ela diz “*meu pai é negro, meus irmãos são negros*”, com o objetivo de validar a sua racialidade como uma pessoa negra, Luena indica a sua origem familiar. E, quando ela diz para as pessoas, “*eu sou negra, independente do cabelo!*” é uma questão interessante que nos leva a um dilema ambíguo: como os outros imputam uma ideia do negro como um ser universal – como aquele que tem o cabelo crespo/cacheado – invalidando o processo de mestiçagem e a diversidade fenotípica, além de reforçar o mito da pureza racial, mas ao mesmo tempo se tem o cabelo crespo/cacheado, o pressionam a alisar (a aderir o ideal de brancura – para ser aceito, tolerado). As histórias capilares seguintes confirmam esse dilema.

Além de tudo isso o discurso racista que Luena ouve “*não é tão preta assim*”, nos leva a indagar *o que seria ser preta?* Provavelmente, a resposta de quem invalida a negritude dela indicaria uma ideia de pureza racial negra (que busca embranquecer os negros frutos de relações inter-raciais/mestiças). E, quando Luena é pega de surpresa no processo da vaga de emprego e diz: “*a moça me apontando que eu tinha colocado negra*”, percebemos o quão vigente é o estereótipo de que cabelos lisos é uma característica exclusiva de pessoas não negras, preferencialmente remetida ao fenótipo branco, logo, implica-se numa concepção racista que apregoa uma ideia de pureza racial. Janna reafirma essa questão de pureza racial e intenção de embranquecer as pessoas negras. E é o que veremos a seguir.

Janna também alega que o cabelo é um marcador social da diferença e diz que talvez seja por causa do cabelo que as pessoas a veem como morena.

Benilde: *Aí você acha que é por causa do cabelo que a galera te vê como morena?*

Janna: *Talvez.*

Benilde: *Você acha que o cabelo é um marcador social da diferença?*

Janna: *Eu acho.*

Benilde: *Tipo, se você, com a pele que você tem, com os mesmos traços, tivesse um cabelo crespo, a galera te olharia como? Ainda como morena?*

Janna: *Não, aí eu acho que não. Eu acho que aí seria negra, é negra mesmo, porque tem muita gente que tem o mesmo tom de pele que eu e tem o cabelo crespo que não*

são morenas. Mas, no meu caso, eu vejo muitas pessoas que falam: “Hmm, acho que não, hein? Acho que você é morena.”

Todos os relatos confirmam o exemplo citado acima por Zamboni (2014). Fica explícito para Bintu que quando a chamam de *crepinha* significa que é considerada uma pessoa diferente dos brancos. E no caso de Luena e Janna, que pelo fato de seus cabelos não serem ondulados elas não são consideradas tão negras assim, mas também não são brancas, porque a cor da pele “denuncia”. O que indica que o cabelo não é a única categoria definidora da racialidade negra, mas a combinação com outros fenótipos (cor de pele, boca e nariz). Então, as pessoas as classificam racialmente como se estivessem numa comissão de ‘heteroidentificação’, na qual, para eles, Luena e Janna são percebidas como morenas.

Gostaria que vocês, leitores (as), notassem que fiz questão de perguntar usando uma categoria conceitual, neste caso, *marcador social da diferença*, durante as entrevistas. Mesmo sabendo e compreendendo que as participantes não necessariamente leram o Marcio Zamboni, penso que vocês devem achar isso um tanto quanto audacioso, porém, eu, enquanto pesquisadora, estava aberta aos sentidos singulares apresentados pelas participantes. E, como puderam perceber, mesmo Bintu, Janna e Luena compreendendo o marcador da diferença, como uma questão do senso comum (o cabelo me diferencia; sou diferenciada pelo cabelo). Entendi as respostas ao questionamento sobre “ser o cabelo um marcador de diferença” em termos teórico-conceituais. Logo, justifico que as ideias confluem, afinal, análise é isso – colocar as narrativas empíricas em diálogo com as categorias teórico-conceituais, sem hierarquizar. Veremos mais relatos considerando a aplicação teórica.

Na obra intitulada *Interseccionalidade*, Collins e Bilge (2020, p. 42) afirmam que “A cor da pele, a textura do cabelo, as características faciais e outros aspectos físicos tornaram-se marcadores raciais de fato para a distribuição de educação, emprego e outros bens sociais.”. Kayin também diz:

Kayin: *Cabelo é um marcador, sim, porque até pras pessoas que são menos retintas, tem pessoas que começam deixar o cabelo crescer e tipo assim: “pô sou negro” e aí vê o histórico racial que sofreu a vida inteira e não sabia.*

De uma forma um tanto quanto engraçada, Sanaa diz valorizar mais seu cabelo, atualmente, e que antes usava boné para esconder seu cabelo. Quando eu pergunto se ele considera o cabelo um marcador, Sanaa ressalta que quem tem *black power* tem “mais presença.”

Sanaa: Eu, hoje em dia, dou mais valor porque antigamente era, assim ó, metia um boné e acabou, agora, Mano, tipo boné? Só se eu tiver no sol e olha lá, agora, o cabelo é um aparato que eu dou mais destaque, por exemplo, é hoje, eu acho essencial pra sair de casa: passar um perfume, um creme de pele e arrumar o cabelo. Assim, antigamente era tipo, botava um boné para tampar o cabelo.

Benilde: Você acha que o cabelo é um marcador social da diferença?

Sanaa: Oh, Com certeza! Antes a galera me via de um jeito, depois me via de outra. Porque, tipo assim, é. Sei lá, geralmente você, tipo, olha para quem está chegando com o cabelo black power, você não olha para quem está tipo, você não olha o careca, o careca não tem presença. O black power é, ele tem. Tem essa parada, tipo assim. Eu sinto que chama mais atenção. Eu me identifico com a galera que tem black power.

A fala de Sanaa me remete ao movimento *Black Power*, um movimento histórico significativo que ocorreu nas décadas de 1960 e 1970, nos Estados Unidos. Este movimento se destacou pela ênfase no orgulho racial e foi considerado político em sua natureza. Uma de suas principais contribuições foi a criação de instituições culturais e políticas que trabalharam para promover e defender os interesses coletivos da população negra. (Munanga, 2020).

No prefácio à edição original do livro *Tornar-se negro*, de Neusa Santos Souza, intitulado como *Da cor ao corpo: a violência do racismo*, o psiquiatra e psicanalista Jurandir Freire Costa descreve a relação persecutória que se estabelece por meio do preconceito de cor¹⁸ entre o sujeito negro e seu corpo. E o autor alega que “a identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com o corpo.” (Souza, 1983, p. 30).

As formas de escamotear o corpo negro incluem atos considerados fúteis, como, por exemplo, os pregadores de roupas utilizados com o intuito de afinar o nariz, e o uso de produtos químicos utilizados para alisar o “cabelo ruim”, como o autor mesmo chama. Todas essas ações acompanham a tentativa de embranquecer a família no futuro, por isso algumas pessoas negras têm filhos com pessoas menos retintas ou brancas a fim de clarear, quem sabe, os netos como retratado na obra “A Redenção de Cam” (1895), uma pintura a óleo sobre tela do artista espanhol Modesto Brocos. Jurandir Costa nomeia tudo isso como “uma louca vingança, suicida e homicida, contra um corpo e uma ‘raça’ que, obstinadamente, recusam o ideal branco assumido pelo sujeito negro” (Souza, 1983, p.31).

¹⁸ No preconceito de cor, “o sujeito negro, ao repudiar a cor, repudia radicalmente o corpo” (Souza, 2021, p. 29).

Dois dos treze sujeitos participantes da pesquisa, Dayo e Erasto, contaram sobre o período em que usavam estratégias para alisarem os cabelos, na tentativa de se aproximarem de um padrão branco:

Dayo: Na época do Restart, bem lá atrás, teve assunto do Restart na internet e também do Justin Bieber, e sempre pessoas brancas, eu estou falando de pessoas brancas com cabelo bem liso jogado pro lado aquela modinha ou bagunçado que também entra nesse padrão. É, então o que que eu fazia eu queria tentar chegar o mais próximo do padrão, já cheguei passar três vezes na semana, produto no cabelo, e aquele negócio horrível, cheiro fedido na cabeça e ficava horas ali na minha cabeça e, na minha mente quanto mais tempo deixasse aquilo mais liso iria ficar, só que, tava acabando com meu cabelo estava deixando ele mega fino e a cor dele estava desbotando muito, muito cara. Então, é uma loucura e mesmo assim não ficava liso. Olha que engraçado! Eu passei tudo isso pra ele ficar liso e ele não ficava liso. Ele ficava tipo parecendo um espantalho assim mesmo, sabe? Aquela coisa que tentou e não deu certo? E eu tinha que ir pra escola daquele jeito. Então, o que eu fazia pra ir pra escola? Eu colocava uma touca na cabeça, pegava a parte que era da franja que estava mais ou menos lisa, eu tentava dar uma ajeitada ali na frente, aqui na testa e eu ia pra escola sim, mas, a maioria do tempo eu estava de touca porque se eu tirasse a touca, a galera ia ver meu cabelo e aí já começaria aqueles olhares né!?

Erasto: Durante muito tempo, eu cortava meu cabelo sempre baixo, muito baixo, muito baixo mesmo, porque o meu cabelo é crespo né?! Ele começa a enrolar, e vai crescendo, e tem essa coisa de que o homem tem que deixar o cabelo, se o cabelo não for liso, tem que deixar o cabelo sempre curto, baixo. E aí, durante muito tempo eu fui aceitando isso e também achando que não era bonito o meu cabelo grande. E, eu comecei a virar essa chave a partir do momento em que eu comecei a me racializar, então pra mim, a questão da racialização também veio com a questão da consciência, a questão dos traços negróides e do cabelo né?! Porque meu cabelo incomoda. A gente aprende né? A gente aprende a enxergar beleza e a beleza também no corpo da gente, nos traços negróides da gente e no cabelo da gente.

Assim, é possível notar que este corpo não pertence, em suas significações, completamente ao sujeito e que o racismo incide justamente nesta desapropriação do corpo que se manifesta de maneira violenta na relação do sujeito consigo mesmo. Há, portanto, uma constituição de si pelo olhar que lhe é dirigido, um olhar que é também social, histórico e,

portanto, atravessado por processos de dominação. Veremos mais sobre isso em *Transição capilar: as diferentes texturas do cabelo e do racismo*.

Benilde: *Ah, que legal! E você percebe que o cabelo é uma via de demarcar essa diferença?*

Zuri: *É, eu acho. Para além da cor da pele. É junto com a cor da pele, né? Que a cor da pele chega ali primeiro mas o cabelo a gente teria a opção de esconder um pouco essa negritude, né? Mas eu acho, né, que é um jeito de tu demarcar também a tua negritude. É uma forma que eu uso pra demarcar quando eu uso miçangas, quando eu uso, né, ele colorido quando eu uso tranças diferentes de black power com coque pra cima. É uma forma de dizer que eu tenho orgulho da minha raça, eu tenho orgulho da minha cor, eu tenho orgulho da minha origem, eu tenho orgulho do meu cabelo, eu gosto dele, eu brinco com ele. Eu acho que a gente gostar da gente é a gente brincar com a gente, né?*

O cabelo é apontado como um elemento central para a construção da identidade da população negra. Ademais, é um símbolo emblemático que evidencia os obstáculos enfrentados por indivíduos negros em uma sociedade cuja estética europeia é tida como padrão de beleza predominante (Gomes & Duque-Arazola, 2019). Dialogando com o sociólogo Stuart Hall, que assevera que nós “somos leitores da diferença social. E o cabelo é citado como se fosse definitivo, como se pusesse fim à discussão” (Hall, 2021, p. 5-6). Trarei mais relatos sobre identidade negra, no capítulo sobre os significados dos cabelos para as pessoas negras. E, retomaremos novamente a questão de uma ideia do “negro puro” na concepção racista (o cabelo de negro etc.), no tópico a seguir.

5.2 SOBRE O OLHAR DO OUTRO

“É por causa do racismo que os negros tiveram que politizar a beleza negra e valorizar o cabelo crespo.” (Gomes, 2020, p.97)

O racismo opera na sociedade relacionando os corpos de alguns indivíduos, simplesmente por causa de fatores externos (fenótipo) como cor, identidade de gênero, traços da face, tipos de cabelos, classe, local onde reside e outros; supondo, a partir disso, fatores internos e intrínsecos como a sua índole, moral, capacidade, civilidade, valores, periculosidade, confiança, dentre outros. E, com a constante exposição para o sujeito dessa suposta

“inferioridade”, corre-se o risco dessa pessoa introjetar tudo isso tendo, como consequência, uma interferência dessa “negatividade” em sua constituição de sujeito. Como diz Evaristo num trecho de sua excelente obra *Becos da Memória* “o termo negro ela só ouvia na voz de branco e só para xingar: negro safado, negro filho da puta, negro baderneiro e tantos defeitos mais!” (Evaristo, 2017, p.95).

Logo, é possível afirmar que a relação com o “outro” pode ser definidora de um “eu”. Lembrando que este “outro”, aqui, será um outro branco; isso me recorda muito um dia, em um almoço com uma amiga, de longa data, que também é psicóloga e fruto de uma união interracial, ao qual ela disse: “*Não existe ninguém melhor para nos lembrarmos que somos negros do que os brancos*” (Anna Lídia). Vamos explorar isso na fala de algumas (uns) sujeitos participantes da pesquisa. Zuri, que se identifica racialmente como uma mulher negra e, ao ser indagada sobre o que se significa ser uma mulher negra, afirma que:

Zuri: A gente se descobre negra. Eu acho que muito, pelo menos eu me descobri negra, assim como eu descobri muitas coisas, mais pelo olhar do outro do que pelo meu próprio olhar. Assim, então, eu fui me descobrindo negra pelas coisas, que eram do jeito que eu era tratada, diferente acho que desde a infância, assim, né? Então, eu notava que como os meus colegas pegavam no meu pé era diferente de como eles pegavam no pé das outras colegas – isso, sei lá, na creche. Então, eles já me chamavam de macaca, banana queimada, é cabelo duro, já brincavam de puxar o meu cabelo que era diferente da forma como eles agrediam/brincavam com as outras meninas. Meu nome nunca tava na lista da menina mais bonita da sala. Então, nisso aí eu acho que eu fui me descobrindo negra, assim eu acho que eu sou e acho que as pessoas me veem diferente e me tratam diferente pela forma como elas me veem. Acho que foi assim, foi na creche, foi nos primeiros anos. E depois, acho que esse me ver negro foi se transformando principalmente quando eu conheci o maracatu.

Outros sujeitos participantes também relataram perceber uma diferença, principalmente no tratamento, por meio do outro, devido à sua raça. Bintu, que diz se definir racialmente como negra, alega que:

Bintu: Ser negra pra mim, além dos traços físicos, também tem uma questão cultural-histórica e como eu sou tratada também perante a sociedade que eu vivo, principalmente na região que eu estou.

Benilde: Como que você é tratada?

Bintu: *Aqui eu sou tratada como negra mesmo, né!? Como “aquela crespina”.*

Benilde: *O que que é ser crespinha? O que que você acha que a galera está querendo dizer quando dizem que você é crespinha?*

Bintu: *Principalmente que eu sou diferente deles, principalmente isso, e daí, nisso já perguntam de onde eu sou, mesmo não tendo muito sotaque, mas já perguntam assim: “aí de onde você é?”; porque já pressupõe que eu não sou daqui, e que eu não sou igual a eles.*

Ambos os relatos evidenciam que, geralmente, a ideia deste “olhar do outro” aparece como um produtor de uma identidade negra ruim e negativa. Quando Zuri alega que “, *acho que esse me ver negro foi se transformando principalmente quando eu conheci o maracatu.*” Percebemos o espaço do maracatu como propulsor de uma identidade negra positivada, a dança e a arte como meio para o alcance desta negritude positivada, refiro aqui ao tornar-se negra (o).

Akin, diz que:

Akin: *ser negro, pra mim, significa viver uma vida que você se identifica com a suas raízes ancestrais, né? Mas, não é só isso é como também as pessoas me veem socialmente, inclusive nós, negros, normalmente somos discriminados em razão da nossa raça, claro que não é só isso, mas é como isso funciona, né? Eu sou um homem negro e meus pais são negros e eu já tive muitas experiências positivas e negativas por ser negro, por exemplo eu já sofri de policiais que atiraram em mim na volta pra minha casa, eu e um grupo de amigos, porque nós éramos vistos com suspeitos naquela região, naquele contexto. Então ser negro no Brasil é isso, nós temos que estar o tempo todo lutando contra uma estrutura que tenta o tempo todo nos matar de diversas formas, então ser negro é isso, a gente acaba sendo meio que produto dessa experiência que é de alegria e sofrimento ao mesmo tempo.*

Nessa última frase de Akin: *ser negro é isso a gente acaba sendo meio que produto dessa experiência que é de alegria e sofrimento ao mesmo tempo.*” Revela um ponto interessante para refletirmos, que é o quão a experiência e a vivência de ser negro é um lugar de ambiguidade, é sobre a “dor” e a “delícia” de ser e se assumir negro.

No quarto capítulo de *A cor do inconsciente: Significações do Corpo Negro*, Nogueira (2021, p. 131) infere sobre esse olhar alegando que “o sujeito encontra no olhar do outro – a reprovação – assume o significado particular expresso na denominação e mostra o quanto

aquela marca – a cor negra – que o sujeito negro, imaginariamente, crê poder esconder, neutralizar, está sempre lá.”.

Bintu, é natural do estado do Pará, já morou no estado de Goiás, mas atualmente reside no estado de Santa Catarina. Bintu fala sobre esse olhar, inclusive, após deixar de alisar os fios e se mudar novamente de estado, percebe que este olhar se modifica, e fica mais um de estranheza:

***Bintu:** eu me mudei pra Goiânia, e eu fui cortando o alisado, fui deixando ele cacheado e aí uma diferença que eu vejo daqui (Florianópolis) pra Goiânia é que em Goiânia era muito elogiada, as pessoas adoravam muito meu cabelo falava: “nossa, que bonito! Faz alguma coisa pra ele ficar assim?”. Não sei, lá eu sentia que era um tratamento, assim, diferente daqui, e aqui eu vejo mais com olhar de estranheza.*

Kayin relata sobre a distinção dos olhares. Também após mudar de estado, ele se mudou de Minas Gerais para Santa Catarina e alega que:

***Kayin:** Aqui é um espaço muito branco e acho que o racismo aqui ele é mais escancarado, assim, de uma forma psicológica, não agressiva como, por exemplo, em Salvador, eu imagino, a violência física lá é mais forte, ou em outros locais mais violento, mas aqui acho que tem um olhar, tem essa demarcação do negro, que aqui muito forte, por sermos um número bem reduzido, né?! Aqui no sul. Então, eu acho que aqui essa autoafirmação do negro é mais forte do que lá na minha cidade.*

Cabe aqui uma reflexão sobre as diferenças percebidas pelas pessoas entrevistadas no que diz respeito ao modo como são lidas(os) racialmente nos diferentes contextos regionais (Centro-Oeste – Sul; Nordeste – Sul). Isso pode indicar experiências de opressão combinadas (racismo e xenofobia), bem como serve para evidenciar a concepção de que raça não é um dado objetivo; e raça é uma ideia que se combina com outros fatores; na verdade, cor é a ideia mais naturalizada de todas as categorias; cor não é um dado objetivo a gente aprende a ver cor (Guimarães, 2003).

Em suas regiões de origem, é possível que os participantes não sejam identificados como negros, ou, mesmo sendo reconhecidos como tal, enfrentem menos resistência devido ao colorismo. Isso é particularmente notável em locais com uma alta concentração de pessoas negras, como Salvador. Nesses contextos, pode haver uma maior sensação de pertencimento e uma identificação mais forte com uma comunidade de iguais, o que pode deslocar o foco

das questões raciais para aspectos de classe e gênero. No entanto, isso não elimina a presença de racismo. As experiências de racismo interpessoal, por exemplo, podem ser mais perceptíveis e relatadas fora de suas regiões de origem, especialmente no Sul do país, conforme indicado pelos participantes.

Contudo, mesmo em seu lugar de origem o racismo ainda será uma questão, afinal, como dito anteriormente, o racismo é estrutural e organiza o funcionamento de mecanismo de violência de estado, e de negação de direitos – podemos citar a polícia e a criminalização das favelas e vitimização dos corpos negros, bem como a concentração de renda e a racialização da pobreza mesmo em regiões/cidades de maioria populacional negra). Podemos pensar sobre isso a partir das reflexões de Stuart Hall. O sociólogo, que discute raça como significante flutuante afirma com precisão que “as características físicas, incluindo a cor da pele, são resultado direto, em medida considerável, do ambiente físico e social.” (Hall, 2021, p. 4).

Janna alega que é colocada nesse “lugar de outro” pela própria família, quando ela conta que:

Janna: Ah, a primeira vez que eu vivi uma coisa assim, eu era muito pequena, eu devia ter uns 7 anos e a gente ia muito pra praia. Então, a minha madrinha, ela virou e falou assim: “A Janna, não vai, porque ela é negra!” e falou desse jeito. Uma brincadeira assim, brincadeira, é, eu tinha uns 7 anos e ela: “Todo mundo vai, só a Janna não vai, porque ela é negra” e fez uma boca assim, sabe? Uma boca tipo (cerrando os lábios). E aí eu convivi com isso, sabe? Tipo muita coisa assim. Quando você é colocado nesse lugar de outro pela sua própria família, sabe? É muito. Então assim, por mais que eu sei que, por exemplo, é. Eu não posso passar, não posso não passar por muita coisa, né? Que pessoas negras, retintas, passam. Eu vivi num ambiente muito branco que as pessoas já me apontavam como outro, sabe? Então, assim, desde muito, muito cedo. Então, às vezes começou a falar, “você nem é preta, você é no máximo uma mulata”, sabe? Já ouvi isso também, então. Então assim, só que tipo, ao mesmo tempo que você não é, você também é, sabe? Tipo, na hora de ofender você é sim, sabe?

Na última parte da fala de Janna, percebemos que às vezes a ambiguidade na leitura racial também pode surgir em situações como: se for para obter uma condição de benefício, via ação afirmativa, por exemplo, sua identidade negra é invalidada – você não é negra, é morena. Contudo, você é negra o suficiente para ser alvo de processos de discriminação racial, como o que foi relatado por Janna. Saberemos mais da história de Janna no capítulo

Nega do cabelo bom ou Nega do cabelo ruim? e Não é porque meu cabelo está “preso” ou “armado” que ele é bandido! (Des)Atando nós dos cabelos. Contudo, aproveito o ensejo dessa fala de Janna, para destacar o que diz Isildinha Nogueira, no prefácio do livro *Negritude sem identidade*, do filósofo Érico Andrade, ao qual ela ressalta que “o negro de pele clara não é branco para os brancos; é como viver em estado de “suspensão” permanente, uma justaposição da falta de lugar, que se sobrepõe ao fato de, a priori, ser discriminado por não ser branco nem negro.” (2023, p. 17)

Alika também falou sobre o olhar do outro, que, segundo ela, há olhares de aprovação e de reprovação. Ela relata sobre a importância desses olhares para ela, pois ela percebe se o outro está achando bonito ou não, diferente ou não, se gostou ou não, etc.

***Alika:** Eu sou muito “camaleoa”, eu gosto de estar mudando, eu gosto sempre de experimentar. E uma mudança é um diferencial, é muito bom (risos).*

***Benilde:** E como é ser diferente para você? O que é esse diferencial para você?*

***Alika:** Ser diferente pra mim, no caso eu vou estar sendo eu mesma agora pras outras pessoas é pras outras pessoas me olhar, porque tem como você entender quando a pessoa te olha e não gosta, e você entende quando a pessoa te olha e está achando maravilhoso. Não só uma pessoa te olha, mas todas as pessoas te olham e falam, e o olhar delas está: “assim o que? Que empoderamento é esse?” (risos). Isso pra mim é o diferencial (risos) “onde é que você vai com esse cabelo?” (risos) você dá uma jogada assim e fala: “pá, estou indo mesmo” (risos) tem gente que olha e fala assim, dá pra perceber: “acho que não é dela não” aí só que eu sou uma pessoa que gosta de desafios, aí sim é que eu passo na frente dessa pessoa, não pra teimar ela, mas mais pra mostrar pra ela que eu estou fazendo aquilo não é por ela, e eu passo com o cabelo lindo, o vento bateu eu estou maravilhosa (risos).*

Mulher negra com cabelos naturalmente lisos, Luena relata que as pessoas indagam se o cabelo dela é realmente liso, após olharem e perceberem que os fios dela destoam do que, no imaginário das pessoas, devem ser os tipos de cabelo das pessoas negras. A fala dela demonstra que o olhar das pessoas também podem ser disparadoras de dúvidas. Luena tem pais interracialis e é negra de pele retinta; ela conta que várias pessoas já indagaram se ela alisa o cabelo, e como prova, diz que já lavou e esperou secar naturalmente.

***Benilde:** E as pessoas perguntam se você alisa o cabelo?*

***Luena:** Ahhhh (risos)*

Benilde: *Eu acho que deve vir muito essa pergunta, né?*

Luena: *E muito, muito! Principalmente quando me veem com meu pai ou juntos com os meus irmãos que todos têm um cabelo encaracolado, não é crespo, mas é bem encaracolado e tô eu lá (risos). “Ah, seu cabelo não é assim, né? você alisa!” Não, não aliso, eu nasci assim! Teve vezes, assim, de ter que lavar o cabelo e sair com cabelo molhado.*

Benilde: *Sério?*

Luena: *Sim, pros amigos. Com os meus amigos eu tive uma experiência dessa de que eles ficaram falando, entramos na pauta desse assunto de cabelo e de raça. E eu tive que provar, lavei o cabelo esperei secar na frente de todo mundo (risos) é bem complicado.*

Luena fala ainda sobre o estereótipo do tipo de texturas de cabelos, cujo parece haver uma distinção do tipo de cabelo que pessoas negras devem ter e o tipo de cabelo que as pessoas brancas devem ter. Ela diz:

Luena: *pra quem faz essa comparação é muito grande realmente, tem cabelo de gente preto, parece, que tem aí o que que é pra preto e o que que é pra branco.*

Alika também fala sobre esse imaginário de texturas capilar distintas e pré-determinadas para cada tipo de pessoa. Ela relata, por meio de um exemplo:

Alika: *se uma pessoa negra estiver andando na rua com uma touca e parar pessoas pra perguntar: “como vc acha que é o cabelo daquela pessoa?” É lógico que se for qualquer negro eles vão falar “o cabelo dela é crespo” (risos).*

Vimos até aqui, portanto, que o racismo é um elemento estruturante da sociedade brasileira e de central relevância para a Psicologia, e que precisa ser mais pesquisado no que tange à corporalidade, e, em especial, o que se tece junto às significações do cabelo no processo de se tornar pessoa negra. É preciso especificar, portanto, as razões pelas quais o cabelo é um elemento fundamental para compreender como operam e ocorrem essas dinâmicas.

5.3 TRANSIÇÃO CAPILAR: AS DIFERENTES TEXTURAS DO CABELO E DO RACISMO

É lindo, pretinha, curtinho seu cabelo
 Ele cresce, mas encolhe
 E é assim mesmo.
 – Mas não balança que nem o dela.
 Você tem travesseiro. Sorrio; explico:
 No ônibus, quando for dormir
 Com a cabeça na janela,
 É que nem algodão,
 Sorte nossa vir assim.
 Já sentiu?
 Faz assim:
 Ponho a mãozinha esquerda dela no meu algodão
 e a mãozinha direita dela no algodão dela.
 A gente ri.
 – Mas não balança, né?
 Mas, pretinha, a gente quer coroa mole para quê?
 É firme!
 Esse nosso cresce pra cima,
 Que é pra indicar o tamanho da nossa sorte.
 – Grande, até lá no céu?
 Até lá no céu.¹⁹

Quando uma pessoa decide parar de passar produtos químicos – que têm o intuito de alisar ou abrir mais os cachos (relaxar) – nos cabelos, com o objetivo de deixar crescer até que apareça e cresça a textura natural dos fios, esse processo é nomeado como transição capilar. Consiste num processo que demanda tempo e paciência, pois é somente após o crescimento do cabelo, e de cortar toda a parte que, *a priori*, em algum momento, recebeu química, que a transição capilar se conclui. Esse processo demora de seis meses a dois anos, a depender de cada pessoa.

A textura aqui se refere às diferentes formas que podem existir dos fios de cabelo. A classificação comum mais usada hoje, tanto para saber qual o tipo de curvatura o cabelo possui – que pode ser mais aberta ou mais fechada –, quanto para auxiliar na aquisição e uso de produtos que são mais adequados para cada tipo de formato. É costume dividir os cabelos em quatro tipos, a saber: lisos, ondulados, cacheados e crespos sendo que “1” refere-se aos tipos mais lisos e “4” aos crespos (Foto 3 – Anexo A). A última obra traduzida para o português de bell hoks foi *Irmãs do inhamo: mulheres negras e autorrecuperação*, na qual ela afirma que

¹⁹ Poema Travesseiro do livro *Tudo nela é de se amar: a pele que habito e outros poemas sobre a jornada da mulher negra* de Luciene Nascimento.

“a primeira questão corporal que afeta a identidade das mulheres negras, ainda maior que a cor, é a textura do cabelo.” (hooks, 2023, p. 103).

Durante a transição capilar, o cabelo fica com diferentes texturas (ver As texturas - Anexo A - Foto 2: Linha do tempo – Fases da transição capilar), geralmente as pontas se mantêm lisas, devido ao uso dos produtos que alisam (relaxamento, progressiva...) e na raiz vai aparecendo os cachos. A distinção de estruturas dos fios ficam mais explícitas, na medida em que os produtos para alisar são deixados de passar, as raízes são as primeiras a apresentarem formatos diferentes e um único fio pode ter mais de quatro texturas diferentes a depender do comprimento (ver Anexo A - Foto 2: Linha do tempo – Fases da transição capilar). Algumas pessoas optam por fazer o *Big Chop* (“grande corte” que pode ser feito com tesoura, navalha e máquina de cortar cabelo), o qual consiste em retirar o comprimento dos fios para não terem diferentes texturas e ir crescendo com apenas uma, neste caso, a textura “original” do cabelo.

Contudo, é possível entender que a transição não parece ficar apenas no âmbito capilar, pois, aparentemente, ocorre simultaneamente uma “transição social”. Metaforizando, mais uma vez: é como se passar pela transição capilar fosse uma ação semelhante a uma “saída de um armário”. O que quero dizer é que *sair do armário capilar* significa também sair do armário racial. Em consonância com não querer mais ter um cabelo alisado, e ao explicitar isso socialmente, faz com as pessoas não mais te vejam como alguém embranquecido. O fator “ser uma pessoa negra” fica mais evidente.

A fala do participante, Dayo (citado em *Cabelo como marcador da diferença e meio de denúncia inquestionável*) quando ele diz sobre os momentos de tentativas de alisar o cabelo “*Eu passei tudo isso pra ele ficar liso e ele não ficava liso. Ele ficava tipo parecendo um espantalho*” faz com que a gente confirme que quando as raízes começam aparecer, as pessoas (o Outro) se dão conta de que aquele cabelo liso não é seu, naturalmente. Isso é semelhante às máscaras brancas que Fanon discute e explicita em sua obra *Pele negra, máscaras brancas*, por meio da análise do movimento negritude na França. Fanon afirma que é ao se frustrar com a tentativa de entrar no mundo branco que o sujeito negro afirma o seu pertencimento negro (Fanon, 2008).

Logo, precisamos nos afirmar negros para sermos humanos. É ao negar a humanidade branca que o sujeito negro aceita e tenta se aproximar da humanidade negra, que tem como via principal a negritude. “Se o branco contesta minha humanidade, eu mostrarei” (Fanon, 2008, p. 189). As diferentes texturas capilares aparecem e vão se formando não apenas no cabelo, mas se refletem e se projetam nas diferentes “texturas” do racismo. Episódios racistas ficam mais

explícitos, evidentes e escancarados, conforme veremos na categoria sobre racismo capilar e ambiente de trabalho, que é um dos capítulos deste trabalho.

Zuri e Dayo recordam e relatam episódios que ocorreram em ambientes de trabalho:

***Zuri:** me lembro de um episódio que eu fui trabalhar numa ótica e eu já tava fazendo meu cabelo, meu cabelo ele já tava mais armado e a moça pediu para eu começar a prender o cabelo, assim, quando eu for pro trabalho, prender o cabelo, só que todas as outras meninas que tinha o cabelo liso estavam de cabelo solto. Só o meu cabelo que tinha que ficar preso. Mas, o meu cabelo black power, né?*

***Dayo:** Inclusive, recentemente, a gente sabe que quando a gente assume nosso black, ao assumir nosso cabelo crespo, a gente vai enfrentar esses olhares, porque a gente enfrenta esses olhares só por ser preto, mas, quando a gente está assumindo essa força, é como uma afronta para os brancos, né? Eles se sentem como afrontados então, e senti isso dentro do ambiente de trabalho, né? Eu já perdi emprego por conta disso. Inclusive, a última fala do que aconteceu, recentemente, foi numa conversa, né? Fui levar os documentos numa empresa e numa conversa com o pessoal do RH, aí parecia que estava tudo bem e estavam todos ali pra fazer sala pra você, só que ela acabou soltando “ah você tem que cortar o cabelo! não pode usar o cabelo assim aqui na empresa!”*

Dayo também relatou que a frequência de falas racistas aumentaram, inclusive no convívio com familiares, a partir do momento que ele não alisou mais o cabelo:

Já tinha assumido black, aí foi até mesmo dentro de casa com os meus irmãos, eles: “ah não, você tem que cortar! esse cabelo está ridículo!”

É possível, então, dizer que o fato de passar pela transição capilar evidencia que a pessoa abandonou a tentativa de se embranquecer, pelo menos o cabelo, e assume explicitamente e externamente as suas raízes, bem como o formato e a curvatura que tem os seus cabelos. No tocante, parece que a curvatura dos fios está diretamente relacionada com a curvatura do racismo. O racismo se evidencia e se escancara constantemente quando as pessoas decidem não mais alisar seus cabelos.

Entretanto, ambos participantes relataram também como foi esse processo de “humanidade negra” (como argumenta Fanon) através do cabelo, a negação da brancura, e a afirmação de suas negritudes:

Dayo, diz: *eu não sou esse tipo de pessoa, branca, padrão. Eu sou diferente, então, eu tenho que mostrar a minha força aqui, né? Então, pra mim é assumir realmente quem eu sou! E entender que você é lindo! Meu cabelo é lindo! E aí, na hora que eu comecei entender, me olhar no espelho e falar: “meu, olha esse cabelo, que coisa linda! Que poder!*

Zuri, diz: *às vezes, as pessoas querem branquealizar a gente também, né? querendo tornar a gente meio que brancos porque a gente tá em espaços predominantemente por pessoas brancas, a gente tá fazendo cultura. No maracatu, a maioria das pessoas são brancas, e, às vezes as pessoas te colocam como se tu fosse uma delas “eu não sou uma de vocês eu sou muito diferente”. Então, às vezes, é preciso mostrar, para além do falar, é preciso mostrar: “olha essa sou eu” (risos).*

Sobre o cabelo, **Zuri** revela:

O cabelo me fez me descobrir, me conhecer, o cabelo me faz eu me conhecer cada vez mais, porque no momento que eu tô cuidando do meu cabelo é o momento de autorreflexão, de autoconhecimento é o momento de eu me olhar, eu acho que, pra além de eu estar ali trançando, fazendo, ó esse penteado eu fiz ontem com essas bolinhas. Então, pra além de eu tá ali fazendo um cabelinho diferente cada semana é um momento em que eu paro para me conhecer, pra eu saber o que tá se passando no mundo comigo aqui dentro. Então, pra mim, cabelo é empoderamento, é autoconhecimento, é beleza, é esse acesso das nossas origens, né?

Fanon dialoga sobre o momento em que nos deparamos e descobrimos que “não há mundo branco, não há ética branca, nem tampouco inteligência branca.” (Fanon, 2008, p. 189). Segundo Fanon, é ao negarmos o ideal de brancura que começamos a acessar a nossa negritude. Neste trabalho, ao ouvirmos essas narrativas, interpretamos-nas como exemplos de resistência ao racismo, conforme descrito por Fanon (2008) e Kilomba (2019). Lemos essas ações por uma perspectiva afro centrada e antirracista. E temos a expectativa de que a brancura da pele se torne somente uma “característica da diversidade de fenótipos humanos e não um lugar de poder” (Ibirapitanga & Schucman, 2023, p. 186).

5.4 QUAL É O PENTE QUE TE PENTEIA? DO PENTE QUENTE²⁰ AO PENTE GARFO²¹

“Eu nunca tive problema com meu cabelo. Os outros que tinham” – Palesa

Durante a construção deste capítulo, me lembrei inúmeras vezes da obra *Histórias de leves enganos e parecenças*, da escritora e doutora Conceição Evaristo, na qual ela ressalta: “Hão de me perguntar: por que ouço então as outras vozes, se já sei. Ouço pelo prazer da confirmação. Ouço pela partição da experiência de quem conta comigo e comigo conta. (...) Escrevo o que a vida me fala, o que capto de muitas vivências. Escrevivências.” (2016, p. 17). Nessa obra, Evaristo apresenta treze histórias de mulheres que possuem leves enganos, mas que também possuem parecenças. As histórias capilares destas duas mulheres negras (Palesa e Zuri) participantes têm muitas mechas em comum, tentarei pentear as palavras a fim de formar algo que consiga ser visualizado por vocês, leitoras(es).

Gostaria e acho importante explicar o título deste capítulo. A primeira parte diz respeito à letra da música *Nega do cabelo duro*, sucesso de 1942, escrita por David Nasser, e regravada por Elis Regina, Planet Hemp e outros artistas; essa música é muito conhecida por várias gerações e traz inúmeras vezes na letra a indagação “qual é o pente que te penteia?”. E, a segunda parte do título tem relação direta com duas mulheres negras que compõem esta pesquisa. Zuri foi a primeira pessoa que entrevistei, e Palesa, a penúltima.

Palesa e Zuri, são duas mulheres cis, de 36 e 37 anos, respectivamente, que nasceram em cidades distintas, Criciúma e Palhoça, ambas situadas no mesmo estado, Santa Catarina. Embora não se conhecem, suas histórias capilares apresentam parecenças. Ao serem indagadas sobre a história de seus fios, relataram quase que uma linha do tempo de seus cabelos, na qual, na infância, utilizaram-se como instrumento a fim de alisar os fios, o pente quente, mas, atualmente, na fase adulta, fazem uso do pente garfo para dar volume aos seus crespos. Ao longo dessas trajetórias, há relatos de dores e sofrimentos, mas também de volta por cima e muita coragem.

***Palesa:** Na infância, eu lembro que, filha de mãe preta, né? Sabe que elas penteam nossos cabelos para ficar uns 15 dias sem precisar mexer, porque elas trabalham. Então, tipo, eu lembro da minha mãe e até as minhas tias também fazer muito coque e*

²⁰ Ver Figura 5 e Figura 6 em Anexo 1.

²¹ Ver Figura 7 em Anexo 1.

trança. Aí, depois de um tempo, a minha mãe falou assim, Ah, tipo aí, ela queria fazer uma coisa diferente, né? Porque a gente insiste naquilo, né? A gente coloca a camisa na cabeça e fica balançando como se tivesse cabelo grande, que é um clássico das crianças pretas. Aí, não sei com que idade, ela, tipo passou, pente quente, alisou assim, mas sem produto, passou só o pente. Ela passava o pente quente, sem produto, porque o calor já alisava, não é? Ela foi alisar depois, tipo, com produtos bem mais tarde.

Zuri: Ah, eu tenho bem vivo assim na minha memória, como se fosse ontem, é que nessa época que meu olhar enquanto ser negra partia muito do olhar do outro mais do que do meu. A minha mãe passava pente quente no meu cabelo. Então, eu rezava para chegar o final de semana e ela poder passar pente quente no meu cabelo. Eu ia segunda-feira pro colégio assim me sentindo como se aquilo fosse me deixar igual aos meus outros colegas, que eram a maioria pessoas brancas, né?! Então era o momento mais feliz, mesmo me queimando, mesmo queimando orelha, pescoço... é o meu cabelo, tá liso! Então, a minha passou essa fase do cabelo, né?!

Ambas relataram episódios de racismo capilar no ambiente escolar:

Palesa: Mas, na infância, tipo, eu, aí que tá, eu fico lembrando até esses dias, eu vejo o pessoal falar que tem problemas com seus cabelos, aí porque eu nunca tive problema com meu cabelo. Os outros que tinham! Eu lembro assim, que eu até poderia ter tido porque teve um episódio na escola, porque a gente é o quê? Sempre acusada de roubo. Aí teve um episódio na escola que eu estava com o cabelo, a mãe tinha feito as tranças soltinhas, ela fazia trança. E aí, eu lembro que era bem, tipo, primeira série. Assim, e a professora falou, daí uma branca, sempre uma professora branca. Ela assim, “Ah, sumiu o anel da criança.” Ela falou assim, “Ah, foi aquela ali de tranças” só tinha eu de trança e de preta. Aí foi aquela coisa toda, olharam, não tinha nada, claro! E a ridícula depois achou no bolso, daí foram lá pedir desculpas, se fosse hoje eu não desculpava, aí eu desculpei porque a gente tinha que aceitar desculpas, né?! Eu devia ter uns 6 – 7 anos, por aí. Mas aí foi isso. E aí eu fiquei pensando, nossa, eu poderia ter ficado assim, ‘nossa, por causa do meu cabelo’. Aquela coisa. Só que tipo, não foi uma coisa que me fez não gostar do meu cabelo, sabe?

Zuri: Na pré-adolescência, quando eu fiquei com um menino, e todas as colegas dele riram dele porque ele ficou comigo, uma menina negra, que tinha o cabelo curto e duro, então elas ficaram rindo dele e eu estava próxima assim, então eu vi elas debochando

falando “nossa você tem coragem de ficar com aquele cabelo, olha o cabelo dela”; então, eu e a minha prima, que era minha parceira, a gente começou a trançar nosso cabelo. Foi nessa fase aí, que a gente começou a aprender a trançar nosso próprio cabelo para as pessoas não rirem da gente, porque a gente tinha cabelo micoco,²² eles chamavam a gente: “ah micoca” –porque na época ser chamado de micoco era a maior ofensa né?! Na época do ensino fundamental, no colégio, então, era “ah micoca, ah micoca, nossa você teve coragem de ficar com aquela micoca?” e acabou o mundo.

A partir dos relatos dessas duas mulheres, levantamos o seguinte questionamento: *Cabelo na escola – há um cabelo bom para estudar?* Pois, esses relatos confluem com os relatos de muitas pessoas negras que já passaram por instituições de ensino. Inclusive, me recordo de um centro de educação infantil no qual fiz estágio na época da graduação; lá existia o dia do cabelo, todas as quartas-feiras, as professoras e as auxiliares faziam o mesmo penteado nas crianças (meninas), com exceção das crianças negras que tinham o cabelo crespo, essas crianças não participavam desta “atividade”; quando eu indaguei o motivo, elas disseram que era difícil manusear aquele tipo de cabelo e que preferiam deixar como as mães mandavam, geralmente as crianças iam com penteados presos ou com os cabelos trançados. Sabemos que o momento em que alguém mexe em nossos cabelos é um momento de proximidade. Percebi, então, naquela época, que as crianças negras eram muito menos tocadas do que as brancas. Confirmando assim o estudo da socióloga Fúlvia Rosemberg, publicado em 1987, o estudo revela que as crianças negras permanecem mais tempo com suas fraldas, ou seja elas demoram um tempo maior para serem trocadas, demoram mais para receber alimentos e recebem menos afeto, isso comparado às crianças brancas (Rosemberg, 1987). Logo, o racismo atravessa estas instituições, que deviam ser espaços de cuidado e preservação do bem-estar de todas as crianças.

No livro *Sobrevivendo ao racismo*, de 2023, da historiadora Luana Tolentino, ela relata um triste episódio de racismo quando ela estava ainda na terceira série do ensino fundamental, no qual uma outra criança, três anos mais velha do que ela a chamava de “macaca” todos os dias durante vários momentos no ambiente escolar, até mesmo na hora de rezar o pai-nosso, diariamente antes das aulas. Passado muito tempo que Luana sofria esse racismo cotidiano, e já não suportando mais, ela resolveu contar para a professora, que ao invés de intervir em prol de findar a violência que Luana estava vivendo, a professora a expôs ainda mais, levando-a para frente de toda turma e em seguida dizendo: “olhem para a Luana! Vocês acham que ela se

²² Micoco ou micoca eram expressões usadas de forma pejorativa referindo-se ao animal macaco.

parece com uma macaca?” e a turma toda virou um alvoroço, zombando ainda mais de Luana, que ficou ainda mais triste e constrangida com toda a situação de vexame e desamparo que ela passou, mais de uma vez, no ambiente escolar.

Esse tipo de ocorrência nos espaços escolares, coloca em xeque e denuncia o não cumprimento da lei sancionada há 20 anos, pelo presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, a lei 10.639²³ do ano de 2003, que diz no [Art. 26-A](#): “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”. E, no Art. 79-B: “O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’”.

Os relatos de Zuri e Luana comprovam a todos nós o fato de que, quando alguém nos chama de “macaco”, está negando a nossa condição humana. É uma tentativa de nos animalizar, ao mesmo tempo que nos desumanizam. Como nos alerta o antropólogo Kabengele Munanga “todas as qualidades humanas serão retiradas do negro, uma por uma [...] o negro acaba perdendo o hábito de qualquer participação ativa, até reclamar.” (Munanga, 2020, p.32).

Esse xingamento racista seria também uma forma de colocar as pessoas negras para reviverem uma cena colonial-racista, pois como nos informa Lugones (2019; 2020) e Mignolo (2008) o contexto colonial pautou-se em uma ideia do “não ser” mediada por uma perspectiva racista, onde as mulheres e os homens africanas(os) e indígenas foram concebidas(os) como não-mulheres e não-homens – o que justificava a sua escravização ou genocídio. Esses sujeitos foram inferiorizados e animalizados, o que significa dizer que eles foram concebidos como despossuídos de razão e da capacidade de se autonear. Assim, os povos colonizados foram estritamente classificados como não humanos – animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. Concebidas(os) como machos e fêmeas: “machos se tornaram não-humanos-como-não-homens, e fêmeas colonizadas se tornaram não-humanas-como-não-mulheres” (Lugones, 2020; p. 372).

Palesa é acusada de roubo, e foi por via do cabelo que a professora a identificou como tal, “*Ah, foi aquela ali de tranças*”. Palesa vivenciou no ambiente escolar o reflexo do estereótipo social que pessoas negras têm, no subtítulo “o negro retardado, perverso, ladrão”, da obra *Negritude: usos e sentidos*, Munanga ressalta que:

²³ Esta lei foi alterada em 2008 pela Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008, passando a incluir no currículo oficial da rede de ensino também a obrigatoriedade da História e Cultura indígena.

Com tais defeitos, não se pode confiar ao negro funções de responsabilidade ou postos de direção. Sendo deficiente, o negro deve ser protegido. Legitima-se o uso da polícia e de uma justiça severa diante de um retardado, com **maus instintos e ladrão**. É preciso proteger-se das perigosas tolices de um irresponsável e defendê-lo de si mesmo. Nesse contexto, a hostilidade do negro, reconhecida como algo de positivo, decorre também da sua fragilidade e falta do senso de previsão e economia. (Munanga, 2020, grifo nosso, p.32)

Winnie Bueno inicia sua recente obra *Por que você não acredita em mim* relatando o episódio, de uma criança, que foi acusada de roubar um dinheiro ao qual ela havia achado. O capítulo se chama *Achado X Roubado*, e o foco é exatamente o silêncio produzido pelo racismo, ao qual ela ressalta que é “um silêncio que fala muito alto e que muito tem a dizer sobre a forma como crianças negras são criminalizadas e privadas de sua inocência e de sua própria infância” (Bueno, 2023, p.35), quando se refere às crianças negras imputadas com o estigma de “menor infrator”. Durante a leitura desse livro, lembrei várias vezes do caso de Palesa, inclusive, penso que o conceito imagens de controle que Bueno alude para explicar o que ocorrera com aquela criança acusada de roubo, também cabe aqui. Bebendo também em Patricia Hill Collins, Winnie diz que:

Imagens de controle são a face ideológica do racismo e do sexismo: elas articulam justificativas para a naturalização das violências a que pessoas negras, em especial as mulheres, são submetidas, e sustentam as dinâmicas de poder já existentes. Elas apresentam dinâmicas múltiplas e significados diversos para cada experiência individual de pessoas negras, e seus contornos são adequados conforme vamos modificando o contexto que vivemos. Essas imagens repercutem de modo tão forte e cotidiano, principalmente a partir de estereótipos, que limitam a subjetividade de pessoas negras e contribuem para a naturalização das opressões que vivenciamos, inclusive na infância. (Bueno, 2023, p. 37)

Compreendo e concordo com a professora Bárbara Carine quando o assunto é racismo e ambiente escolar, no qual ela diz que “a escola precisa ser uma forte aliada no enfrentamento das opressões estruturais, fundamentalmente o racismo” (Carine, 2023, p.147). Afinal, a escola é “um complexo social fundamental na nossa constituição, tanto no âmbito social, pensando na coletividade, quanto no aspecto individual, a partir da nossa construção subjetiva.” (Carine, 2023, p.147).

Inclusive, um fator curioso que percebemos nesses relatos é que mesmo se passando algumas décadas, as participantes entrevistadas relatam as violências raciais vivenciadas por elas na infância, como se fossem algo que aconteceu recentemente. Isso se confirma na pesquisa realizada por Eliane Cavalleiro, intitulada como: *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*, na ela refere-se às nossas vãs tentativas de esquecer as dores e os sofrimentos causados pelos efeitos do racismo, ela diz que

“pode se passar boa parte da vida, ou até mesmo a vida inteira, sem nunca esboçar qualquer lamento verbal como expressão de sofrimento. Mas sentir essa dor é inevitável” (Cavalleiro, 2000, p.10).

Convido vocês, neste momento, a fazer uma “viagem no tempo comigo”, com o objetivo de conhecermos a linha do tempo da transição capilar de Palesa e de Zuri.

A fase das tranças (parte 1):

Palesa: *E aí, enfim, minha mãe me fazia trancinha, depois de um tempo, daí comecei a colocar tranças também, mas eu não lembro a idade. Então eu sempre gostei de trança assim, porque é prático, porque fica bonito e porque eu enjojo de olhar no espelho e ver o mesmo cabelo sempre. Vejo nas tranças uma possibilidade de mudar de visual. O cabelo crespo é versátil, se eu posso mudar, eu vou mudar. Se eu tenho dinheiro, eu vou mudar, porque eu gosto de mudar e é isso.*

Zuri: *A gente foi se trancou na casa da minha prima, no quarto, botamo música dos Racionais, nunca me esqueço, as primeiras vezes que estava escutando Racionais que meu primo já escutava, e a gente começou a trançar uma o cabelo da outra.*

Do alisamento para a transição capilar:

Palesa: *E aí teve aquela fase de alisar cabelo. Por que eu gostava? Não! Mas era o que tinha! Eu fiquei um tempão, tipo, eu já usei: Henê, já alisei em casa, já fui no salão, quando eu fiz a transição, eu estava indo no salão e eram todas mulheres negras no salão, elas eram bem queridas, e eu gostei bastante, porque de fato, meu cabelo estava crescendo, estava saudável, sempre cuidava e eu não tinha esse problema de ter aquele cabelo todo quebrado ou, tipo, com a ponta muito fina, porque elas eram maravilhosas e eu sempre gostei de cuidar. Então, o meu cabelo estava lindo, com brilho, assim, ó, ele estava maravilhoso, só que quando eu vim para cá, em 2014, para ficar 3 meses, fiquei até novembro. Aí tinha uma amiga que estava aqui, ela falou assim, “ai, agora eu estou vendendo esses negócio” e foi bem naquela época que deu aquele boom, né?! assim, “ai, que legal, vou ver!” Aí eu falei assim, “ai, acho que eu vou testar”, porque eu não tenho apego também. Se tiver que rapar, eu raspo; se tiver que cortar, eu corto. Aí eu falei: “eu vou começar a fazer a transição para ver como é que fica”, porque eu sempre detestei ir em salão, porque aquele negócio quente na cabeça eu não gostava, mas como era o mais fácil, e era o que tinha, eu ia. E aí eu comecei a fazer, daí assim, “ai eu gostei disso!”. Aí eu falei assim, “ai, nunca mais eu vou passar trabalho em*

salão horas com o meu cabelo quente e eu não consigo nem imaginar que o cabelo pouquinho assim, ó, que eu olho assim, nossa, eu com o cabelo bem fininho, sem volume. Hoje eu digo “meu Deus, o que é que é isso?”

Zuri: *Teve também essa fase também. Depois das tranças, a gente ficava intercalando com aqueles relaxantes de farmácia, então a gente ficou alguns anos, não sei te dizer exatamente, até uns 17, 18 anos com esses relaxantes de cabelo, até um pouco mais talvez até os 20, 21 anos. Mas aí a minha prima sofreu um corte químico, e perdeu boa parte do cabelo dela. Então, depois disso, ela começou a não querer mais fazer em casa com medo, ela não parou de fazer, hoje em dia ela ainda alisa o cabelo dela, ela passa chapinha no cabelo dela ainda, mas ela começou a ir em salão e não mais fazer em casa como a gente fazia. Então, esse foi um momento de transição pra gente. Eu comecei a não querer mais tanto, então eu fazia menos, sempre deixava o meu cabelo mais crespo, eu fazia menos, mas sempre fazia em casa porque eu sempre fui mais mão de vaca (risos) e a minha prima continuou alisando, mas continuou alisando no salão. Faz oito anos, não, faz uns nove anos que eu parei de passar química no cabelo totalmente, foi o momento em que eu conheci um parceiro. Eu tive um parceiro que foi o pai de um filho que eu tive, que ele era rastafari, é rastafari e ele é de Manaus e ele sempre olhava pra mim falava “por que tu não deixa seu cabelo natural? É tão bonito teu cabelo natural, você conhece o teu cabelo? Tu conhece a textura do teu cabelo?” E eu fiquei pensando assim: realmente eu acho que eu não conheço a textura do meu cabelo. Porque quando eu era criança a minha mãe passava pente quente e, depois eu fiquei passando aqueles produtos de farmácia e quando eu não estava com produto de farmácia no cabelo, ele já estava crescendo um pouco a raiz eu tacava ali trança; e quando tirava a trança, já era produto de farmácia de novo eu falei “realmente eu não conheço a textura do meu cabelo”. Aí ele falou “deixa teu cabelo natural pra ver como é que é”. Aí em seguida, engravidei; aí eu falei “agora a oportunidade de eu deixar meu cabelo natural”.*

O Big Chop (Grande Corte):

Palesa: *O cabelo me ensina muito! A vida é cheia de possibilidades e o cabelo, ele mostra isso. Eu amo meu cabelo, mas eu acho que o desapego é o cuidado, mas é tendo um desapego também, porque tem coisas que a gente não precisa e, nem deve ficar se apegando muito. E o cabelo é isso.*

Benilde: *Sim, você já cortou muito o cabelo? Assim, rapou ou fez o Big Chop?*

Palesa: *Já fiz tanta coisa. Ah, agora que eu estou lembrando, eu lembro que uma vez, quando eu tinha uns 14 anos, eu cortei ele bem baixinho, igual o Pelé. Porque eu estava que eu estava assim: “ai eu quero rapar”, mas minha mãe falou assim: “não, não raspa, deixa que eu corto”, daí ela foi lá e cortou bem quadradinho.*

Zuri: *É, não usar mais as químicas durante a gravidez parei de usar produtos durante a gravidez e cortei o cabelo, assim, eu gostava muito de cortar o cabelo. Então na época da infância, eu já tinha raspado o cabelo umas duas vezes então eu não tinha dó assim mesmo criança eu falava “ah raspa, raspa tudo!”. Então eu fui lá deixei, cortei na gravidez, deixei acho que dois dedinhos, três dedinhos de cabelo e, depois disso nunca mais passei produto nenhum na minha cabeça.*

Benilde: *Foi aí que você fez o Big Chop então?*

Zuri: *Foi*

Benilde: *Ah entendi! Que legal. Como você se sentia antes e como você se sentiu depois deste grande corte?*

Zuri: *Ai, eu me senti eu. É a sensação de: “essa sou eu, por completo, esse é meu cabelo, essa é minha pele, esse é meu corpo, essa é a minha cara com o meu cabelo, com a cor do meu cabelo natural essa é a cor do meu cabelo”. Porque era sempre também pintado e também a química ela descolore um pouco teu cabelo, né?! Deixa em outro tom, então, eu me ver, tocar no meu cabelo, como é o meu cabelo de quando eu era criança, que não na época antes de começar mexer foi como se fosse um resgate, assim, daquela criança ferida, na verdade, antes de ser ferida, sabe?*

Benilde: *Uhum. Uhum.*

Zuri: *Aquela criança que não sabia do julgamento dos outros, do olhar dos outros, que queria começar a se modificar por conta do outro. Então, quando eu deixei meu cabelo, que eu senti os primeiros cachos natural sem química nenhuma, foi como se eu me encontrasse com aquela criança antes de ser ferida, né, antes de querer se modificar.*

A fase das tranças (parte 2):

Palesa: *Assim, a mãe sempre cuidava, a avó, enfim. Então, a gente sempre usou trança do próprio cabelo. E eu não me lembro qual foi a primeira vez que eu usei trança com extensão. Mas eu sempre gostei, sempre gostei com cores assim. Não sou tão básica. Mas não gosto tão colorida, mas, assim, eu gosto com cor. A que eu mais gostei foi uma*

acobreada, assim, que eu olhei e falei assim: “meu Deus africana!”, sabe aquela imagem que tem uma mulher que tem uma tribo que elas usam, tipo, Barro no cabelo?

Benilde: *Uhum. Sim.*

Palesa: *eu falei assim: “gente, sou eu, aquilo que sou, eu sou”, daí isso. Mas, eu adoro colocar tranças. Porque, tipo, é a mesma pessoa, mas é outra pessoa.*

Benilde: *Aí nas tranças, você vê mais como uma mudança ali? “Ai, quero mudar, vou trançar o meu cabelo”? Você vê essas possibilidades de mudança dali?*

Palesa: *Sim, e assim, o cabelo da gente, o cabelo crespo, ele é muito versátil. Então, tipo, às vezes, eu, eu não faço mais coisa porque eu fico com preguiça porque tem coisa que tem que dar manutenção, tipo, corte, mas, assim, gente as tranças. É um mundo de possibilidades, então, e, eu gosto de mudar. Querendo ou não, dependendo da trança sinto que é uma conexão, assim, que tu consegues enxergar na ancestralidade, mais ainda, né? Nas várias versões que a gente tem, porque são várias versões, né? Temos um monte!*

Benilde: *E é você mesma que faz suas tranças?*

Zuri: *Eu mesma. Tiro um tempo na semana e falo: “vou fazer um penteado aqui”? Vou me olhar e vou ver o que que vai sair.*

Benilde: *E você aprendeu, então, fazendo na sua prima e fazendo em você mesma?*

Zuri: *E fazendo em mim mesma, a gente fazia só aquela trança solta sem desenho, sem desenhos, né? Só normal, solta só que daí com acesso à internet, depois, porque quando a gente era adolescente não tinha, aí com acesso à internet ao ver tantos tipos de penteados africanos e tal, então eu falei assim: “nossa existe muitas possibilidades” Dá de brincar muito e eu me considero uma pessoa criativa assim, né? Então, eu gosto de tá sempre botando uns bereguedê. Eu falei, ah poder ser como se fosse um quadro né? um quadro vivo, em branco, taca ali o que tu quiser. Eu acho que é uma forma de se expressar também, pra mim, o cabelo é uma forma de me expressar, o meu estado de humor, o meu estado de espírito. Muitas vezes, às vezes quando eu já percebi que às vezes quando eu passo por alguma situação das pessoas duvidarem de quem eu sou, isso eu tenho percebido já umas duas, três vezes, é que em algum momento eu solto meus cabelos.*

Quando Zuri diz: “essa sou eu, por completo, esse é meu cabelo, essa é a minha pele, esse é meu corpo, essa é a minha cara com o meu cabelo, com a cor do meu cabelo natural essa é a cor do meu cabelo [...] como é o meu cabelo de quando eu era criança que não na

época antes de começar mexer foi como se fosse um resgate assim daquela criança ferida, na verdade, antes de ser ferida sabe?” percebemos que resgatar as raízes dos nossos cabelos pode ser uma via para retomarmos ao *a priori*. O que quero dizer é que vejo nessa fala que a transição capilar permite com que retomemos o que éramos, quando Zuri diz “*antes de ser ferida*”, interpreto como antes de passarmos pelo processo violento de alisar os nossos cabelos ou antes do racismo capilar, de fato, impactar em nossas vidas, a ponto de usarmos químicas na expectativa de nos embranquecer.

Como bem ressalta Nilma Lino Gomes “uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra e outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre brancos” (2020, p. 204). Palesa e Zuri nasceram e cresceram no sul do Brasil, no estado de Santa Catarina, considerado um dos mais brancos do país. Provavelmente ouviríamos um discurso diferente da experiência de vida ao entrevistar pessoas de outras regiões, que nasceram e tiveram experiência em territórios mais enegrecidos. Ouviremos ainda sobre Palesa e Zuri, na categoria sobre racismo capilar e ambiente de trabalho, que será o próximo capítulo deste trabalho.

5.5 CABELO PARA TRABALHAR E BOA APARÊNCIA PARA O MERCADO DE TRABALHO

*Meu cabelo enrolado
Todos querem imitar
Eles estão baratinados
Também querem enrolar*

*Você ri da minha roupa
Você ri do meu cabelo
Você ri da minha pele
Você ri do meu sorriso*

*A verdade é que você
Tem sangue crioulo
Tem cabelo duro
Sará crioulo*

Canção – Olhos coloridos de Sandra de Sá²⁴

²⁴ Olhos coloridos cantada por Sandra de Sá. A música foi composta por Macau (Osvaldo Rui da Costa), ambos são do Rio de Janeiro e a música foi composta em 1970, após Macau sofrer uma violenta abordagem policial, ao qual o policial se referiu ao cabelo e a roupa dele, na tentativa de justificar que ele era, de fato, um suspeito. Mesmo tendo sido composta a mais de 50 anos e lançada a mais de 40, a música é considerada um manifesto e uma prova da identidade e resistência negra.

O ambiente de trabalho pode ser considerado um lugar aversivo para as pessoas negras: desde tocar sem permissão, “convites” para amarrar, cortar ou alisar o cabelo, até uma forma de desclassificação em vagas de trabalho. Ao serem indagadas sobre ter vivenciado/sofrido algum preconceito em relação ao cabelo, algumas das pessoas negras participantes da pesquisa imediatamente relataram episódios vividos no mercado de trabalho. Dayo (26 anos, não-binário), Luena (46 anos, mulher-cis), Palesa (37 anos, mulher cis) e Zuri (36 anos, mulher-cis).

***Luena:** Até em entrevista de emprego já me questionaram quando eu coloco “mulher negra”. Já me questionaram se eu tinha colocado certo, eu fiquei super constrangida porque eu fui ver o que era achando que era uma outra coisa e tava lá, a moça me apontando que eu tinha colocado negra.*

Relembrando Luena é uma mulher negra retinta com cabelos naturalmente lisos, Luena conta que as pessoas a hetero-identificam como morena e não como negra ou preta. A partir do relato dela, podemos observar que ainda no preenchimento da ficha, no momento de se candidatar a uma vaga de trabalho, corremos o risco de já estarmos eliminados e de nem vir a ser contratadas(os)(es) simplesmente pelo fato “cor”. Cida Bento, em sua tese de doutorado, ressalta sobre a engenhosidade do racismo institucional, ao qual ela nos diz que: “ele está sempre presente, mas na maioria das vezes, não se explicita como um critério, sendo por isso mesmo muito eficiente, uma vez que não tem como ser reconhecido e questionado.” (Bento, 2002, p. 144).

Isso é reafirmado com o relato de Dayo:

***Dayo:** Vivi isso dentro do ambiente de trabalho, né?! Eu já perdi o emprego por conta disso, os olhares, né?! Inclusive a última fala do que aconteceu recentemente foi numa conversa, né?! Fui levar os documentos numa empresa e numa conversa com o pessoal do RH, aí parecia que estava tudo bem e, tudo ali pra fazer sala pra você, que ela acabou soltando “ah você tem que cortar o cabelo não pode usar o cabelo assim” – ela estava falando de uma forma mais romantizada, né?! Pra ser aceita fala dela e pra não parecer racista, mas ela estava sendo totalmente racista com meu cabelo. Aí eu disse “Não! meu cabelo é lindo do jeito que ele é e pronto! Eu não vou mudar meu cabelo pra me encaixar no seu padrão ou encaixar no padrão da empresa, né?! Porque assim, já estou trabalhando pra empresa, trazendo dinheiro pra empresa e vocês ainda querem que eu deixe de ser eu pra entrar nessa empresa? Não, né?! Me poupe eu não!”. Então,*

por conta disso uma das coisas, né?! Eu tive que enfrentar isso e enfrentar a validação do meu diploma, né?! Ali do meu lado profissional. Eles ligaram na instituição que eu fiz faculdade pra confirmar se o diploma era verdadeiro. Eu tenho mais de cinco anos de experiência e ela não quis me contratar, ela inventou umas desculpinhas lá e não quiseram me contratar porque eu não sou aparentemente nem fisicamente como eles querem, né?! E, um outro lugar, em 2021, depois de um ano que estava em Florianópolis, estava trabalhando para uma empresa, eu era o coordenador de Marketing, mas eu trabalhava em home office, então a gente não tinha aquele contato direto, era por vídeo chamada; então, eu mandava as demandas, a pessoa fazia, entregava pra mim, eu via se estava certo se não estava e passava adiante. Até que um dia, eu fui convidado a conhecer a empresa presencialmente, a equipe tinha mais de 35 pessoas, todas elas brancas, todas elas loiras e assim, quem não era loira tinha luzes assim(risos). E aí, cara foi bizarro! Porque estava eu e uma outra pessoa branca, eles passavam por mim e por essa pessoa branca e ele saudavam “bom dia” pra essa pessoa branca, somente pra ela, e aí quando eu falei assim: “olha quem eu sou coordenador e tal de marketing” ninguém acreditou e também ninguém queria receber ordens de uma pessoa preta nessa posição. Aí, eu passei o dia inteiro trabalhando presencialmente com ninguém falando comigo, a única pessoa que falou comigo, que se importou em perguntar se eu queria um café durante o dia todo, 8h00 trabalhando, foi a faxineira. A faxineira preta, somente ela. E aí no outro dia eu cheguei em casa passei mal-estar, a energia do lugar, eu passei muito mal. E no outro dia recebi um e-mail dizendo que eles recebiam muitas pessoas brancas, que tinha muitas pessoas ali dentro e essas pessoas que eles recebiam ali dentro, os compradores e tal eles não estavam preparados para uma pessoa que tinha tanta melanina.

Benilde: *Nossa eles escreveram isso?*

Dayo: *E eles escreveram isso por e-mail, tá?! Então eles não podiam contratar uma pessoa que tinha tanta melanina, no caso essa pessoa era eu, sendo que eu tava ali há mais de dois meses trabalhando com eles ali tudo excelente e eles não quiseram me contratar depois de me ver presencialmente, porque eu era uma pessoa preta e com black, né? Então, eu saí frustrada, péssima e foi horrível. Até parei por dois, três meses, na verdade parei de trabalhar, fiquei off de tudo, tive que voltar pra São Paulo porque eu não conseguia mais focar, né?! Tranquei o apartamento, fui pra São Paulo ficar uma*

*temporada lá, passei por psicólogos lá pra voltar com tudo, mas eu tive que passar por isso e sentir isso sobre a minha cor e o meu cabelo*²⁵.

A fala de Dayo capilariza em tantos aspectos essa discussão que foi desafiadora para mim sintetizar. Pois, temos escancaradas aqui várias facetas dos efeitos que o racismo produz em nossas vidas, e, neste recorte, no ambiente de trabalho. Vimos que não adianta Dayo ser qualificado, até o momento em que a sua cor e seu cabelo não estavam posto na “vitrine” da empresa, ele servia, a partir do momento que foi convidado a ir presencialmente, ele deixou de possuir o “perfil da empresa” e, de forma escancarada, após inúmeras falas e ações racistas, eles revelam que um dos fatores é a melanina. A dissertação de Neusa Souza expõe as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social, e denuncia o fato recorrente do adoecimento psíquico de pessoas negras que, mesmo tendo estudos, mesmo em ascensão, enfrentam (Souza, 1983).

O Brasil, é um país cujo percentual de pessoas negras em cargos de liderança não chega a 1% nas organizações, considerando cargos de diretoria, supervisão, coordenação, de senioridade (de alta e média gestão); pesquisa publicada em 2022²⁶. A partir das contribuições de Bento (2002), Carneiro (2011) e Gonzalez (1984), compreendemos que em razão do racismo institucional, mesmo quando escolarizadas e qualificadas, as pessoas negras são ignoradas ou rejeitadas quando o assunto é promoções ou a alocação em ocupação de bons cargos. Algo que ocorre com a justificativa – explícita ou implícita – da condição de “boa aparência”, que na prática significa a preferência por pessoas brancas, especialmente se forem loiras.

Nesse sentido, as pessoas negras são concebidas como incapacitadas para a contratação/promoção, ainda que com um currículo apropriado (Bento, 2002; Carneiro, 2011; Gonzalez, 1984). Por outro lado, as pessoas brancas, independentemente de suas qualificações profissionais, são idealizadas como elevadas em termos estéticos, intelectuais e morais: entendidas como mais bonitas, inteligentes e confiáveis (Bento, 2002; Schucman, 2020). Logo, no imaginário racista há uma concepção sobre a aparência adequada para cargos/funções de liderança de maior prestígio (a branca) e de liderado/de menor prestígio (a negra).

²⁵ Houve um acolhimento a Dayo, após este relato.

²⁶ Levantamento de vagas.com.

***Palesa:** Eu não sei como é que eu não fui demitida ainda. Teve uma vez, uma senhora com a filha disse: “posso te fazer uma pergunta?” – quando elas falam assim, eu digo para os meus amigos que eles podem ter certeza que elas perguntarão sobre o cabelo. Daí, ela falou assim: “nossa e teu cabelo? Como é que trança” eu falei: “ah, se a senhora procurar no google, tem tudo explicando certinho lá porque eu não sei só vou na cabelereira e faço. Ela disse assim: “ah, mas eu não entendo, e também não sei mexer em computador. Daí ela foi falando isso e pegando no meu cabelo, e eu afastando para trás, tinha uma escada e eu fui subindo as escadas. E ela continuou falando “não, é porque eu não conheço essas tecnologias” e eu disse: “Mas é isso mesmo, é assim mesmo, a gente vai aprendendo também a mexer com essas tecnologias” e fui subindo as escadas. Assim, toda vez eles vêm perguntando, toda vez, dá até preguiça, sempre perguntam se esse cabelo é meu mesmo. Fora quando eles não te perguntam se “tu não é brasileira, né?” Eu morro de rir, agora diminuiu um pouco, mas antes, quando tinha menos imigrantes era sempre. Uma vez num lugar que eu fiz uns bicos disseram: “tu é da Bahia?” e eu: “não. Sou daqui!”. Inclusive, num frigorífico que eu trabalhei lá, e várias pessoas que eu conheço, as pessoas que eram das cidades do lado, de Forquilha ou Siderópolis, perguntavam de onde eu era, eu dizia que eu era morava em Criciúma. Eles ficavam surpresos porque tinham pretos lá, para você ter noção, é do lado várias vezes, lá me perguntavam. Aqui, em Florianópolis eu sou africana, eles tem certeza, uma vez até me disseram que eu falava bem o português. Direto, direto, direto, me perguntam se eu sou do Haiti. Teve um que falou assim: “nossa você fala tão bem português”. Teve outro que disse: “nossa, tu é de onde?” Daí eu assim: “sou de Criciúma”, aí ele disse assim pra minha colega, falando na minha frente: “nossa, ela fala português!”, aí eu fiquei assim, eu fiquei olhando assim, aí ele pegou e começou a falar comigo e eu virei as costas, fingi que ele não existia e fiquei fazendo outra coisa. Teve um que falou assim: “qual é a tua origem?” Daí eu falei assim: “não sei, né?! Porque queimaram todos os documentos!”. Aí ele ficou meio assim. E isso, com qualquer cabelo, porque a gente que é mais escura, eles já supõem que a gente não pertence a esse lugar.*

Lélia Gonzalez afirma que:

[...] é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. Melhor exemplo disso são os casos de discriminação de mulheres negras da classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem “educadas” ou estarem “bem vestidas” (afinal, “boa aparência”, como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria “branca”, unicamente atribuível a “brancas” ou “clarinhas”). (1984, p. 230)

Vale destacar ainda que pessoas brancas, em razão da sua “aparência” (da sua brancura), gozam de privilégios simbólicos que se materializam em oportunidades, por exemplo, Schucman (2020, p. 136) ao questionar um rapaz loiro de olhos azuis, que estava em situação de rua, sobre o que é ser branco para ele, recebeu por resposta: “Ser branco? Ah, ser branco é poder entrar no shopping para cagar”; nos dando a entender que caso fosse negro, seria impedido.

Luana Tolentino, na mesma obra já mencionada nesta dissertação, relata um acontecimento enquanto ela caminhava na rua, em direção ao seu trabalho: “Em 2017, enquanto caminhava em direção ao trabalho, uma senhora me parou na rua e perguntou se eu fazia faxina. Ativa e segura, respondi: ‘- Não, faço mestrado. Sou professora!’ (Tolentino, 2023, p. 49). Luana explica que não se sentiu ofendida com a pergunta, mas sim, indignada e entristecida pois percebeu como “as pessoas são entorpecidas pela ideologia racista. Sim. A senhora só me perguntou se faço faxina porque carrego no corpo a pele escura.” (p.49). Assim como algumas pessoas presumem que Palesa não seja brasileira ou não seja do Sul do país, sendo essa considerada a região mais branca do Brasil, com 78,3% da população. É esse estereótipo do negro no Brasil que faz com que pessoas brancas se sintam “permitidas” para fazer este tipo de fala.

Zuri: me lembrou de um episódio que eu fui trabalhar numa ótica e eu já tava fazendo meu cabelo, meu cabelo ele já tava mais armado e a moça pediu para eu começar a prender o cabelo assim quando eu for pro trabalho, prender o cabelo. Só que todas as outras meninas que tinha o cabelo liso elas estavam de cabelo solto só o meu cabelo que tinha que ficar preso assim. Mas o meu cabelo black power, né?

No caso de Zuri, a quem pediram para que prendesse o cabelo quando ela fosse para o trabalho, falaremos mais sobre isso no tópico adiante chamado “*Não é porque meu cabelo está ‘preso’ ou ‘armado’ que ele é bandido!*” Nesse tópico, discutiremos sobre a reprodução da infeliz “lógica” de que o cabelo de pessoas negras só está arrumado quando está alisado.

5.6 NEGA DO CABELO BOM OU NEGA DO CABELO RUIM?

“todo cabelo é bom! Não existe cabelo ruim, existe cabelos com texturas diferentes!” - Taty Meneses²⁷

Gostaria de ressaltar, mais uma vez, que esta dissertação tem o cabelo como temática, porém, não é apenas sobre cabelos que estamos falando aqui. O cabelo é uma via para que consigamos acessar outras camadas. O cabelo é o que aparece, mas o que ele abarca e o que ele pode vir a “disparar” – cabelo como disparador / gatilho – por exemplo, para que surjam os “comentários” sobre nossas origens, colocar em xeque nosso caráter, nos acusar de algo (roubo, por exemplo, no caso da Palesa). Não ser concebido como liderança ou não ser entendida como apta para contratação, caso não corte o cabelo – como vimos anteriormente nos casos de Zuri e Dayo – etc. Como dito, *cabelo* é apenas a ponta do iceberg que, pode ser um marcador inicial para falas racistas surgirem, inclusive em ambiente familiar, que é o que veremos neste capítulo a partir dos relatos de Janna e Kaneel – ambas possuem 22 anos de idade, nasceram em Goiás, mas em cidades distintas. Neste capítulo discutiremos sobre racismo capilar e família; analisaremos isso a partir das histórias capilares dessas duas mulheres negras fruto de famílias interraciais.

A arte faz parte do trabalho de Janna, que produz lindas peças de crochê. Nascida em uma cidade do interior de Goiás, é fruto de família interracial. Mesmo nascida após os anos 2000, percebemos nas falas de Janna o quanto o discurso racista familiar se faz presente até hoje. Como, por exemplo, falas que estereotipam o negro (Hall, 2021; Munanga, 2020). Janna se autodeclara parda-negra e relata ter vivenciado racismos mais “velados”. Ela diz que, pelo fato de ter a pele clara, é vista como morena em Goiás. E, ressalta ouvir desde a infância que tem o “cabelo bom”.

***Janna:** Eu acho que eu tenho a passabilidade, que se eu quiser falar que sou morena, eu poderia falar e as pessoas diriam: “não, ela é morena”, então é uma coisa mais, mais velada, uma coisa mais assim, sabe? Tipo, em questão de vantagem. Eu acho que eu tenho algumas, sabe? Em relação a pessoas negras que são retintas. Eu me considero uma pessoa negra, mas ao mesmo tempo eu acho interessante falar que eu*

²⁷ Taty Meneses, idealizadora do projeto "Todo Cabelo é Bom!", disse essa frase em um de seus podcasts. O projeto ocorre nas escolas de educação infantil na cidade de Aracaju, Sergipe.

sou parda, porque é: eu tenho o nariz fino, o cabelo ondulado, então assim, apesar de já sofrer e perceber muita coisa enquanto uma pessoa negra, eu sei que em algumas coisas, eu tenho uma passabilidade, sabe? Na minha família, por exemplo, a maioria das pessoas são brancas, da família da minha mãe, em casa, né? E era muito uma coisa de: nós brancos e eles negros, sabe? Então, assim, minha mãe é professora, ela tinha muitos alunos negros, mas, tipo: eu sou branca, eles são negros, então, assim, no meu ciclo eram mais pessoas brancas por causa da minha família mesmo.

Benilde: *Você vem de família interracial?*

Janna: *Sim, meu pai é negro e minha mãe é branca, mas meu pai eu não cresci com ele, né? Então ele. Ele mora em Minas Gerais até hoje e, minha mãe mora em Goiás.*

Benilde: *Quando você fala que vê um “racismo mais velado”, o que você quer dizer com isso? Como que é o racismo velado, mas que você percebe?*

Janna: *Ah, um comentáriozinho um olhar [do branco] de desprezo, um não pegar na mão, então assim são coisas que, por exemplo, eu vivi isso na família do meu namorado. Eu conheci há pouco tempo, fui na família dele. E aí um tio dele, estava eu, ele e a filha dele na mesa. O tio dele chegou, pegou na mão dele, pegou na mão dela e olhou para mim e falou assim: “E essa menina pretinha aí, quem é?” Então, assim, são coisas que ele não viu. A menininha não viu, então, mas tipo, a gente vê, sabe? A gente percebe. Então, a gente sente e na minha família mesmo assim, umas coisas tipo “Ah, Janna, cê é uma preta do cabelo bom”.*

No que diz respeito às falas sobre os cabelos serem bons ou ruins, relembramos a fala de Taty Meneses, que inclusive está na epígrafe deste tópico, no qual ela assevera: “todo cabelo é bom! não existe cabelo ruim, existe cabelos com texturas diferentes!”. Essa afirmação se confirma quando Nilma ressalta que “ao oscilar entre o “bom” e o “ruim”, o discurso sobre a diversidade de texturas do cabelo do brasileiro revela preconceitos e valores.” (Gomes, 2020, p. 234). Partimos dessas duas afirmações que se complementam para pensar nessas dicotomias de que existe cabelo “ruim” ou cabelo “bom”.

O professor, e filósofo, Érico Andrade discute, em sua obra *Negritude sem identidade*, a “passabilidade”, a partir do que ocorre com pessoas negras de pele clara, referindo-se ao fato de que, essas pessoas são vistas pelos negros retintos como não negros, e isso se justifica pelo fato de que essas pessoas teriam maior “passabilidade” entre os brancos. (Andrade, 2023). Janna afirma ao longo da entrevista que o cabelo oferece uma “passabilidade” maior para ela. Porém, isso não significa que ela não viva episódios de racismos tão violentos também; afinal, não

existe violência sutil, nem racismo “velado”, mas a forma como ela se apresenta, às vezes, é mais sutil.

Janna: *Então é muito violento você crescer num lar que te violenta, sabe que te fere, porque sabe que fere com certeza. E você conviver também. Eu não sei nem se é o foco da sua pesquisa, né? Mas é uma coisa assim, que tipo, você ama aquela pessoa, você sabe que aquela pessoa te ama, mas não mede palavras, sabe quando ela quer te ofender? Esses dias, tipo, meu vô, meu vô, ele está bem velho assim, e aí, eu falei que estava com muito frio, né? Este dia estava muito frio, ele falou: “Mas por que você está com frio desse tanto? Gente assim da sua cor, é mais resistente ao frio!” Aí eu fiquei assim... Aí eu fiquei assim, paralisada assim.*

Benilde: *Que absurdo!*

Janna: *Tá, então assim é umas coisas que tipo, eu acho que se eu não tivesse vivido num lar tão branco, eu não teria passado por esse tipo de situação.*

A fala do avô de Janna, dizendo “Gente assim da sua cor”, reflete a autoridade branca, inclusive, sobre o entendimento de como é ser/viver num corpo negro. Esse corpo, expropriado de sua humanidade, nem frio como reação biológica sente, é um corpo coisificado. Esse relato de Janna me remeteu ao tópico “*Polissemia em preto, negro, moreno e branco*”, escrito pela professora e psicóloga Eliane Silvia Costa, em sua tese de doutorado, na qual ela afirma que “a identidade racial é polissêmica” e desenvolve que “negro pode significar humilhação tanto quanto identidade positiva constituída; preto pode ser coisa, mas também alguém a quem se ama; moreno pode ser união [...], pode indicar, quem sabe, negação da negritude. Enfim, uma mesma palavra pode carregar sentidos opostos, controversos” (Costa, 2012, p. 215). A frase “acho que se eu não tivesse vivido num lar tão branco” remete ao fato de que a presença dela não recalcula a brancura do lar, além de que torná-la morena é embranquecê-la, mas sem esquecer que ela “não é gente como eles”, já que não é branca, logo, não pertence a esse lar branco idealizado.

Em sua tese, Costa discute sobre o racismo na democracia racial e assevera que:

Se inicialmente a ideologia do embranquecimento representava o anseio da supressão dos aspectos referentes ao negro – tal como anunciado pelos intelectuais do início do século XX –, ao longo dos tempos, o mito da democracia racial deu lugar às expressões culturais negras como cultura nacional: o samba, a capoeira, entre outros elementos culturais originalmente negros passaram a ser vistos como parte da cultura brasileira, amenizando sentido de resistência negra. Além disso, a partir de então se disseminou com afinco a imagem do negro como moreno. (Costa, 2012, p. 48)

Como vimos, os episódios narrados por muitos participantes desta pesquisa confirmam essa polissemia – e continuaremos percebendo nos relatos seguintes. Afinal, outros participantes, que também são de origem interracial, relataram serem vistos como morenos, como vocês viram anteriormente no caso de Luena (ver *Cabelo como marcador da diferença e meio de denúncia inquestionável*). Isso ocorre também com Kaneel, que tem 22 anos, nasceu em uma cidade do interior de Goiás, e relata, que além de ser vista como morena, vivenciou muitas violências no ambiente familiar:

Kaneel: *Cresci em um meio em que eu não era negra, eu era morena. É, cresci sem saber exatamente o que era isso. Então, quando eu me descobri negra, eu percebi que realmente eu estava sempre resistindo a vários ataques e a vários aspectos, assim, ambientais sociais que me forçavam a resistir mesmo.*

Benilde: *Você acha que as pessoas não te via como negra?*

Kaneel: *Elas me viam como diferente das pessoas brancas, mas eu acho que não era branca.*

Benilde: *Isso não era negra também?*

Kaneel: *Eu acho que não. E é uma coisa que a minha mãe ela sem ter a intenção. Ela exemplificou exatamente dizendo que eu era exótica. Eu era uma coisa nova. Assim, sabe uma coisa nova e uma coisa bonita porque as pessoas admiravam. Só que era uma coisa que despertava curiosidade.*

Benilde: *Curiosidade?*

Kaneel: *Eu acho que esse olhar de diferença e de exótico era o que já tinha.*

Como destaca a professora da Universidade de São Paulo, Gislene Aparecida dos Santos, em seu texto *Selvagens, Exóticos, Demoníacos. Ideias e Imagens sobre uma Gente de Cor Preta*, referente ao “ser negro”, a concepção que temos é a partir de uma construção imagética que “confunde-se com a elaboração estética e de filosofias que definem o negro e a África como exóticos, estranhos, demoníacos e assustadores” (Santos, 2002, p. 275). É exatamente por meio dessas confusões que tentam justificar e naturalizar “o lugar do negro como servil e inferior” (Santos, 2002, p. 275).

Janna confirma o que vimos no capítulo sobre o olhar do outro e relata mais um episódio vivenciado com sua mãe, que é branca. Esta expressa o desejo de ter um neto branco, explicando para Janna que tal possibilidade surgiria por meio de um parceiro mais claro do que ela, que tem irmãos com olhos claros, poderia ter um filho “loirinho”:

Benilde: *Então, você se percebe negra através do outro, do feedback do outro. Ali, através dessas falas que você entende: “Opa, não sou igual essa família branca”.*

Janna: *Podemos dizer que é isso. É isso. Acho que a gente se percebe muito através do outro no geral, sabe?*

Benilde: *Sim, sim.*

Janna: *Por que você não é o modelo, você não está num banner, sabe, não é você que está num banner, não é a sua imagem e semelhança que está no banner, sabe? Então, assim, quando eu namorava com o meu ex, a minha mãe, isso eu achei muito, muito violento, né? Ele era um homem negro também, de pele clara, e o pai dele é branco e o irmão dele é branco. A mãe dele é negra e o pai dele é branco e o irmão dele é branco do olho bem cor de mel, sabe? E aí a minha mãe falava que eu ia casar com ele, e ia ter um filho loirinho de cabelo cacheado. Então, tipo assim, eu falava “não”, ela falava assim, “vai sim”, vai ser loirinho de cabelo cacheado e eu falava tipo “mas, por que?” Ela falava: “Porque vai”. Então, tipo assim, uma pessoa branca, uma pessoa negra, se tem um filho negro deu errado. Mas, o meu vai dar certo, sabe? Tipo assim eu dei errado, mas o meu filho vai dar isso mesmo assim. Então assim, são coisas que você fica, fica assim, fica pensando.*

Esta fala me remeteu fortemente ao projeto de embranquecimento da nação que teve como mentor Gilberto Freyre, que teoriza sobre as pessoas no Brasil, em que ele propunha a via da mestiçagem como processo para tornar o país branco. Dito de outro modo, haverá o mestiço, mas seus filhos serão brancos. Logo, o mestiço é um meio para tornar o país branco (civilizado). O branco é compreendido aqui como superior; o seu gene entendido como predominante, uma ideia baseada no darwinismo social.

Toda ideia de raça perpassa hierarquias, mesmo que biologicamente não exista raça, mas no passado, a concepção darwinista (e do racismo científico) tentou justificar as desigualdades raciais por uma concepção individualizante que culpabilizava os negros, ou seja, passava-se a ideia de que os brancos são superiores; e que, os negros estariam em situação de desigualdade em razão de possuírem um “gene inferior”; uma visão que nega o entendimento das desigualdades e dominações como fenômenos socio-historicamente produzidos. A mestiçagem acompanha uma ideia do “super homem” para Gilberto Freyre (2004). A mestiçagem dele é hierárquica, no qual o fenótipo branco irá prevalecer.

A fala acima de Janna reflete a crença de sua mãe revelando tanto o desejo quanto a frustração dela: o desejo por ter tido uma filha branca e a frustração por isso não ter acontecido.

Portanto, já que ela não teve uma filha branca, ela deseja pelo menos um neto, e isso fica escancarado quando Janna, que se autodeclara parda diz: “uma pessoa branca, uma pessoa negra, se tem um filho negro deu errado. Mas, o meu vai dar certo”. Esta fala também alude ao retrato, já citado acima, “A Redenção de Cam”, que ainda é um projeto vivo. Estamos falando de uma jovem de apenas 22 anos. Ela nasceu após os anos 2000, a obra a que me refiro foi esboçada no ano de 1895, contudo, é perceptível que o “branco como redentor” ainda prevalece.

Na apresentação do livro *Infâncias Negras: vivências e lutas por uma vida justa*, Nilma Lino Gomes e Marlene de Araújo alegam que existem marcas que nos acompanham desde os nossos nascimentos, desde que ocorre nossa inserção no mundo da cultura, elas chamam de “marcas de classe, raça, gênero e as desigualdades” as quais asseveram que as crianças negras, especificamente, já no berçário “são pescurtadas se têm cabelo liso, anelado ou crespo, se são mais clarinhas ou escurinhas, se nasceram com “aquilo roxo”, como se diz em algumas partes do país ou se possuem nariz chato ou fino.” (Gomes & Araújo, 2023). A partir do relato de Janna, confirmamos a afirmação das autoras, que nos colocam a refletir sobre essas expectativas e desejos familiares de que seus descendentes nasçam mais brancos.

Isildinha Nogueira indaga “O que somos nós, os negros?” e, destrinchando muito bem o “ser branco” como uma condição genérica e neutra. Ela afirma:

Ser negro não é uma condição genérica, é uma condição específica, é um elemento marcado, não neutro. O “ser negro” corresponde a uma categoria incluída num código social, que se expressa dentro de um campo etno-semântico onde o significante “cor negra” encerra vários significados. O signo “negro” remete não só a posições sociais inferiores, mas também a características biológicas supostamente aquém do valor das propriedades biológicas atribuídas aos brancos. Não se trata, está claro, de significados explicitamente assumidos, mas de sentidos presentes, restos de um processo históricoideológico que persistem numa zona de associações possíveis e que podem, a qualquer momento, emergir de forma explícita. (Nogueira, 2021, p. 119)

Tudo isso dito, me fez recordar um dia, num churrasco, no qual várias amigas negras, pelo menos quatro (essa é a quantidade que me lembro com precisão), contaram que tanto seus pais (negros) como seus tios, todos se casaram com mulheres brancas. Uma delas disse que seu pai tem sete irmãos homens, ou seja, os oito (se contarmos com seu pai biológico), tiveram filhos, propositalmente com mulheres brancas, e, a maioria deles, hoje, consegue afirmar e dizer escancaradamente que era porque desejavam ter filhos mais claros. A partir desses relatos, conseguiríamos esmiuçar várias questões, mas gostaria de pausar aqui essa discussão, porque temos de focar nas histórias capilares, que têm relação com tudo isso que estou expondo aqui. Gostaria que pensássemos, considerando tudo que já discutimos, no quanto, socialmente

falando, nos é imposto esse desejo de nos autoembranquecermos e tentarmos branquear nossos possíveis descendentes. Veremos isso nas obras do Fanon, na obra da Lia Schucman, sobre famílias interracialis, que trarei mais adiante neste trabalho. Agora, convido vocês para conhecermos mais sobre as histórias capilares de Janna e Kaneel. Vamos lá?

5.7 NÃO É PORQUE MEU CABELO ESTÁ “PRESO” OU “ARMADO” QUE ELE É BANDIDO!

*Podemos sorrir, nada mais nos impede
Não dá pra fugir dessa coisa de pele
Sentida por nós, desatando os nós...
Jorge Aragão – Coisa de Pele*

Benilde: *Me conta a história do seu cabelo?*

Janna: *Meu cabelo, ele sempre foi ondulado, assim mais armado, sabe? Aqui na frente ele, ele cacheia aqui na frente ele forma, então aqui ele forma cachinhos, mas atrás, não. Então ele sempre teve muito volume, mas sempre foi aquele “armado”, sabe? Tipo, era bem volumoso, mas aí, até o pai da minha irmã fazendo graça ficava falando que: “Ah, seu cabelo, é cabelo bandido, porque quando não tá preso, tá armado”. “Ah, Maria Bethânia”, sabe? Umas coisas assim, então. eu cresci ouvindo essas falas. Antes, a minha mãe fazia bastante coisinha do meu cabelo, é penteados, fazia muito amarradinho, muita trança. E aí eu fui crescendo. Minha mãe foi descuidando de mim, assim. Mas, por causa de complicações dela e tal, e aí eu fui parando até de pentear o cabelo. Não penteava. Eu não mexia. Às vezes eu ia com o cabelo solto para a escola, não estava nem aí, sabe? Não lavava às vezes. Ou então, eu pegava ele assim e prendia aqui embaixo. Eu só acordava cedo, prendia e ia pra escola, virou aquele, deu um nó, Aquele Nó, um nó imenso. Assim, bem grande mesmo. E aí, quando a minha mãe pegava pra pentear meu cabelo, ela ficava muito brava, então às vezes era mais de uma pessoa para pentear meu cabelo, de tanto embaraçado que estava. E aí, um dia, minha mãe cortou o meu cabelo, meu cabelo era bem grandão e ela cortou ele aqui (elevando as duas mãos ao pescoço). Porque, diz ela, que não aguentava mais pentear meu cabelo.*

Benilde: *Quantos anos você tinha mais ou menos nessa época, você se lembra?*

Janna: *Uns 8 ou 9. Teve isso, e aí quando eu comecei, quando eu tinha 12 anos, eu alisei pela primeira vez, aí eu alisei com 12, porque era a idade mínima. Minha mãe*

não deixava antes. A minha irmã também alisou com 12, só que ela já agora ela tem 14, e ela já quer ficar com o cabelo natural, o cabelo dela parece o seu. E aí, é com 12 anos, eu alisei. Eu comecei a alisar com chapinha²⁸, né? Então sempre alisava com chapinha. Depois eu fiz a progressiva. Nossa, ficou horrorosa! Ficou muito, muito baixo, porque meu cabelo é pouco então ficou parecendo aquele negócio, aquele trem que o “boi lambeu”, sabe? E aí, depois começava a sair aquela química e aí ficava bem feio porque ficava liso nas pontas, mas aqui (segurando próximo à raiz) ficava alto, sabe, tipo altinho. E aí era bem chato. Que igual eu te falei, né? Aqui (segurando a parte da frente) forma cachos, né?! Então, fazia aquele cacho assim, a ponta lisa, e era muito, muito, muito ruim.

Benilde: Aí, você, então você analisou, mas não ficou alisando mais.

Janna: Não. Aí eu alisei mais duas vezes.

Porque a última aí, tipo, depois de mais ou menos um ano, eu alisei de novo. Só que eu não sei o que que deu, mas ardeu muito e aqui (apontando no couro cabeludo) minha cabeça queimou, sabe? Eu sei que queimou, porque aqui ficou bem escuro, sabe? Tipo como se tivesse realmente, sabe quando você bate com um ferro e fica bem escuro assim, não dá bolha, mas fica aí, ficou daquele jeito. E a minha cabeça começou a descascar, mas não era aquelas cascas normal, era umas casconas. Foi a minha tia que alisou. Minha tia tinha um salão e ela tipo, enquanto ela fazia o procedimento, eram umas duas pessoas com o secador, porque estava ardendo muito. Estava doendo muito. Então aquilo me traumatizou. Aí eu falei: “não, não vou mais alisar” aí, foi isso. Foi em 2014, eu tinha 13 anos já.

E aí, depois eu parei. Só que eu parei e deixei ele ainda liso. Aí eu secava com o secador, porque aí ele diminuía o volume só com o secador e aquela escova, né? Porque eu nunca tive chapinha também não. Aí depois eu comecei a deixar ele natural. Só que não cuidava, não passava creme, não fazia nada, então ele ficava do jeito que ficava, do jeito que eu lavava e penteava, ele ficava e foda-se.

Aí, lá para 2018, no fim de 2018, eu comecei a cuidar mais, a hidratar, a cortar. E aí 2019 eu cortei, curtinho, né? Bem curtinho mesmo. Aí depois eu deixei crescer de novo, aí eu sempre cortava, ele crescia, eu cortava e aí eu cortei franja. Nossa, meu maior arrependimento, que eu não sabia cuidar, não sabia o que fazer para ficar bom. Meu rosto ficou, fez meu rosto ficar bem de lua, assim ficou horrível. Nossa, não gostei!

²⁸ Ver Figura 8 em Anexo 1.

Benilde: *E tranças você já usou?*

Janna: *Nunca, não.*

Benilde: *E algum penteado, alguma coisa assim, tipo?*

Janna: *Esse ano eu rapei. Aqui (apontando para a lateral da cabeça), foi a última mudança que eu fiz. Já pintei, já fiz uma mecha. Só que aí eu cortei para tirar a mecha. Que eu estava ficando até agoniada com aquilo, aí eu rapei para poder tirar. Olha, porque hoje eu sei cuidar. Eu hidrato, eu finalizo, tudo direitinho, mas foi uma luta.*

Imagino que após ler a história do cabelo de Janna, vocês compreenderam o título deste trecho. Vamos por partes. Primeiro a frase: “não é porque meu cabelo está ‘preso’ ou ‘armado’ que ele é bandido!” Confesso que esta foi uma frase que me surpreendeu ao ser ouvida durante uma das entrevistas que eu realizei para esta pesquisa, pois, tal frase era ouvida por mim frequentemente de familiares próximos durante a infância. Talvez essa seja a justificativa de eu ter dado ênfase na frase – relembro vocês, leitores, que as análises aqui feitas têm muitos atravessamentos que dizem respeito às minhas experiências de vida. Inclusive, frases terrivelmente racistas dirigidas ao meu cabelo.

Explicito que o fato deste capítulo ter como epígrafe a música *Coisa de Pele*, de Jorge Aragão, não é aleatório. Em 2023, tive a oportunidade de ir em um show dele e, quando o ouvi cantando essa música, logo me lembrei da história de Janna, pois neste capítulo acabaremos “*desatando os nós*”. Falamos sobre (des)atar nós capilares que foram se formando ao longo da vida, mas que entendemos que nem todos os nós podem ser desatados, alguns atam de forma impossível de desatar. A respeito ao nó que se deu no cabelo de Janna, ao longo da sua história capilar, é perceptível que Janna ata e desata vários nós, mas o simbólico do corte do grande nó que foi se formando por falta de pentear seus fios é o que eu gostaria de focar. Pois, ainda que se corte o nó, ele permanece lá, a dor e os desdobres em torno da política do cabelo, como nos ensina Grada Kilomba (2019).

No livro *Esse cabelo*, Djaimilia Pereira de Almeida, filha de mãe negra e pai branco, inicia a sua obra dizendo: “A minha mãe cortou-me o cabelo pela primeira vez aos seis meses. O cabelo, que segundo vários testemunhos e escassas fotografias era liso, renasceu crespo e seco.” (Almeida, 2022, p.9). Djaimilia vai contando a sua história de vida, vinculando-a com seu cabelo, percebemos então que cortar os cabelos de quando ainda somos crianças é um prática recorrente. Recordo-me que na minha família mesmo havia um mito, ao qual eu vou chamar aqui de “mito familiar”, de que, ao levar uma criança para cortar o cabelo, teria de se observar a textura capilar da(o) cabelereira(o), pois esta pessoa teria que ter os fios lisos, senão

o cabelo da criança ficaria “ruim”. Tenho irmão e primos que cortaram os cabelos na infância com pessoas de cabelos enrolados que são “culpados” pelos fios dos cabelos das crianças terem ficado crespos, afinal, essas crianças tinham cabelos “macios e lisos”, como os adultos mesmo contam. Percebemos com este relato particular que os mitos familiares também são recorrentes em histórias capilares – não que este seja diretamente o caso de Janna –, mas me lembrei da história de Djaimilia e também desse mito que percorreu gerações na minha família.

5.8 DEIXOU DE SER EXÓTICA, AGORA É NEGRA MESMO!

*“Tenho trinta anos, mas sou negra há apenas dez. Antes, era morena.”
Bianca Santana – Quando me descobri negra (2015, p.13)*

Kaneel relata que a partir do momento em que ela assume as suas raízes capilares, as pessoas param de achar que ela é “moreninha”, e acreditam de fato que ela é negra. Vamos entender a história de seu cabelo, pois é através de sua história capilar que chegaremos a esta compreensão que atravessa, o que é comum entre pessoas negras, que é: entender que se é diferente (a partir do outro), se fortalecer (criando redes) para iniciar o processo de transição capilar, tornar-se negra, tendo o cabelo como uma das ferramentas para esse “devir negra” e também para que os outros a identifiquem como tal. Vamos lá?

Benilde: *Qual é a história do seu cabelo?*

Kaneel: *A história do meu cabelo? Ok, eu me lembro! Então, é, até os meus 11 anos, eu usava ele, cacheado, natural, minha mãe sempre cuidando para mim. Então, eu não tinha a autonomia de, de poder cuidar. Eu não sabia como se fazia, era sempre ela toda vez. Uma vez na semana, ela lavava e finalizava para mim e ele sempre muito preso. Era, eu lembro de um do penteado, exato, porque deu uma cicatrizinha assim (apontando para o topo da cabeça), no meu couro cabeludo, porque usava muito preso sempre essa metade aqui (unindo com as duas mãos metade do cabelo). Preso por uma, aquela presilha de clicar.*

Benilde: *Uhum. Tipo um bico de pato²⁹?*

Kaneel: *Isso! Aquela presilha de clicar e o resto assim solto e ele bem longo, na cintura. E aí a vida inteira assim, esporadicamente eu pedia para escovar, porque eu adorava quando escovava. E aí, chegando na adolescência, e aí as outras coisas foram mexendo*

²⁹ Ver Figura 9 em Anexo 1.

mais com autoestima. Agora, por exemplo, o corpo, agora as coisas começavam a incomodar, então pensei assim: “Então, uma coisa vai ficar padrão o cabelo!”, que eu achava lindíssimo, cabelo jogado, só que eu não esperava também que o meu ia demandar coisas completamente diferentes do que das outras meninas, né? Então, de 3 em 3 meses, era o alisamento para retocar a raiz. Nossa, era muito cruel! Olhando para trás agora, porque, né?! A ardência, o formol... Então, foram 5 anos nesse processo, e aí, nos meus 16 que eu comecei a assistir vídeo de menina de cabelo cacheado, e aí, eu comecei. Eu vi um ano ela falando de como que foi para deixar o cabelo crescer e tal, e assumir os cachos e o crespo também. E aí eu comecei a pensar que talvez seria bacana e aí tentei a primeira vez, falei: “mãe, acho que eu vou começar”, minha mãe detestou a ideia. Mas ela falou assim: “Ah, se quiser tentar”, só que aí ia chegar uma festa da igreja, e aí eu falei assim: “não, deixa pra próxima”. Então, retoquei de novo a raiz e aí depois dessa vez que eu comecei, aí eu comecei o processo de transição. Aí fiz o corte.

Benilde: *Você fez o Big Chop? (consultar glossário)*

Kaneel: *Sim, sim, sim. Fiz o BC, isso. Foi um ano e 3 meses, então eu comecei em 2017, no final de 2017, e terminei no início de 2019.*

Benilde: *Como você se sentia antes e depois do BC, do big chopp?*

Kaneel: *Antes, eu me sentia muito sempre aprisionada em uma rotina de ter que depender de uma outra coisa externa para eu estar bem, com meu cabelo bem. Eu comecei a alisar muito cedo, uns 11 anos de idade. Aí cortei o liso, e eu acho que eu me senti muito mais assim: “Agora eu consigo, eu consigo, eu sozinha, cuidar de mim”. Senti isso, eu consigo cuidar de mim, de mim sozinha, e eu vou ficar bem, vou, vou me sentir bonita. Aí, um ano e 3 meses no processo de transição, né? Tanto era mais escovando, sem fazer química, mas escovando e, às vezes eu fazia finalização³⁰ para ele ficar todo cacheadinho. Quando era assim, eu adorava. Minha mãe ficava meio assim, mas ela sempre me apoiou muito. Assim, se eu falava que eu queria, ela me apoiava, me incentivava. Aí é em 2019. No início, eu fiz o corte. No primeiro dia, eu detestei, porque ele não soube finalizar do jeito que eu gostava, sabe? Aí eu pensei assim: “cometi um grande erro”, mas e depois que eu fiz do jeito que eu gostava, aí deu sim. Aí daí eu: “Nossa!”, eu estava me sentindo livre assim, cabeça levinha.*

Benilde: *E as tranças?*

³⁰ Consultar glossário.

Kaneel: *As tranças, as tranças foi na pandemia que eu comecei. Não, na infância, tinha tranças, só que só com o meu cabelo mesmo. Minha mãe trançava também tipo box braids³¹ e, sem desenho, mas era só ela fazendo. É, e aí, na pandemia que eu também, pelas redes sociais, comecei a ver gente trançando o cabelo e eu achei que ia ficar bonito e eu tentei. Eu gostei demais. E aí, pela facilidade, às vezes que eu estou precisando, dependendo do período da faculdade, eu vou e faço.*

Benilde: *Que legal. E como que você se sentia assim depois das tranças?*

Kaneel: *É, é muito interessante, né!? Porque além da estética mesmo que, por exemplo, acordava todo dia pronta, então não tinha essa preocupação que geralmente eu... Eu tenho muita preocupação com meu cabelo, meu dia é bom ou ruim. Às vezes, é determinado por isso. Então, com as tranças eu não sentia isso, estava sempre pronta e eu também sentia uma coisa bem. Não sei, às vezes ancestral mesmo, sabe?*

Benilde: *Claro, também acredito que as tranças possibilitam isso. Hum, eu vou voltar de novo lá no “assumir”. Depois que você faz essa transição, né? Você disse que as pessoas que te olhavam como “exótica” começa a te olhar como “negra” e o cabelo é uma das vias para isso. Você acha que o cabelo é um marcador social da diferença?*

Kaneel: *Com certeza.*

Benilde: *Por quê? Como que você percebeu isso assim, tipo: “agora eles não têm dúvidas de que eu sou negra”?*

Kaneel: *Porque agora o olhar mudou no sentido de: “Hum, exótico e bonito” para: “Bonito, é negro e é bonito!”, e também como, né? É um fenótipo mesmo de pessoas negras, então, é fica menos recorrente aquela dúvida de que: “ela é negra ou ela é moreninha?” Eles começaram a ter certeza de que sou negra. A partir do momento que assumo minhas raízes, literalmente, hum eles falam: “é negra mesmo! Não é exótica mais não, a gente entendeu”.*

O racismo é tão sofisticado que ele permite, inclusive, elogiar o negro. Fanon em sua obra *Os condenados da terra* traz exemplos do negro como: sexo, pênis, sempre algo voltado para a natureza, para o animal. Para Fanon, o racismo nem sempre é apresentado como algo negativo ou como uma ofensa, ele encontra-se na norma, o racismo está na regra, e o branco fica representado como expressão universal da humanidade (Fanon, 2022). Em *O movimento negro educador*, Nilma Lino Gomes fala sobre o corpo regulado e o emancipado, ao se referir ao corpo emancipado. Nilma trata da distinção dos corpos negros, pois a diferença entre os

³¹ Consultar Glossário.

corpos regulados e emancipados é justamente distinguir e se afirmar publicamente, “sem cair na exotização ou na folclorização. (Gomes, 2017, p. 97). Além disso, Nilma ressalta sobre a conexão que nossos cabelos transmitem com a ancestralidade africana, como dito por Kaneel, “os cabelos crespos, os penteados afros, as roupas e formas de vestir que transmitem uma ancestralidade africana recriada e ressignificada no Brasil.” (Gomes, 2017, p. 97).

Tanto os relatos de Janna e Kaneel quanto o de Dayo (ver *Cabelo como marcador da diferença e meio de denúncia inquestionável*) ao qual ele relata que usava touca como estratégia para esconder a textura real de seu cabelo, todas essas três histórias me lembram também o relato de Mariana, na obra *Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor* da psicóloga, professora e orientadora desta dissertação, em *O cabelo como passagem: do sofrimento ao reconhecimento*, ela conta algumas passagens em que Mariana sofre humilhações raciais devido a ataques voltados para seu cabelo, vividos, em sua maioria, no ambiente familiar. Por exemplo, quando ela conta de seus primos e seu irmão:

Eles faziam uma roda e eles puxavam porque a minha mãe não tinha paciência para cuidar do meu cabelo, o meu cabelo sempre era armado, ela amarrava, ela estava com preguiça de arrumar e botava uma touca. Às vezes, estava um calor insuportável eu tinha que ficar com aquela touca para esconder o cabelo, e eu estou falando dos meus 4 anos, 5 anos. (Schucman, 2018, p. 105-106)

A partir de todos esses relatos, confirmamos o quanto a família não é sinônimo de isenção de violências, percebemos o quanto, infelizmente, os racismos familiar e capilar estão atrelados e o quanto perpassam a nossa sociedade. Afinal, entendemos que a pessoa é racista, mas não se pode dizer que é, só se pega o racismo quando ele escapa; como bem afirmam autoras como: Lélia Gonzalez e Isildinha Nogueira, e, também compreendemos que o racismo é sistêmico, logo ele se encadeia e circula, como nos bem lembra Hélio Santos (2022). Portanto, se o racismo é e está em nosso país dessa forma, por que o seio familiar estaria isento, não é mesmo? Ao contrário, por vezes representa o contexto em que se vivenciou as primeiras experiências de violência racista, como observamos nos relatos de Janna, Kaneel e mais para frente veremos de Sanaa.

Gostaria que nos atentássemos para um outro fator, o geracional, se compararmos os relatos de Janna e Kaneel com o de Luena, Palesa e Zuri, percebemos o quanto as duas primeiras, com 22 anos alisaram por menos tempo e também uma quantidade de vezes consideravelmente menor, principalmente no caso de Janna, do que as outras três, com idades maiores e, de outras gerações – tendo Luena mais de 20 anos a mais que Janna e Kaneel. Não querendo generalizar, mas, presumo então, que os fatores: 1) geracional; 2) que os cremes para os cabelos já estão vindo para texturas capilares distintas e não mais escritos em seus rótulos

“todos os tipos de cabelo”, considerando que houve um forte marketing nesse campo, visando alcançar esse público. Como exemplo, podemos relembrar do famoso slogan da Garnier³² para o lançamento de uma linha para cachos: “Em terra de chapinha, quem tem cacho é rainha”; 3) levando em conta que tivemos um *boom* de transição capilar nos últimos anos – lembrando que o *boom* de transição capilar não foi uma moda, mas sim fruto de muita luta-; 4) o aumento de debates sobre e acesso a letramento racial. Podem sim, ser considerados razões que colaboraram para que as pessoas mais novas alisassem menos seus cabelos e assumissem antes, tanto as suas texturas capilares como as suas negritudes.

5.9 NEM LISO, NEM CACHEADO, ERA UM CABELO BAGUNÇADO!

*Deixa meu cabelo em paz
Deixa meu cabelo em paz
Até lá na escola já não posso estudar
Com meu cabelo grande o diretor não deixa entrar
Deixa meu cabelo em paz, seu diretor
Deixa meu cabelo em paz
O pai da garota já não quer que eu namore mais
O motivo é o meu cabelo que está grande demais
Deixa meu cabelo em paz (2x)
Não corto meu cabelo de jeito nenhum vou corta
Sou jovem avançado estou na onda o que que há
Deixa meu cabelo em paz, seu diretor
Deixa meu cabelo em paz (3x)
Deixa meu cabelo em paz (2x)*

Música de Osvaldo Nunes - Deixa Meu Cabelo Em Paz

Vamos ouvir, neste trecho, a história de Sanaa, que é um homem-cis de 23 anos, nasceu em Jataí, uma cidade do interior de Goiás e se auto declara preto. A escolha do nome fictício deste participante não foi aleatória, como já dito anteriormente, os nomes possuem significados (ver Apêndice C). Sanaa significa arte, o que justifica pelo fato de Sanaa ser desenhista.

Benilde: *Sanaa, me conta a história do seu cabelo?*

Sanaa: *Bom, meu cabelo. É desde que eu me lembro quando era criança, né? Minha mãe sempre escolhia meu corte de cabelo e aí meu corte de cabelo era o quê? Chuta, chuta³³?*

³² É uma marca de cosméticos que está até hoje no mercado.

³³ “Chuta” é uma expressão regional que a pessoa usa na intenção da outra adivinhar algo.

Benilde: *Cabelinho na régua*³⁴?

Sanaa: *Era social, social 1 e 2, um aqui (apontando para o lado da cabeça) e dois em cima (risos). É, e aí era esse corte. Desde que eu tinha, ah, tinha uns 10-12 anos era esse corte, o social um e dois. Aí, quando ele crescia um pouco nas férias ou quando ele crescia um pouco, é ele não era um cabelo cacheado, ele não era nem liso, nem cacheado. Era assim que eu, que eu via ele, nem como liso nem com um cacheado. Ele era um cabelo bagunçado. Eu ficava tipo assim: véi, como será que é meu cabelo? Será que ele é liso, e eu que não sei cuidar dele mesmo, ou será que meu cabelo é cacheado e eu que trato ele como liso?*

Benilde: *E quando você descobre?*

Sanaa: *Bom, vamos lá, eu fui pro colégio militar. E aí, teve que cortar de novo, só que aí não é mais 1 e 2, aí é 1 e 1, é muito cabuloso. E aí, ficou nessa de tipo, cortando, cortando, cortando e tipo, mano, na minha cabeça, meu cabelo só ia estragando mais, ia engrossando e tudo mais. E eu fiquei bem chateado porque nas férias conseguia deixar ele crescer, mas ia praquela parada de nem liso, nem cacheado, eu falei assim: “hmmm, que isso?”. Entrei pra faculdade. Aí quando entrei, ele ainda não era nem liso nem cacheado. Ele era penteado. Ele era liso aqui assim (apontando para a raiz) e aí nas pontas, ele começava a dar uma cacheada, começava a enrolar. E aí eu comecei a ter mais contato com mais pessoas, com muita gente da universidade, que aí era onde eu falava: “pô, como é que você cuida? Como é que faz?” e tal, e aí a galera começou a falar assim: “Nossa, o seu cabelo é massa, parece que é tipo 2C”, sei lá o que é, eu nem sabia que tinha essa variação, nem sabia que tinha essas nomeações e tal. Aí eu fico assim: “cara, que louco, mano, então o meu cabelo é, 2C, 2B35...”, eu não lembro qual que era o termo. Mas aí eu ficava: “nossa, bacana, então tem um tipo de cabelo que é o meu.” Ah, e aí eu aprendi a cuidar de muitas coisas. É de muitas maneiras dele. E aí eu comecei a deixar ele crescer mais, porque quanto mais eu deixava crescer, mais fechado³⁶ ele ficava e aí eu gostei. Comecei a gostar mais, e aí eu*

³⁴ Cabelinho na régua é uma expressão popular muito usada para se referir a cortes de cabelos bem baixinho nas laterais, que podem estar ou não mais alto no topo. Nas laterais, o corte é feito no zero, criando um efeito degradê. Geralmente esse estilo é feito com máquina própria para cortar cabelo. Costuma-se incluir um risco ou desenho geométrico na lateral, dando um efeito visual para o corte.

³⁵ Consultar Figura 4: Tipos de texturas que os fios de cabelo podem ter em Anexo 1.

³⁶ Sanaa se refere aos cachos que iam se formando, conforme iria crescendo parecia mais enrolado.

comecei a aprender a cuidar e tal e chegou a pandemia. Passei esse primeiro ano de universidade e tal dando mais valor.

Eu cuidava mais, deixei ele crescer mais na pandemia, eu deixei ele crescer todo.

Eu acho que ele chegou a bater no ombro, cacheadão. Nossa, muito bonito, muito bonito na moral! E aí, eu fiquei muito feliz naquela época, estava muito satisfeito.

Eu só cortei porque começou a se tornar uma parada que estava me dando muito trabalho, assim em questão de porque eu estava na fase de trabalhar demais e aí eu estava tipo, sem tempo pra mim, no caso, aí eu fiquei tipo nossa, fui lá e cortei o cabelo e aí eu andava de moto também. Então, eu botava o capacete e tirava o capacete, botava o capacete e aí essa coisa da touca de cetim³⁷ eu fiquei sabendo depois que eu cortei o cabelo, tem muita coisa que eu não, eu não aprendi, cara.

E tipo, hoje em dia, eu uso a touca de cetim para andar de moto, hoje em dia uso a fronha de cetim, para dormir, mas tipo assim, sabe? Depois que eu cortei a galera me perguntava porque eu cortei o cabelo e eu falava: “é porque ficava bagunçando com o capacete”, e todo mundo dizia: “porque você não touca de cetim?” e eu: “o quê? Quê?”

E depois que você vai criando diálogo, tem pessoas que, tipo, por exemplo, chega assim, ó, “seu cabelo é muito bonito, como é que você faz?” e a pessoa diz: “Ah, dedo liss³⁸”. Nossa dedo liss, quando meu cabelo ficou grande, eu fui tentar fazer, mulher, ficou muito fabuloso, eu gostei, mas é tipo, é 2 horas. E aí, eu que não tinha prática era 2 horas mesmo, não é nem uma horinha aí, cortei, mas mesmo assim, não, não cortei para ficar tipo, o social 1 e 2 não, mas era tipo degração e cacheado em cima. Voltei para aquela parte da antiga, é do primeiro ano de faculdade. Mas deixei maior e mais bem cuidado, porque agora já sabia algumas manhas e tal e tal. E aí foi passando um tempo. Eu sempre quis mudar o cabelo, eu gosto de ficar mudando e tal, até que como você pode ver meu cabelo ele tem um certo padrão de degradê, mas em cima ele está sempre variando o tamanho e tudo mais. E aí, eu sempre quis pintar mas, eu estou meio assim, ainda estou pensando nessa possibilidade.

Benilde: Não pintou ainda?

³⁷ Consultar Glossário e Ver Figura 9 – Anexo 1.

³⁸ Dedo Liss é uma forma de finalização com os dedos, cujo enrola pequenas mechas de cabelos no dedo e vai soltando aos pouquinhos após enrolar todo o comprimento do fio nos dedos. Geralmente é feito com os cabelos bem úmidos e usa-se creme de pentear, gel ou gelatina capilar.

Sanaa: Não pinteí ainda, e aí eu fico nessa...

Benilde: Você já usou tranças, dreads? Algo assim?

Sanaa: Já trançei quando ele estava maior.

Benilde: Hmm, e aí, como você sentiu?

Sanaa: Ah, é bom, é bom. Só que eu tenho a sensibilidade muito grande e aí minha cabeça doía demais. Aí eu fiquei tipo assim, no máximo uns 4 dias com ela, minha irmã que sabe fazer. Ela faz essas tranças, faz na minha mãe, é, minha branca. É ela quem faz, e aí tanto é que minha mãe, na época estava na transição. Minha irmã fazia um monte de trança, e minha mãe ficava feliz, né, porque era mais fácil, é ajuda a crescer mais e tipo assim. Mantinha mais arrumado porque minha mãe também estava aprendendo, cara. Chegou um momento que eu falava assim: “mãe compra uma touca de cetim pra você andar de moto, mãe, vai te ajudar”. Então tipo, nem minha mãe sabia, sabe? Porque desde muito jovem ela já alisava o cabelo, e eu dava dicas pra ela e a gente dividia é shampoo, e a gente hidratava juntos, então, tipo, foi uma parada ali que até deu uma conexão. Assim é, gera afeto, né?

Aí, passou um tempo. Eu entrei na faculdade, e fui deixando o cabelo crescer e aí, é geralmente é parente, né? Agora, parente, é foda. Eu chegava no churrasco assim e tal, porque eu não moro com meu pai, né? Então eu ia lá, e ele: Ah, esse cabelo, uai? Vai cortar não?”. Eu: “não vou não, tô gostando assim, vou deixar assim agora e tal...”, e aí a galera parece que tinha uma visão de falta de higiene, você pira?

É umas falas assim: “você tem que se cuidar e tal”. Eu fico: “pô, eu tô cuidando!”, é muito mais dinheiro, é muito mais caro os produtos do que esses de liso aí, pô (risos)

E eu ficava assim: “meu Deus, como é que eu não tô cuidando?” Vontade de falar: “Passa a mão, passa a mão”. Mas não podia passar a mão também, não, porque, nossa, tá tirando? Mas aí é era essa questão que eu via como se fosse uma parada de tipo assim, nossa, que falta de higiene, pô. Eu entendia, porque é tipo assim, aqueles olhares, tipo assim, ficavam olhando um tempão e falavam: “esse cabelo aí? vai cortar não?”. Era geralmente essas falas, sabe? “Esse cabelo ai cê num vai cortar não?” “Ah, esse cabelo, ah não meu filho, mas você tem que cortar esse cabelo aí!”. Minha avó falava também, família tem mais liberdade, né?

Shopping também as pessoas olham bastante e tipo, a galera negra quase não olhava para mim e tudo mais. Quando eu estava com o cabelo mais curto, o cabelo era olhar e tal. É, mas aí, quando deixei crescer e eu via e, a autoestima, ela elevava também. E aí eu comecei a reparar que a galera olhava mais também, às vezes, tipo assim, não, não era um olhar tipo lá, então eu dava as vezes a pessoa olhava mais, eu pensava certa, me acha bonito? Mas sempre olhava mais, então, tipo, eu acho que eu nunca senti uma visão do tipo, é de muito julgamento, mas eu sentia bem mais visões em minha direção do que quando eu tinha o cabelo cortado. De quando eu tinha o cabelo curto, e de quando eu deixei crescer, foi bem maior. Eu pegava, tá ligado? A época no colégio militar eu não tinha cabelo, né? Eu pegava aquele pente para catar piolho, bem fininho. E aí eu penteava para ir para a faculdade ainda. Sabe, tipo mesmo você pegando aquela coisa da identidade, estudar uma identidade, mas mesmo assim, você ainda não tinha instrumento, você, tipo, não tinha adquirido ainda.

A história capilar de Sanaa nos remete a algumas das várias categorias que discutimos no decorrer deste trabalho – como sobre o olhar do outro, o ambiente educacional e familiar – e caminha para os significados que seus cabelos têm para cada participante da pesquisa, que será o próximo capítulo desta dissertação. Sua história capilar perpassa as instituições de ensino que ele frequentou ao longo da vida, principalmente o colégio militar, que exigia o corte rígido de seus cabelos. Relata o quão importante são as trocas com pessoas que usam os cabelos encrespados há mais tempo, o que podemos afirmar que o cabelo pode ser também uma via para aquilombamento. Sanaa fala muito da audácia familiar em comentar sobre, principalmente, o tamanho e o formato de seus fios, mas também revela que foi sua irmã quem trançou seu cabelo. Alguns participantes também citaram essa ação como um evento importante, devemos então considerar aqui o momento de feitura das tranças como uma oportunidade para a troca de afeto e vínculo também familiar.

Sanaa relata também sobre os olhares, em locais públicos, como em shoppings, por exemplo, num lugar que parece ser de admiração diferente de quando ele está com o cabelo raspado, ele alega não chamar tanta atenção assim, principalmente de outras pessoas negras. Podemos refletir então, se compararmos com as falas dos participantes que acessamos anteriormente, que o olhar do negro é diferente do olhar do branco, o olhar do branco chega até nós, pessoas negras, como um olhar de reprovação, de que parece que nossos cabelos são feios

e que não estão limpos. O contrário do olhar de um negro para outro negro que é de identificação e de admiração.

Nesta história capilar, ocorre a transição de um cabelo que antes era “nem liso, nem cacheado, era um cabelo bagunçado” para um cabelo cuidado, em que ele passa a usar de tecnologias para manter seus cachos uniformes e deixar de ser um cabelo simplesmente bagunçado.

5.10 SIGNIFICADOS DOS CABELOS

Montei uma nuvem de palavras, a partir dos signos que mais apareceram ao longo das entrevistas e, principalmente, as que as/os/es sujeitos da pesquisa disseram ser o significado de seus cabelos atualmente.

Figura 1 – Nuvem de palavras



Fonte: A autora, 2023.

Então, após conhecer, ao menos parte, das histórias capilares das(os)(es) participantes, convido vocês a saber quais são os significados dado, hoje, às suas madeixas. Mas, antes de pincelarmos alguns relatos e pensá-los coletivamente, gostaria de contar mais uma história capilar, pois esta, a meu ver, vocês não podem deixar de conhecer. Vamos lá?

5.11 MEU CABELO, HOJE, SIGNIFICA SAÚDE!

Gasira possui 28 anos, é uma mulher-cis e nasceu em Jaraguá, uma cidade do interior de Goiás. Gasira e sua família são quilombolas, ela se autodeclara negra. E, quando peço para que ela me conte a história de seu cabelo, a primeira coisa que ela diz é: “Eu amo meu cabelo!”. Porém, a história capilar de Gasira perpassa a realidade de muitas pessoas que já fizeram uso de produtos químicos com o objetivo de alisar os fios do cabelo. O que difere a história de Gasira dos demais sujeitos que participaram da pesquisa é que, ao ser indagada sobre o significado atual de seu cabelo, Gasira responde, antes de mais nada: “*Meu cabelo, hoje, significa saúde!*”. Por isso, iremos saber mais sobre a história capilar dessa mulher, que, recebeu nesta pesquisa o nome fictício Gasira, que significa “corajosa”. Como eu disse, quando estávamos trançando o método desta pesquisa, os nomes não foram escolhidos aleatoriamente.

Benilde: Gasira, qual é a história de seu cabelo?

Gasira: Eu amo meu cabelo! Fiz relaxamento no meu cabelo com 3 anos de idade, de forma forçada, porque eu tenho muito cabelo, tive dermatite, que é uma infecção por uso contínuo de produto químico no cabelo. Meus cabelos caíram. Eu tinha 17 anos, 17 pra 18 anos e, depois disso, eu parei de usar qualquer produto químico, porque eu tenho alergia de produto de cabelo, produto químico. E, alguns parabens que existe nas composições de alguns produtos.

Fiz o Big Chop em 2 meses, eu rapei a cabeça. Porque eu já tinha perdido o meu, já tinha perdido boa parte do meu cabelo por conta da química e do choque, deu choque químico e meu couro cabeludo estava sangrando muito. Então, eu optei por rapar a cabeça. Então, eu rapei a cabeça. Acho que 2-3 meses depois, quando eu descobri que eu não poderia mais usar produto químico no cabelo. Eu só usei tranças a partir de agora, mas antes, não.

É complicado, porque o acesso à informação de quando eu fiz o Big Chopp era totalmente diferente. A internet tal, então eu erreí muito no meu cabelo por falta da procura, até entender que já tinha salões especializados para cabelos crespos, cacheados. Então é, foi ótimo. Então assim, a minha transição foi tranquila. O complicado foi a perda de cabelo que eu perdi, eu perdi cabelo para depois entender que aquele cabelo não era meu, então eu fiquei doente, fiquei deprimida porque meu cabelo sangrava. É horrível você deitar, ter aquele monte de cabelo, aí você perceber que você estava num fluxo que você nem estava a fim de estar, mas você está lá porque

todo mundo já fazia, então, o meu cabelo nem era liso, eu usava produtos para baixar os cachos. Eu alisava com chapinha. Não era um liso permanente, eram produtos para abaixar a raiz para poder facilitar para pentear, porque eu tenho muito cabelo.

É. Eu desejaria ter os meus cabelos lisos mais baixinhos, claro, porque é facilidade, mas se eu tiver que passar por tudo que eu passei de ficar doente, perder cabelo, sangrar a cabeça, nunca na vida, não desejo para ninguém é terrível. Horrível, porque aquilo de tentar fazer para facilitar se tornou um problema muito grave de saúde. E é muito complicado, porque o produto químico ele não está só no meu couro cabeludo, ele foi para todo o meu corpo. Então, não tenho alergia só no couro cabeludo, tenho alergia de pele, de pele, entende?

Benilde: *Aí depois da transição, já com o cabelo crespo ali, como que é que você começou a se sentir depois?*

Gasira: *Bem, bem. A princípio é, foi estranho, a questão era que era difícil pentear, porque eu tenho muito cabelo, eu sabia que eu tinha muito cabelo, mas não sabia que eu tinha tanto cabelo. Então foi um pouco difícil para conhecer produtos, conhecer cremes, conhecer técnicas, porque não é a mesma coisa. Uma coisa é você hidratar o cabelo, que é alisado quimicamente, outra coisa é você hidratar o cabelo que não é alisado, que é natural, porque meu cabelo é natural. Não tenho química nenhuma, hoje, no cabelo. Porque nem toda, nem toda crespa cacheada é igual.*

Benilde: *Hum.*

Gasira: *Eu tenho 3 tipos de cabelos, de cachos. Isso dificulta para achar tipo de creme. E eu fui descobrir depois que eu testei, porque um lado da cabeça dá certo, outro não dá. (risos)*

Benilde: *E aí são diferentes texturas na mesma cabeça?*

Gasira: *Sim. Sim, eu tenho. Eu tenho cabelo crespo, 2 níveis de crespo e um cacheado, é, na frente que é cacheado, e atrás é crespo, então é. São 3 texturas, 3 texturas.*

Benilde: *O que é que o seu cabelo significa para você?*

Gasira: *Meu cabelo? Hoje? Hoje? Meu cabelo significa saúde! Para mim significa saúde, depois beleza.*

Benilde: *E o que significa para você mudar? Mudar esse cabelo, botar uma trança, tirar uma trança, fazer um penteado, fazer um corte, usar diferentes produtos, às vezes mais definido, às vezes mais volumoso. O que é que essas mudanças representam para você?*

Gasira: Flexibilidade. Porque se eu quiser fazer uma escova, eu faço. Se eu quiser fazer um penteado diferente, eu faço. Se eu quiser fazer um coração, quem que tem um cabelo liso que dá para fazer um coração com o próprio cabelo? O meu dá para fazer florzinha, coração.

A história de Gasira nos leva a pensar sobre os riscos que correm nossa saúde quando fazemos uso frequente de produtos químicos com a intenção de alisarmos nossos fios, contudo, esse relato também diz muito sobre o que já vimos discutindo vez ou outra aqui nesta dissertação, que é o tipo de beleza que é socialmente imposto. No instante em que ela diz que: “o complicado foi a perda de cabelo que eu perdi, eu perdi cabelo para depois entender que aquele cabelo não era meu, então eu fiquei doente, fiquei deprimida porque meu cabelo sangrava. É horrível você deitar, ter aquele monte de cabelo, aí você perceber que você estava num fluxo que você nem estava a fim de estar, mas você está lá porque todo mundo já fazia.”

Gasira e eu somos da mesma geração, temos praticamente a mesma idade, e crescemos no mesmo estado, vivemos em épocas em que se normalizavam alisar constantemente o cabelo. Essa era a norma, o cabelo só era considerado limpo e arrumado se estivesse alisado, no caso das mulheres, ou cortado bem baixinho, no caso dos homens (veremos isso no relato de Sanaa). Então, extrapolou-se alisar os cabelos em ocasiões somente consideradas especiais, tornou-se cotidiano o alisamento capilar – seja por via de progressiva ou relaxamentos, seja por via da chapinha ou escova –, com o uso do argumento de ser mais fácil e prático cuidar do cabelo quando alisados – fala recorrente de familiares que alisam os cabelos das crianças – como muito bem relatado por Gasira e outros participantes com faixa etária parecida com a dela.

A fim de dialogar com tudo que foi dito por Gasira, convoco, mais uma vez a refletir, a partir do que Isildinha Nogueira traz em *A Construção da Imagem do Corpo no Negro: Injunção ou Sobreposição do Racismo?* Situado em sua obra *A cor do inconsciente*, ao qual ela nos lembra que:

[...] o negro passa por um processo identificatório forjado no desejo do que seria ser “branco”; projeta, portanto, o branco que nunca será por condição biológica. Está posta, assim, uma dualidade fundamental, no que tange à estrutura psíquica do negro: uma dupla lacuna se instaura no processo de tornar-se sujeito, em que o real de sua condição de negro, enquanto tal, não é reconhecido, é negado e se nega. Que processo se daria, então, na elaboração do imaginário de alguém nessas condições? O negro sofre do medo permanente da perda da sua imagem, tal qual ele a mantém em sua representação imaginária: a de branco, mantida por um ideal de brancura. Entre o que o olhar do outro reflete para o sujeito negro e a imagem que o negro tem de seu próprio corpo negro, há, na verdade, uma coincidência. O que o olhar do outro lhe mostra, desse modo, é o que,

no seu desejo, o sujeito negro recusa: o fato de que ele é a encarnação do significado “negro”, na medida em que ele traz no corpo o significante “negro”. (2021, p.122)

Conforme vocês leram, para Gasira, seu cabelo “*significa saúde, depois beleza.*”
Conforme combinamos, veremos o que os demais participantes disseram.

5.12 OS MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS DAS CABELEIRAS

Para compreender os sentidos dos cabelos dos sujeitos que toparam participar da pesquisa, eu pensei em indagar qual é o significado de suas cabeleiras, após me relatarem tantas coisas, as respostas foram surpreendentes:

Mudança:

Benilde: *E hoje, qual que é o significado do seu cabelo para você?*

Palesa: *O significado? Que o cabelo me mostra que sempre tem uma nova possibilidade, independente do que vai acontecer, do que possa acontecer, sempre existe um caminho porque o cabelo, tipo hoje eu estou assim, daqui a pouco assim está. Não estou gostando. O que é que eu posso fazer para mudar o cabelo? É assim também e é assim como a vida, tipo ele o cabelo. Ele ensina muito que eu vejo que tem muita gente que me fala “aí, eu jamais conseguiria cortar”, eu jamais não, gente. A vida assim é cheia de possibilidades e o cabelo ele mostra isso.*

Benilde: *Hoje, qual que é o significado de seu cabelo para você depois de tudo isso que você me contou?*

Janna: *Eu gosto muito do meu cabelo, eu acho que faz diferença, assim na minha beleza. Eu gosto de arrumar o cabelo, tipo quando meu cabelo não está bom, não está bonito, eu não fico me sentindo muito bem quando ele está sem muita definição ou quando eu parto ele mais no meio eu me sinto muito infantil assim, sinto que meu rosto fica muito criança e eu gosto de cuidar do meu cabelo. Eu gosto de estar pesquisando sobre. É, pra saber cuidar melhor. Eu gosto de cortar ou pensar, “nossa esse corte vai dar certo com o meu cabelo”. E é isso, eu gosto de mudar, pouco assim, que eu sou meio resistente à mudança.*

Personalidade:

Luena: Olha eu me identifico com meu cabelo. Eu gosto, ele faz parte da minha personalidade, assim, do meu ser. Aprendi gostar e não tenho problema com isso não. Porque ele é uma parte de mim; e nem tenho apego por que eu adoro mudar não tenho apego no cabelo assim não, é meu né? (risos) é meu, faz parte de mim. Acho que hoje, eu nem conseguiria ver ele diferente, agora já parei de tentar mudar um pouco e o que importa é o que eu penso; é o que eu acho, não dá pra ficar mudando pra agradar os outros, né?! Pra você provar que você é uma mulher negra, ou seja o que for, né?! Mas eu gosto, eu gosto tenho uma relação boa com ele.

Alika: Meu cabelo significa, pra mim, a minha personalidade, que eu não tinha e hoje eu tenho. E pra mim, eu sou isso, eu sou movida pelo cabelo.

Movimento:

Akin: meu cabelo é movimento, é uma forma de eu expressar a minha ancestralidade e a minha negritude, é a forma como você se move no mundo é através da sua imagem, da sua estética, do seu corpo, né?!

Zuri: Ah (respiro fundo) tanta coisa, tanta coisa o cabelo me fez me descobrir. Me conhecer o cabelo me faz eu me conhecer cada vez mais, porque no momento que eu tô cuidando do meu cabelo é o momento de autorreflexão, de autoconhecimento, é o momento de eu me olhar. Eu acho que pra além de eu estar ali trançando fazendo, ó esse penteado eu fiz ontem com essas bolinhas³⁹. Então, pra além de eu tá ali fazendo um cabelinho diferente, cada semana é um momento em que eu paro para me conhecer, pra eu saber o que tá se passando no mundo comigo aqui dentro. Então, pra mim, cabelo é empoderamento, é autoconhecimento, é beleza, é esse acesso das nossas origens, né? Esse carnaval eu saí de oxum⁴⁰, e oxum ela é a deusa da beleza, né? Mas ela também é ela utiliza do espelho pra além de olhar pra sua beleza, mas também como uma ferramenta de saber o que os inimigos em volta ali, onde é que eles estão pra tá de olho em tudo em volta, né? Então essa relação com meu cabelo acho que também me permitir tá em não tanto quanto pessoas que são é assim não fala sarará, né?

³⁹ Zuri não é trancista profissional, ela trança apenas seu cabelo, o de sua irmã e de seu sobrinho.

⁴⁰ Zuri faz parte de um grupo que desfila todo ano em blocos carnavalescos.

Pessoas mais claras, negros mais claras. Mas também me faz pra receber dois olhares, o olhar de quando eu tô black power e o olhar de quando eu tô trançada. Então a gente percebe muito quem são as pessoas, quem é essa pessoa que me olha diferente que tá no meu ciclo me olha diferente quando eu tô trançada e quando eu tô com cabelo black power então faz acessar essa potência das ancestralidades dos Orixás, né? É ali, a beleza, mas eu também tô eu tô bonita, mas eu também tô observando que você só me acha bonita quando eu tô com o cabelo trançado. Eu solto o meu cabelo e eu vou pra aquele espaço black power, porque é como se fosse o meu jeito de demarcar essa sou eu, sabe? Então eu gosto bastante disso (risos).

Benilde: *Que interessante! Você acha que o cabelo transmite uma mensagem?*

Zuri: *Manda uma mensagem exatamente ele carrega uma mensagem com o cabelo exatamente. Esse seu sentir, esse seu interno. Que às vezes as pessoas querem branquealizar a gente também, né? Querendo tornar a gente meio que brancos, porque a gente tá em espaços predominantemente por pessoas brancas, a gente tá fazendo cultura. No maracatu a maioria das pessoas são brancas e às vezes as pessoas te colocam como se tu fosse uma delas “eu não sou uma de vocês eu sou muito diferente” então às vezes é preciso mostrar para além do falar é preciso mostrar “olha essa sou eu” (risos)*

Benilde: *Ah que legal. E você percebe que o cabelo é uma via de demarcar essa diferença? E de mostrar pra sociedade.*

Zuri: *É eu acho. Para além da cor da pele. É junto com a cor da pele, né? Que a cor da pele chega ali primeiro mas o cabelo a gente teria a opção de esconder um pouco essa negritude, né? Mas eu acho, né, que é um jeito de tu demarcar também a tua negritude, é uma forma que eu uso pra demarcar quando eu uso miçangas, quando eu uso, né, ele colorido quando eu uso tranças diferentes de black power, com coque pra cima, é uma forma de dizer eu tenho orgulho da minha raça, eu tenho orgulho da minha cor, eu tenho orgulho da minha origem, eu tenho orgulho do meu cabelo, eu gosto dele, eu brinco com ele. Eu acho que a gente gostar da gente, de brincar com a gente, né? É tu, não seria tu rir de ti mesma mas é de certa forma se tu rir de si mesma é porque tu gosta de ti, tu tem coragem de brincar contigo mesma, né?*

Alguns participantes afirmaram que o cabelo compõe e/ou é a identidade deles:

Benilde: *Hoje, qual é o significado do seu cabelo pra você?*

Bintu: *Primeiramente, eu acho que faz parte da minha identidade, sabe? Então, assim eu me reconheço muito no meu cabelo, porque sempre que as pessoas querem falar sobre mim eles se baseiam muito no “ai Bintu tem um cabelo assim. É uma característica que faz parte da minha identidade cultural assim também. Então eu acabei me identificando muito tanto que de vez em quando demora muito, na verdade mais um ano ou outro, que eu faço uma chapinha pra ver como eu fico, eu não me reconheço, assim, não me reconheço, me sinto muito comum, sabe? Parece que eu perco toda minha identidade, assim me sinto comum.*

Dayo: *significa quem eu sou! O cabelo como possibilidade de se autoconhecer e de construir uma identidade própria. Eu digo: “hoje vou sair de cabelo! Assumindo as raízes e enfrentando o racismo”.*

Kaneel: *Eu acho que realmente não tem como não falar da kaneel sem falar do cabelo dela. Não consegue, porque é uma extensão de mim em todos os sentidos, porque foi muita a maneira como eu me construí no mundo mesmo, sabe? E foi muito o meu o meu marcador. Me senti bonita para eu me sentir eu realmente. Quando você falou do seu tema, eu pensei, faz total sentido, porque cabelo é identidade e a identidade é o que a gente ama.*

Sanaa: *Eu vejo uma identidade que eu me reconheço, e que eu sinto uma resistência porque não tem nada igual e não tem nada apoiando isso para que seja valorizado, então, acho que é aí que eu vejo que é político também, porque a resistência é algo político, no caso, então eu consigo ao mesmo tempo me identificar com essa parada.*

Alguns sujeitos ainda disseram que o cabelo significa liberdade, força, expressão, autoestima e até uma via para se sentirem belos e para autoafirmar-se.

Erasto: *Meu cabelo significa liberdade, e eu comecei a deixar crescer, e eu comecei a deixar ele bonito, eu me sentia lindo, quando eu tô com o cabelo grande, eu adoro. Meu cabelo é power, é poder, liberdade, força, expressão, é a expressão do poder. Deixar o cabelo crescer, deixar se avolumar é poder, eu acho lindo, quanto mais volume, ahh, eu enxergo muito poder no cabelo.*

Kayin: *Através do cabelo, eu me autoafirmo. Eu comecei a me sentir belo. Eu lembro que foi meio no susto assim que eu comecei a me achar belo, eu começava a sair, as pessoas me paravam assim: “nossa, você é muito bonito!” Eu ficava assim: “que que essa pessoa quer de mim?” Chocado. Isso foi virando recente, eu me reconhecendo com o espelho, eu comecei a buscar referências de pessoas que se parecem comigo. É um processo bem recente, tem aquela música do Baco Exu do Blues que ele fala tipo assim: “eu só tô tentando achar a autoestima que roubaram de mim” (disse cantarolando) e aí tem um pedaço da música em que ele fala que “foram 25 anos para eu me achar lindo”. E essa música bate certinho comigo. Eu acho que a estética, o cabelo atravessa muito isso porque é uma autoafirmação, sabe!?*

Seria impossível falar sobre cabelos e não chegar na pauta da identidade negra e da beleza negra. Como se percebe, o conceito de identidade recobre uma realidade muito mais complexa do que se pensa, englobando fatores históricos, psicológicos, linguísticos, culturais, político-ideológicos e raciais (Gomes, 2020). A partir de todos esses relatos, percebemos que os cabelos são constituintes de identidades.

Como sugere a professora e psicóloga Kátia Maheirie, podemos sim utilizar a “categoria ‘constituição da identidade’, desde que a compreendamos como uma construção inacabada, aberta e mutável, em constante movimento.” (Maheirie, 2002, p. 42). No prefácio do livro da Isildinha Nogueira, Abrão Slavutzky diz: “A imagem do corpo é fundamental, pois ele é estruturante na identidade do sujeito.” (2021 p.19) Nossas identidades são compostas tanto pelo auto-olhar quanto pelo olhar do outro.

Nossos cabelos podem servir de veículos para a construção e afirmação de nossas negritudes, principalmente de forma positivada, capaz de fortalecer e estruturar as pessoas negras para resistir às violências do racismo. Afinal, como diz Nilma Gomes (2020, p. 29), “para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária.”

6 FORMANDO UM PENTEADO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O meu penteado vai além de aparência
 Representa minha cultura
 Resistência (resistência)
 (...)
 Cabelo crespo, black power, trança, dread
 Preto é lindo
 É uma beleza
 (...)
 Comédia, olha essa boca
 Não é cabelo ruim
 É cabelo crespo
 Como é ruim
 Se no black se passa o garfo uma vez
 E fica perfeito?
 Tão bonito, natural
 Não precisa nem gastar uma fortuna com o tratamento
 Não invejam o fraco
 Por isso querem que minhas qualidades se tornem defeito
 Meu cabelo crespo, tão lindo ele é
 Minha pele preta, tão linda ela é
 Carrego atitude, da cabeça aos pés
 Eu vim de Wakanda, filho de África
 (...)
 Aka Rasta – Cabelo Crespo⁴¹*

Chegou o momento de trançarmos as (escre)vivências expostas até o momento. Nesta pesquisa procurei compreender os sentidos e o lugar que o cabelo ocupa na construção da negritude, a partir dos relatos dos sujeitos entrevistados – treze pessoas negras com idade média de 30 anos. Para alcançar essa compreensão, além de acessar algumas informações como gênero, idade, local onde nasceu e onde residem atualmente, foi necessário escutar a história capilar destas pessoas, pois foram suas histórias que ajudaram a pensar como que a partir do cabelo, dentro de uma sociedade estruturada pelo racismo e o sexismo, se definem lugares dentro do ordenamento social. Ou seja, são produzidos estereótipos racistas e sexistas como: a aparência de suspeito ou de confiável (o exótico e o civilizado), o feio ou o belo, o másculo ou o feminino (considerando também comprimento e corte), o elegante/luxuoso ou o inapropriado/ desafortunado, o recatado ou o sensual, o higiênico/limpo ou o desleixado/sujo, o organizado/centrado ou o desorganizado/desatento etc.

⁴¹ Música *Cabelo Crespo* de Aka Rasta ou Guilherme Ramos, que é um artista original de Curitiba-PR e também criador do coletivo Astro Gang.

As análises desta dissertação demonstraram as singularidades da vivência racial a partir da história capilar de cada participante, porém, as análises também alcançaram uma percepção conjunta de significados e vivências compartilhadas que se assemelham e convergem de forma que anunciam uma identificação de coletividade. A forma como as categorias foram analisadas, na maioria das vezes com no mínimo dois participantes, demonstra essas confluências. As pareências que foram surgindo ao longo das entrevistas, eu fui tentando agrupar e descrever para que vocês, leitoras(es), conseguissem também perceber esses cruzamentos.

Bintu, Janna, Kaneel e Luena são as mulheres que, em alguma circunstância da vida, seja por conta do estado ou da cidade que estavam; seja no ambiente familiar, visto que todas elas são fruto de união interracial; seja em ambientes de trabalho, porque algumas já experienciaram ou já se candidataram para cargos de liderança; seja nas instituições de educação que elas frequentaram em algum momento da vida. Todas essas mulheres, em algum momento, já foram heteroidentificadas como morenas (na tentativa de embranquecê-las); elas relatam em diversos momentos o quanto que, ao longo da vida, elas tiveram e ainda têm que reafirmar para a sociedade que são mulheres negras e não morenas. Luena ainda conta com o fator de que seu cabelo é naturalmente liso, e ela relata alguns episódios em que teve que provar que seu cabelo não é alisado, mas sempre reafirmando a sua negritude e lembrando que ela não deixa de ser negra pelo fato do seu cabelo não ser encrespado, antagonizando-se assim a uma concepção da/o negra/o como aprisionada/o a uma ideia imagética universal, negando a pluralidade estética e fenotípica das pessoas negra.

Bintu, Janna e Kaneel viram a transição capilar como um meio para afirmar suas negritudes, para que, a partir de então, as pessoas as olhassem e não duvidassem que, de fato, elas são negras; um movimento compreendido por elas de voltarem às suas raízes, de afirmação de um orgulho crespo/cacheado. Algo bem parecido ocorre nas histórias capilares de Alike, Palesa e Zuri. Elas, mesmo que sendo pessoas de pele retinta, afirmam que deixar os fios de seus cabelos crespos, foi uma via para o soerguimento de sua autoestima, bem como da afirmação de suas negritudes. Afinal, como diz Zuri: “a cor da pele chega ali primeiro, mas o cabelo a gente teria a opção de esconder um pouco essa negritude, né?”. Percebemos que a partir do momento em que elas deixam de alisar seus cabelos, passam a usar tranças, a avolumar seus cabelos, deixando-os num formato de *black power*. A pretensão já não é mais de escamotear as texturas reais de seus fios, mas sim de expor e assegurar explicitamente que se é uma pessoa negra.

Vimos que o cabelo é um marcador social da diferença e, conseqüentemente é uma via de denúncia inquestionável, a maioria das(os) participantes asseveraram e confirmaram isso, ou seja, as pessoas não mais duvidam que você é negra(o) ‘de verdade’. Dayo e Erasto explicitaram as estratégias que eles já utilizaram na tentativa de se aproximarem de um padrão branco e/ou para esconder a real forma de seus cabelos, como “*passar três vezes na semana, produto no cabelo*”, “*usar touca na cabeça*” e “*eu cortava meu cabelo sempre baixo, muito baixo*”. Sanaa também relatou que grande parte da sua vida cortou o cabelo bem baixinho, o que ele chama, primeiro de “social 1 e 2”, e posteriormente de “social 1 e 1”.

Quase todas(os)(es) participantes falaram sobre o olhar dos outros. Lembrando mais uma vez, que este “outro” aqui é uma pessoa branca, mais especificamente pessoas identificadas e reforçadoras da ideologia da branquitude. Há relatos de condutas intransigentes por parte desses “outros”, que através do olhar já expõe de uma forma não tão sutil assim, o racismo que ali está introjetado. Akin, por exemplo, levantou uma questão que consubstancia a vivência dicotômica que é ser uma pessoa negra no Brasil, quando ele ressalta que ser negro é uma “*experiência que é de alegria e sofrimento ao mesmo tempo*”. Akin é do Nordeste (Bahia) do país, e, assim como Kayin e Dayo, que vieram da região Sudeste (Minas Gerais e São Paulo, respectivamente), e Bintu – que veio do Norte (Pará). Atualmente, todas essas pessoas estão erradicadas no Sul (Santa Catarina), disseram perceber uma diferença discrepante na forma como eram tratadas e também heteroidentificadas na região que se encontram atualmente.

Esse fator regional também pode ter implicado na forma como ocorreu os cruzamentos dos sujeitos participantes, no momento de analisar algumas categorias, duas delas, em especial, nos capítulos “Qual é o pente que te penteia? Do pente quente ao pente garfo”, em que conto as histórias capilares de Palesa e Zuri, duas mulheres retintas que nasceram em Santa Catarina e com idade bem próximas (37 e 36 anos), e “Nega do cabelo bom ou nega do cabelo ruim?” que abarca as histórias capilares das jovens Janna e Kaneel, ambas com 22 anos, nascidas no estado de Goiás e de famílias interracialais. Penso que tanto os fatores regionais quanto a faixa etária dos sujeitos participantes foram critérios que colaboraram para que eu identificasse ali inúmeras semelhanças. Inclusive, a partir das histórias capilares narradas por essas participantes, percebe-se que o fator geracional é uma questão que colabora tanto para a diminuição dos alisamentos capilares – como vimos no caso da Janna que alisou seus fios apenas duas vezes ao longo da vida –, quanto para o uso de tecnologias menos agressivas – no caso de Palesa e Zuri que, além do pente quente, utilizaram produtos de farmácia para “relaxar” a texturas dos fios. Sabemos que alguns desses produtos são extremamente prejudiciais à saúde,

como constata a história capilar de Gasira, que afirma que seu cabelo, hoje, significa saúde. Percebe-se assim, um processo de intersecção de categorias que contribuem para formas semelhantes ou distintas de atribuírem sentidos em suas trajetórias capilares.

A partir dos significados capilares, nota-se que o cabelo tem plurais sentidos para as pessoas que participaram da pesquisa. O cabelo pode ser mudança, personalidade, identidade, movimento, liberdade, força, expressão, autoestima, negritude, saúde e até um caminho para se sentirem belas(os) e para autoafirmarem-se. Em *O Movimento Negro educador*, de 2017, Nilma Lino Gomes ressalta que:

[...] ao refletirmos sobre a beleza expressa no corpo, e sobre tudo no corpo negro, sempre devemos considerar que o negro se expressa visualmente por meio do destaque (consciente e inconsciente) e da valorização dos sinais diacríticos que possui. Na sociedade brasileira, a cor da pele e o cabelo são utilizados como critérios definidores de beleza ou de feiura dentro do nosso sistema de classificação racial. Há um conflito entre padrões estéticos de beleza e fealdade e estes passam por uma discussão étnico-racial. Estamos, portanto, em uma zona de tensão. É dela que emerge um padrão de beleza corporal real e um ideal. No Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço. (Gomes, 2017, p. 111)

A partir de tudo que vimos neste trabalho, podemos concluir que o cabelo é uma característica privilegiada na qual o racismo se manifesta. O cabelo é definidor de: se a pessoa é negra ou não, “no contexto do racismo há uma rápida associação entre beleza e branquitude, fealdade e negritude. A beleza dos corpos passa a ser regulada por padrões estéticos eurocentrados construídos no contexto do racismo.” (Gomes, 2017, p. 110). Mas podemos concluir também que o cabelo é uma via para a construção, manutenção e afirmação da negritude, é um meio para compor a autoestima. E sabemos que a autoestima impacta nas nossas relações sociais; logo, compreendemos que o movimento estético-político negro é também uma forma de se relacionar diretamente consigo mesmo, é se conectar e soerguer a autoestima de forma genuína e orgânica. O fato de o cabelo vir a ser crespo corrobora para um vir a ser negro. Como diz Neusa Souza, “ser negro não é uma condição dada, *a priori*. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.” (Souza, 1983, p.77). Portanto, tornar-se crespa(o), cacheada(o), trançada(o), dentre vários outros tipos de penteados que podemos formar com nossos fios, é um caminho potente para acessar essa negritude positivada.

Caminhando para a finalização do penteado desta dissertação, penso ser importante explicar os limites desta pesquisa, considerando que é uma temática que pretendo continuar trabalhando dentro da minha experiência teórico-prática. Esta dissertação *investigou os sentidos e o lugar que o cabelo ocupa na construção da negritude desses sujeitos*. Durante a travessia

deste estudo, entendi que seria enriquecedor dialogar sobre cabelos com cabeleireiras(os), trançistas, as/os pessoas negras que experienciaram viver sem fios de cabelos na cabeça, por ‘n’ motivos – seja por doença, por algum rito religioso ou por questões etárias, como calvície, por exemplo. Além disso, penso que seria muito interessante escutar das crianças negras quais são os sentidos de seus cabelos; e quem sabe produzir um material voltado para o público infantil sobre a importância da valorização de nossas negritudes.

Esta temática me atravessou durante esses quase dois anos e seguirei atravessada por ela, que me deixa esperançosa e otimista para acessar espaços onde a beleza negra não é tão requisitada e, quem sabe, ampliar o debate sobre negritude em campos que predomina, discursos hegemônicos e/ou que só abrem brechas para falar das dores. Então me proponho a continuar na caminhada, lembrando a frase do saudoso mestre Nego Bispo⁴², que anunciou: “Eu vou falar de nós ganhando. Porque pra falar de nós perdendo eles já falam”. Falar de negritude é falar de nós ganhando, é falar sobre mim, sobre nós, seguiremos.

Para fechar com “presilha de ouro”, gostaria que considerassem mais uma vez meus agradecimentos, pois agradeço a todas(os)(es) as pessoas negras que participaram desta pesquisa, às professoras que compuseram às bancas de qualificação e defesa Eliane Silvia Costa, Marivete Geser e Kátia Maheirie, a orientadora Lia Vainer Schucman, e, em especial a todas as pessoas que se propuserem ler esta dissertação, que, além de ter sido realizada por muitas mãos, é também fruto de um sonho geracional.

⁴² Vídeo disponível em @rocaquilombo

7 REFERÊNCIAS

- Almeida, S. L. (2018). *O que é racismo estrutural?* Letramento.
- Almeida, D. P. (2022) *Esse cabelo* (1.^a ed.). Todavia.
- Andrade, E. (2023). *Negritude sem identidade: sobre as narrativas singulares das pessoas negras*. n-1 edições.
- Anzaldúa, G. (1987). *Borderlands: the new mestiza = La frontera*. Aunt. Lute.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101.
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706QP0630A>
- Benedetti, L. (2022). Pente Garfo: conheça a história do clássico acessório black dos anos 70. *Universo Retrô*. <https://universoretro.com.br/pente-garfo-conheca-a-historia-do-classico-acessorio-black-dos-anos-70/c>
- Bento, M. A. S. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras.
- Bento, M. A. S. (2002). *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/pt-br.php?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br
- Bleger, J. (1998). *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. Martins Fontes.
- Bueno, W. (2023). *Por que você não acredita em mim*. Harper Collins.
- Carneiro, S. (2011). Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. Selo Negro.
- Carine, B. (2023). *Como ser um educador antirracista* (3.^a ed.). Planeta do Brasil.
- Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista ciências sociais hoje*, 2(1), 223-244.
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4928667/mod_resource/content/1/RACISMO%20E%20SEXISMO%20NA%20CULTURA%20BRASILEIRA.pdf
- Carone, I., & Bento, M. A. S. (2002). *Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Vozes.
- Cavalleiro, E. (2000). *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. Contexto.
- Césaire, Aimé (1987) *Discurso sobre a negritude*. Nandyala.

- Conselho Federal de Psicologia. (2022). Resolução n. 18, de 11 de agosto de 2022. Cria o Sistema de Avaliação de Práticas Psicológicas Aluízio Lopes de Brito e estabelece diretrizes para o seu funcionamento. *Diário Oficial da União*. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-18-de-11-de-agosto-de-2022-423857383>
- Costa, J. F. (1983). Da cor ao corpo: a violência do racismo. In N. S. Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Graal.
- Costa, E. S. (2012). *Racismo, política pública e modos de subjetivação em um quilombo do Vale do Ribeira* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-13082012-104304/pt-br.php>
- Collins, P. H., & Bilge, S. (2020). *Interseccionalidade*. Boitempo.
- Domingues, P. J. (2005). Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, 10(1), 25-40. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2005v10n1p25>
- Evaristo, C. (2020). A Escrivência e seus subtextos. In C. L. Duarte & I. R. Nunes (Org.). *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Mina Comunicação e Arte.
- Evaristo, C. (2017). *Becos da memória*. (3ª ed.). Pallas.
- Evaristo, C. (2007). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In Alexandre, Marcos A. (org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces* (pp. 16-21). Mazza Edições.
- Evaristo, C. *História de leves enganos e parencas*. Malê, 2016.
- Fraser, M. T. D., & Gondim, S. M. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 14(28), 139–152. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004>
- Foucault, M. (1998). *Genealogia del racismo*. Altamira.
- Fanon, F. O. (2008). *Pele Negra, máscaras brancas* (R. Silveira, Trad.). EDUFBA.
- Fanon, F. O. (2022). *Os condenados da terra*. Zahar.
- Freyre, G. 2004. *Casa-Grande & Senzala*, (50.ª ed.). Global Editora.
- Gomes, N. L. (2002). *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade nos salões étnicos de Belo Horizonte*. [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://repositorio.usp.br/item/001249681>
- Gomes, N. L. (2009). Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In B. S. Santos, & M. P. Meneses (Org.). *Epistemologias do Sul*. Cortez.

- Gomes, N. L. (2017). *O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação*. Vozes.
- Gomes, N. L. (2020). *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra*. Belo Horizonte.
- Gomes, N. L. & Araújo, M. (2023). *Infâncias Negras: vivências e lutas por uma vida justa*. Editora Vozes.
- Gomes, C., & Duque-Arazola, L. S. (2019). Consumo e identidade: o cabelo afro como símbolo de resistência. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, 11(27), 184-205. <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2019.v11.n.27.p184-205>
- Gonzales, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, 2(1), 223-244. <https://comunicacaoesporte.com/wp-content/uploads/2021/08/06-gonzales-lelia-racismo-e-sexismo-na-cultura-brasileira-1.pdf>
- Grosfoguel, R. (2016). A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, 31(1), 25-49. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>
- Guimarães, A. S. A. (2003). Como trabalhar com "raça" em sociologia. *Educação e Pesquisa*, 29(1), 93-107. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100008>
- Hall, S. (2021). Raça, o significante flutuante. *Z cultural: revista do programa avançado de cultura contemporânea*. <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%EF%80%AA/>
- Hasenbalg, C. A. (1979). *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Graal.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 07-41. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>
- hooks, b. (2019). *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Elefante.
- hooks, b. (2023). *Irmãs do iname: mulheres negras e autorrecuperação* (1.ª ed.). WMF Martins Fontes.
- hooks, b. (2019). *Olhares negros: Raça e representação*. Editora Elefante.
- Ibirapitanga & Schucman L. V. (2023). *Branquitude: diálogos sobre racismo e antirracismo* (1.ª ed.). Fósforo.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018). *Pnad – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020). *População*. IBGE.

- Instituto Capilare (2021). *Como lidar com as formas e texturas na transição capilar?*. <https://institutocapilare.com.br/blog/como-lidar-com-as-formas-e-texturas-na-transicao-capilar/>
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano*. Cobogó.
- Le Breton, D. (2006). *A sociologia do corpo*. Vozes.
- Lima, E. F. (2019). Racismo no plural: um ensaio sobre o conceito de racismos. In E. F. Lima et al. (Org.), *Ensaio sobre racismos: pensamento de fronteira*. Balão Editorial.
- Lugones, M. Rumo a um feminismo decolonial. In Hollanda, H. B. (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais* (pp. 369-391). Bazar do Tempo, 2019.
- Lugones, M. (2020). Colonialidade e Gênero. In Hollanda, H. B. (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais* 1.^a ed, (pp. 52-83). Bazar do Tempo.
- Maheirie, K. (2002). Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações*, 7(13), 31-44. <https://www.redalyc.org/pdf/354/35401303.pdf>
- Martín-Baró, I. (1997). O papel do Psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 2(1), 7-27. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>
- Martins, E.; Santos, A. O., & Colosso, M. (2013). Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 15(3), 118-133. <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193829739009.pdf>
- Martins Filho, M. T. & Narvai, P. C. (2013). O sujeito implicado e a produção de conhecimento científico. *Saúde Debate*, 37(99), 646-654. <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/mg98rPPxkvyKSPTyD9h7pBj/?lang=pt>
- Masiero, A. L. (2005). A Psicologia racial no Brasil (1918-1929). *Estudos de Psicologia*, 10(2), 199-206. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000200006>
- Merhy, E. E. (2004). O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio de reconhecê-lo como saber válido. In T. B. Franco et al. (Org.). *Acolher Chapecó: uma experiência de mudança com base no processo de trabalho* (pp. 21-45). HUCITEC.
- Mignolo, W. (2008). Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, 34(1), 287-324. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4251728/mod_resource/content/0/op%C3%A7%C3%A3o%20descolonial%20walter%20mignolo.pdf
- Molon, S. I. (2011). Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. *Psicologia em Estudo*, 16(4), 613-622. <https://www.scielo.br/j/pe/a/CTvCMKmmrhks6GkZmdRM5tm/>
- Munanga, K. (2020). *Negritude: usos e sentidos* (4.^a ed.). Autêntica - Coleção Cultura Negra e Identidades.
- Nascimento, L. (2021). *Tudo nela é de se amar: a pele que habito e outros poemas sobre a jornada da mulher negra*. Estação Brasil.

- Nascimento, M. B. (2022). *O negro visto por ele mesmo*. Ubu Editora.
- Nogueira, O. (2006). Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social: revista de sociologia da USP*, 19(1). <https://doi.org/10.1590/S0103-20702007000100015>
- Nogueira, I. N. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. Perspectiva.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Lander, E. (Org), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. CLACSO.
- Rosemberg, F. (1987). Relações raciais e rendimento escolar. *Cadernos de pesquisa*, 63, 19-23. http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-15741987000400003&script=sci_abstract
- Santana, B. (2015). *Quando me descobri negra*. SESI-SP editora.
- Santos, A. O. & Schucman, L. V. (2015). Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogos (as). *Revista. Epos*, 6(2), 117-140. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2178700X2015000200007&script=sci_arttext
- Santos, G. A. D. (2002). Selvagens, exóticos, demoníacos: idéias e imagens sobre uma gente de cor preta. *Estudos Afro-Asiáticos*, 24, 275-289. <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2002000200003>
- Santos, H. (2022). *A resistência negra ao projeto de exclusão racial: Brasil 200 anos (1822-2022)*. Jandaira Editora.
- Schucman, L. V. (2010). Racismo e Antirracismo: a categoria raça em questão. *Psicologia Política*, 10(19), 41-55. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4000283>
- Schucman, L. V. (2012). *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/en.php>
- Schucman, L. V. (2018). *Famílias inter raciais: tensões entre cor e amor*. EdUFBA.
- Souza, L. K. D. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática: Arquivos Brasileiros de Psicologia, 71(2), 51-67. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005
- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro*. Graal.
- Sovik, L. (2004). Aqui ninguém é branco: hegemonia branca no Brasil. In Ware, V. (org.), *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo* (pp. 363-386). Garamond.

- Spink, P. K. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & sociedade*, 15(2): 18-42. <https://www.scielo.br/j/psoc/a/nSkXqD7jKvgdrTFYGMtF8gP/abstract/?lang=pt>
- Spink, P. K. (2008). O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, 20(spe), 70-77. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400010>
- Tolentino, L. (2023) *Sobrevivendo ao racismo: Memórias, cartas e o cotidiano da discriminação no Brasil* (1.^a ed). Papyrus 7 mares.
- Veiga, L. M. (2019). Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31, 244-248. https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000
- Vygotsky, L. S. (2001). *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1987). *Pensamento e Linguagem*. Martins Fontes.
- Zamboni, M. (2014). Marcadores Sociais da Diferença. *Sociologia: grandes temas do conhecimento*, 1, 14-18. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509716/mod_resource/content/0/ZAMBONI_MarcadoresSociais.pdf

8 ANEXOS

8.1 Anexo 1 – Fotografias

Figura 2 – Folder de divulgação da peça de teatro da Cia Nosso Olhar em Florianópolis. O tema da peça é cabelo com foco em transição capilar



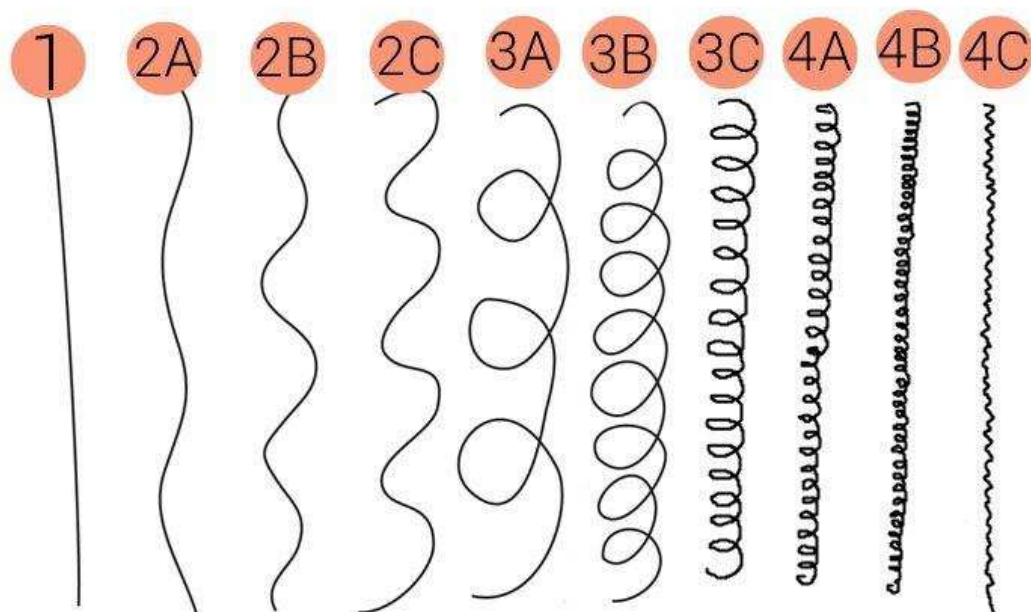
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 3 – Linha do tempo: fases da transição capilar



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 4 – Tipos de texturas que os fios de cabelo podem ter



Fonte: Instituto Capilare, 2021.

Figura 5 – Pente quente ou pente de ferro manual



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6 – Pente quente ou pente de ferro elétrico



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 7 – Pente garfo



Fonte: Benedetti, 2022.

Figura 8 – Chapinha/prancha



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 9 – Presilha de cabelo muito conhecida como Bico de pato



Fonte: Arquivo pessoal.

9 APÊNDICES

9.1 Apêndice 1 – Roteiro de entrevista

Nome: _____

Idade: _____

Gênero: _____

- 1) De onde você é? (Qual sua origem?)
- 2) Como você se define racialmente?
- 3) O que significa para você ser XXX (resposta da nº 1-preto, pardo...)?
- 4) Você consegue me dizer no seu cotidiano quando você se lembra que você é XXX (preto, pardo...)? Quando isso aparece? [vê se a pessoa fala do cabelo antes de mim]
- 5) Fale sobre o seu cabelo. Me conta um pouco da sua relação com o seu cabelo (infância, vida adulta)
- 6) Você já usou algum produto químico para alisar/relaxar o cabelo?
- 7) Quando e por que você começou a usar esses produtos no cabelo?
- 8) Você ainda usa química no cabelo?
- 9) Você está ou já passou pela transição capilar?
- 10) Quanto tempo durou sua transição capilar?
- 11) Você fez o BC (Big Chop)? Ou usou apenas tranças?
- 12) Quando você cortou o cabelo, como se sentiu?
- 13) Como você se sentia antes e depois do BC?
- 14) Como foi o processo de transição? O que facilitou ou dificultou mais o processo?
- 15) Quando você começou a usar tranças?
- 16) Quem fazia as tranças em você? (Como que era essa relação no momento de fazer as tranças?)
- 17) Como você se sentia antes e depois das tranças?
- 18) Sofre ou sofreu algum preconceito em relação ao seu cabelo? De quem? Como foi?
- 19) O que o cabelo significa para você? / O que mudar o cabelo significa para você? (Tem relação com a negritude?) (Em relação a pertencimento, em relação ao corpo?)
- 20) Você gostaria de falar mais alguma coisa?

9.2 Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Meu nome é Benilde Silva Portuguez e estou desenvolvendo a pesquisa, “Cabelo como afirmação de negritude”, à qual lhe convido a participar. A pesquisa tem por objetivo compreender as implicações (qual é o impacto e o lugar) da transição capilar e a produção das tranças na construção da negritude. Esta pesquisa é relevante para pensar a negritude – tendo como vias principais o corpo e o cabelo, por meio do processo de transição capilar e do uso de tranças. Para tanto, serão realizadas entrevistas gravadas em um encontro com você. Este momento pode trazer algum constrangimento para você, porque pedirei que você me conte algumas coisas de sua vida pessoal e pedirei a você permissão para usar um gravador para registrar a sua fala, mas esperamos que traga benefícios para você e para a população negra em geral, pois, com esta pesquisa, poderemos refletir e pensar sobre a importância do cabelo como fator constitutivo de subjetividade e como meio para o tornar-se e afirmar-se pessoa negra. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser mais fazer parte do mesmo, pode entrar em contato pelo telefone (64) 99979-5036 ou e-mail benilde.portuguez@gmail.com. Se você estiver de acordo em participar, posso garantir que as informações fornecidas serão confidenciais e só serão utilizadas neste trabalho.

Nome da pessoa participante: _____

Data da gravação: ____/____/____

Assinatura do participante da pesquisa

CPF

Assinatura da pesquisadora responsável pelo estudo

Data

9.3 Apêndice 3 – Significados dos nomes fictícios escolhidos para cada participante

Nome Fictício	Significado dos nomes
Akin	filho de coragem
Alika	mais bela entre as belas
Bintu	bonita com deus
Dayo	possuidor de alegria
Erasto	que possui amor
Gasira	corajosa
Janna	pedaço do céu
Kaneel	canela
Kayin	filho célebre
Luena	lua/calma /iluminada
Palesa	flor
Sanaa	arte
Zuri	linda/bonita